



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**DELPHINUS FULGENCE KALATUNGA**

**LEIGOS E MISSIONAÇÃO EM ÁFRICA NO PÓS-CONCÍLIO: O PAPEL DAS  
CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS EM PORTUGAL**

**Dissertação Final**

**sob orientação de:**

**Professor Doutor Paulo Fernando de Oliveira Fontes**

**Lisboa**

**2022**

## ÍNDICE

<b>SIGLAS E ABBREVIATURAS</b> .....	8
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO 1: O IMPACTO DO II CONCÍLIO DO VATICANO NA MISSÃO DA IGREJA CATÓLICA EM ÁFRICA</b> .....	12
1. A Renovação de apostolado dos leigos no II Concílio do Vaticano .....	12
1.1. <i>A Lumen Gentium</i> .....	14
1.2. <i>A Gaudium et Spes</i> .....	16
1.3. <i>Apostolicam Actuositatem</i> .....	19
1.4. <i>Christifideles laici</i> .....	22
2. As questões do desenvolvimento e da independência dos povos como desafios à missão da Igreja no II Concílio Vaticano.....	23
2.1. <i>Mater et Magistra</i> .....	24
2.2. <i>Pacem in Terris</i> .....	28
2.3. <i>Gaudium et Spes</i> .....	29
2.4. <i>Populorum Progressio</i> .....	30
2.5. O Sínodo dos Bispos .....	32
2.6. <i>Sollicitudo Rei Socialis</i> .....	33
2.7. <i>Centesimus Annus</i> .....	36
2.8. <i>Fratelli Tutti</i> .....	36
3. A Missionação em África e a Teologia Africana após o II Concílio do Vaticano .....	38
3.1. Origem da expressão Teologia Africana .....	38
3.2. A gênese da Teologia Africana .....	39
3.3. O Ponto de partida da Teologia Africana (1955-1956).....	40
3.4. O debate sobre a necessidade e possibilidade da Teologia Africana entre 1960 e 1974.....	41
4. Principais tendências da Teologia Africana .....	43
4.1. Teologia da adaptação.....	43

4.1.1. Os limites deste processo de adaptação.....	44
4.2. Teologia da inculturação .....	46
4.2.1. Apreciação da Teologia da inculturação .....	47
4.2.2. Os limites da Teologia Africana da inculturação .....	50
4.3. Teologia da libertação .....	51
4.3.1. Apreciação da Teologia da libertação .....	51
4.3.2. Os limites da Teologia da libertação .....	52
4.4. Teologia Africana da reconstrução .....	52
4.4.1. Apreciação da Teologia Africana da reconstrução.....	53
4.4.2. Os Limites da Teologia Africana da reconstrução .....	54
<b>CAPÍTULO 2: A IGREJA EM PORTUGAL E A MISSIONAÇÃO EM ÁFRICA .....</b>	<b>55</b>
1. O contexto da Igreja Católica Portuguesa em relação à missionação em África .....	55
1.1. O que é a Missionação?.....	55
1.2. Acordo Missionário.....	56
1.3. A encíclica <i>Fidei Donum</i> .....	60
1.4. A receção da encíclica <i>Fidei Donum</i> por parte da Igreja em Portugal .....	61
2. Impacto do II Concílio do Vaticano em relação ao Acordo Missionário Português de 1940.....	64
2.1. O aspeto da Missão .....	64
2.2. O aspeto litúrgico .....	65
2.3. A questão da adaptação.....	66
2.4. A questão ecuménica.....	67
3. O impacto da independência ultramarina para a missionação portuguesa .....	69
3.1. A ideologia Marxista.....	69
3.2. As nacionalizações .....	69
3.3. Restrições à liberdade.....	70
4. Resposta das Congregações Missionários aos desafios dos novos tempos.....	70
4.1. A comunhão fraterna e o ministério de animação dos superiores .....	70
4.2. Inovação pastoral: génese das comunidades ministeriais.....	71

4.3. A presença de consolação e os profetas da paz .....	71
4.4. Fim da aliança entre missionação e sistema colonial .....	72
5. Os desafios atuais da missionação em África.....	72
5.1. As seitas e os novos movimentos religiosos .....	72
5.2. Terrorismo.....	73
5.3. Analfabetismo .....	73
5.4. Pobreza.....	73
5.5. A Feitiçaria.....	74
5.6. A dificuldade do diálogo intercultural.....	74
<b>CAPÍTULO 3: PAPEL DOS MOVIMENTOS DE LEIGOS NA MISSÃO EM ÁFRICA....</b> .....	<b>75</b>
1. A visão geral dos movimentos de leigos .....	75
2. As características destes movimentos de leigos .....	79
2.1. A vocação de cada cristão à santidade .....	79
2.2. A Catolicidade.....	79
2.3. Obediência à hierarquia.....	79
2.4. Congregações .....	79
2.5. Carismas.....	79
2.6. Sem fins lucrativos.....	79
2.7. A vocação ao apostolado.....	80
2.8. O testemunho de vida.....	80
3. Os impulsionadores destes movimentos de leigos .....	80
3.1. O Papa João XXIII (1958-1963) .....	80
3.2. O Papa Paulo VI (1963-1978).....	81
3.2.1. Iniciativas importantes no Pontificado de Paulo VI, para a promoção dos movimentos eclesiais no seio da Igreja.....	82
3.2.2. O discurso do Papa Paulo VI, sobre os movimentos de leigos .....	82
3.3. O Papa João Paulo II (1978-2005).....	83
3.3.1. Vários discursos do Papa João Paulo II sobre os movimentos de leigos .....	83
3.4. O Papa Bento XVI (2005-2013).....	86

3.5. O Papa Francisco.....	87
3.6. As congregações e os seus movimentos de leigos .....	89
4. Leigos e Desenvolvimento em África.....	90
4.1. Saúde .....	90
4.2. Política.....	90
4.3. Pastoral.....	90
4.4. Educação .....	91
4.5. Assistência social .....	91
4.6. Empreendedorismo.....	92
4.7. Reação da Igreja local diante das atividades realizados pelos leigos em África.....	92
5. Desafios que os leigos europeus vindos de Portugal encontraram em terra de missão (África).....	93
5.1. O problema da língua .....	93
5.2. A crise na vivência comunitária .....	93
5.3. Falta de recursos.....	93
5.4. A crise cultural .....	93
5.6. Falta de lugares concretos para exercer a sua profissão .....	94
5.7. As sugestões dadas pelos leigos, para melhorar a experiência missionária .....	94
6. Aspectos comuns dos movimentos de leigos .....	95
6.1. Carisma .....	95
6.2. Espírito de caridade.....	95
6.3. O Espírito evangélico.....	95
7. As diferenças que existem entre estes movimentos de leigos .....	95
7.1. A formação.....	95
7.3. Jornal .....	96
7.4. Missão .....	96
7.5. Projetos.....	98
7.6. Parceria.....	98
<b>CONCLUSÃO GERAL .....</b>	<b>99</b>

<b>BIBLIOGRAFIA GERAL.....</b>	<b>104</b>
<b>ANEXO 1: INQUÉRITO .....</b>	<b>110</b>
<b>ANEXO 2 : RESPOSTAS AO INQUÉRITO .....</b>	<b>111</b>
<b>ANEXO 3: INQUÉRITO .....</b>	<b>138</b>
<b>ANEXO 4: RESPOSTAS AO INQUÉRITO .....</b>	<b>139</b>
<b>ANEXO 5: FOTOGRAFIAS E PROJETOS DOS LEIGOS DA BOA NOVA NA MISSÃO EM MOÇAMBIQUE .....</b>	<b>144</b>
<b>ANEXO 6: FOTOGRAFIA E PROJETO DOS LEIGOS COMBONIANOS NA REPÚBLICA CENTRO AFRICANA .....</b>	<b>146</b>

## **Resumo**

Neste trabalho procuramos a responder à pergunta “como é que os movimentos dos leigos ligados às Congregações religiosas masculinas surgidos em Portugal após o II Concílio Vaticano, se envolveram no trabalho de missionação em África?” O primeiro capítulo procurará abordar a renovação do apostolado dos leigos, na perspectiva do II Concílio Vaticano. Por outro lado, será examinada a importância que a questão da independência e do desenvolvimento dos povos ganhou para a ideia de missão. Será ainda ilustrado brevemente o percurso histórico da missionação em África, após o II Concílio Vaticano. O segundo capítulo procurará abordar o contexto da Igreja católica em Portugal e a evolução histórica da missionação portuguesa em África. O terceiro capítulo procurará mostrar como é que as Congregações religiosas masculinas, em Portugal envolveram os leigos nesta dinâmica de missionação em África, reconstruindo o trabalho que as suas organizações foram fazendo. E, finalmente, procuraremos fazer uma síntese geral destes novos movimentos de leigos, expondo as suas semelhanças e diferenças.

**Palavras-Chaves:** Apostolado, Leigos, II Concílio Vaticano, Independência, Desenvolvimento, Missionação, África, Congregações religiosas, e Movimento dos leigos.

## **Abstract**

In this thesis we want to respond to the main question «How the movement of lay people, attached to the Congregations raised in Portugal after the Second Vatican Council, have been involved in mission activity in Africa»? The first chapter will address the apostolate of lay people, in the perspective of the Second Council of Vatican. On the other hand, we will address how the question of development and independence of the nations, became an important idea of the mission. Also on the same chapter, we will address the historical path of mission in Africa, after the Second Council of vatican. The second chapter will address the context of the Catholic Church of Portugal, and the historical path of Portuguese mission in Africa. The third chapter will address how the masculine religious congregations in Portugal, have been involving lay people in mission dynamics in Africa, showing up the activity carried out by these movement of lay people. Finally, we will address the similarities and differences, of these new movements of lay people.

**Keywords:** Apostolate, Lay people, Vatican Council II, Independence, Development, Mission, Religious Congregations, Moviment of lay people.

## **SIGLAS E ABBREVIATURAS**

LG- *Lumen Gentium*

GS-*Gaudium et Spes*

AA- *Apostolicam Actuositatem*

CL-*Christifideles laici*

MM-*Mater et Magistra*

PT- *Pacem in Terris*

PP- *Populorum Progressio*

SR- *Sollicitudo Rei Socialis*

CA- *Centesimus Annus*

FT- *Fratelli Tutti*

EN-*Evangelii Nuntiandi*

RM-*Redemptoris Missio*

SA- *Slavorum Apostoli*

SEO- *Saeculo exeunte octavo*

UR- *Unitatis redintegratio*

### **Bíblia**

Fil-Filipenses

Ap- Apocalipse

Mt- Evangelho de Mateus

Mc- Evangelho de Marcos

Lc- Evangelho de Lucas

ITes- Primeira Carta de S. Paulo aos Tessalonicenses

Jo- Evangelho de São João

IPed- Primeira carta de São Pedro

## **Outros**

CADC- Centro Académico de Democracia Cristã

Vol.- Volume

JOC- Juventude Operária Católica

JCF- Juventude Católica Feminina

CUMN- O Centro Universitário Manuel da Nóbrega

A.C.- Acção Católica

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende responder a uma pergunta principal: como é que os movimentos dos leigos ligados às Congregações religiosas surgidos em Portugal após o II Concílio Vaticano se envolveram no trabalho de missionação em África?

Para responder a esta pergunta é preciso abordar algumas questões complementares, que são as seguintes: Como foi abordada a renovação do apostolado dos leigos nos documentos do II Concílio do Vaticano? Porque é que a questão de desenvolvimento se tornou o foco da missão para a Igreja Católica após o II Concílio do Vaticano? Porque é importante abordar a missionação em África? Como se desenvolveu o processo de missionação portuguesa em África? Qual foi o impacto da independência dos países africanos para a missionação portuguesa em África? Quais foram as atitudes das congregações diante destas mudanças políticas? Quais são os desafios da missionação hoje em África? Qual é a visão geral dos movimentos de leigos na Igreja Católica? Qual é a opinião dos Papas acerca destes movimentos de leigos? E por fim quais são atividades em que as Congregações envolvem os leigos para a missionação em África?

É importante notar que este trabalho está contextualizado no período pós-Concílio, porque o Concílio é a chave para compreender todas as mudanças verificadas dentro da Igreja Católica no século XX, por ter aberto um espaço para a Igreja dialogar com o mundo moderno. No entanto, alguns temas tratados referem-se a acontecimentos ocorridos antes da realização do II Concílio do Vaticano, para melhor esclarecer as novidades que surgiram com o Concílio e com a dinâmica das diversas Igrejas locais.

### **Metodologia**

Para este trabalho analisei os principais documentos do II Concílio do Vaticano, nomeadamente sobre o entendimento da Igreja e da sua missão no mundo e no continente africano, assim como especificamente na perspetiva do apostolado dos leigos. Também examinei as diferentes encíclicas do magistério papal, seja anterior ou posterior ao Concílio, dedicadas à questão do desenvolvimento económico dos povos desfavorecidos, da independência política dos novos Estados africanos saídos do processo de descolonização e da missionação. Também consultei alguma bibliografia disponível sobre as diferentes questões levantadas nesta dissertação, seja a teologia africana, o Acordo Missionário da Santa Sé com Portugal (1940), e os movimentos missionários de leigos ligados às Congregações religiosas masculinas.

Preparei também dois tipos de questionário. Um para os leigos que fizeram a experiência da missionação em África e outro questionário para os missionários que trabalharam com os leigos na missão. Enviei o primeiro questionário a doze leigos de diferentes congregações, mas só dez responderam. Enviei o segundo a cinco missionário/as e só três responderam. Houve outros que responderam ao questionário através de entrevista feita a distância, por via telemática. As respostas dadas em ambos os questionários permitem-nos aprofundar a convicção de que a doutrina da Igreja não é uma coisa abstrata, mas uma experiência vivida na prática pelas Congregações religiosas masculinas de Portugal, que envolvem os seus leigos para levarem por diante diferentes atividades de missionação em África hoje.

### **A estrutura**

O trabalho encontra-se dividido em três capítulos. O primeiro capítulo está centrado no impacto das mudanças trazidas pelo II Concílio do Vaticano na compreensão da missão da Igreja em África, especificamente nos tópicos do apostolado dos leigos, do desenvolvimento dos povos e da independência política no continente africano, na perspectiva da promoção humana e de um entendimento universal da Igreja Católica, assim como no aparecimento da Teologia africana após o Concílio. O segundo capítulo trata da história da missionação em África pela Igreja em Portugal. O terceiro capítulo trata dos movimentos de leigos ligados às Congregações religiosas masculinas e do seu trabalho de missionação em África hoje.

## **CAPÍTULO 1: O IMPACTO DO II CONCÍLIO DO VATICANO NA MISSÃO DA IGREJA CATÓLICA EM ÁFRICA**

O II Concílio do Vaticano trouxe uma nova visão acerca do Apostolado dos leigos. Além disso, a Igreja deixou de pensar África, apenas como uma terra de missão, e começou a valorizar os seus valores culturais, que podiam contribuir para a Igreja Universal. Esta mudança permitiu a aparição da Teologia Africana. Na mesma linha de “*aggiornamento*”,<sup>1</sup> a Igreja foi provocada a pensar na promoção humana como parte ideal da missão da Igreja e assim obrigada a confrontar as questões do desenvolvimento e da independência dos povos. Por outro lado, a Igreja tornou-se protagonista da promoção da independência e do desenvolvimento dos povos, ao reconhecer neste papel uma forma de ser fiel à mensagem evangélica do Nosso Senhor Jesus Cristo:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para que dê a boa notícia aos pobres; enviou-me a anunciar a liberdade aos cativos e a visão aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, para proclamar o ano de graça do Senhor. (Lc4,18-19)

### **1. A Renovação de apostolado dos leigos no II Concílio do Vaticano**

Antes do II Concílio Vaticano o apostolado dos leigos era pensado num contexto eclesiológico de cariz societário e hierárquico. Nesta perspetiva existiam dois tipos de cristãos: «o clero (no nível da diocese) e os religiosos (no nível das congregações), que se dedicavam ao ofício divino, à contemplação e à oração, e os leigos que constituíam o povo dos fiéis».<sup>2</sup> Este tipo de distinção foi formalizado no cânone 107 do código direito de 1917, que sublinhou que por divina instituição há na Igreja «os clérigos distintos dos leigos».<sup>3</sup> Podemos dizer que este tipo de distinção não pretendia desvalorizar os leigos, mas é evidente que neste modelo «os leigos eram bastante passivos em relação ao clero, ao qual pertencia todo o poder sagrado».<sup>4</sup>

Entre os finais do século XIX e o início do século XX, deram-se momentos de revolução, de convulsões que se alastraram pela sociedade. Por outro lado, ainda o século XX, foi marcado, por duas guerras mundiais. Diante destas mudanças, a Igreja foi

---

<sup>1</sup> Uma Palavra Italiana que significa atualizar

<sup>2</sup>Cf. Giovanni Turbanti, «*A autonomia dos leigos da lumen gentium à Gaudium et spes em Os leigos depois do Concílio: A identidade e a missão dos cristãos*», ed. Cettina Militello (Prior Velho: Paulinas Editoras 2012), 11.

<sup>3</sup> Cf. Turbanti, «A autonomia dos leigos da Lumen gentium à Gaudium et spes», 12.

<sup>4</sup> Cf. Turbanti, «A autonomia dos leigos da Lumen gentium à Gaudium et spes», 12.

também ameaçada, «pela laicização, que se concretiza na separação do Estado e no progressivo afastamento da organização político-cultural da influência eclesial».<sup>5</sup> A secularização que se desenvolveu nesta época não era um tipo de ateísmo puro e simples, mas era a «redução da religião à dimensão privada e a recusa da Igreja como fonte organizativa da vida pública».<sup>6</sup> Foi a partir deste tipo de desafio, que a Igreja descobriu que «a sua própria missão, não era de evangelizar só os não cristãos pagãos, mas também dirigir-se a essa sociedade nova (secularizada), e transformá-la a partir de dentro, com o espírito Evangélico».<sup>7</sup> Esta mudança, levou a Igreja a ganhar uma consciência renovada para pensar «a missão dos leigos no meio do mundo secularizado».<sup>8</sup> Atribuir também aos leigos a missão de evangelizar o mundo, não significa que esta tarefa seja exclusiva deles. Nenhum membro da Igreja pode ser indiferente a qualquer aspeto da missão, mas «a Igreja na sua prudência decidiu envolver os leigos porque têm o conhecimento amplo, acerca do mundo secularizado».<sup>9</sup> Eles têm uma capacidade enorme de disseminar os princípios do Evangelho, através do seu testemunho de vida. A partir do momento em que a Igreja decidiu de envolver os leigos na evangelização do mundo secularizado, tornou-se claro que para os leigos fazerem a sua missão de evangelização no mundo secularizado, eles devem ter uma «sólida formação da fé, e também um discernimento claro das linhas de força deste mundo secularizado, além de coragem para dar, no meio dos povos, testemunho de coerência evangélica».<sup>10</sup>

Após esta breve apresentação, vejamos os documentos principais da Igreja, sobre este tópico. Alguns foram aprovados no II Concílio Vaticano (1962-1965), outros saíram nas décadas seguintes. Nestes está marcada o rumo da renovação do apostolado dos leigos. Para este trabalho vou abordar os seguintes documentos: as constituições conciliares *Lumen Gentium*, (1964), e *Gaudium et Spes* (1965), o decreto *Apostolicam Actuositatem* (1965) e a exortação apostólica *Christifideles laici* (1988).

---

<sup>5</sup> Cf. Teresa Martinho Pereira, *A questão da identidade laical à luz da Lumen Gentium e dos Desenvolvimentos pós-conciliares* (Lisboa: Rei dos livros, 1990), 24.

<sup>6</sup> Cf. Pereira, *A questão da identidade laical à Luz da Lumen Gentium e dos desenvolvimentos pós - conciliares*, 26.

<sup>7</sup> Cf. D. José da Cruz Policarpo, «Leigos na Igreja e no mundo», em *A Igreja é uma paixão*, (Lisboa: Universidade Católica Editora 2003), 60.

<sup>8</sup> Cf. Policarpo, «Leigos na Igreja e no mundo», 61.

<sup>9</sup> Cf. Policarpo, «Leigos na Igreja e no mundo», 59.

<sup>10</sup> Cf. Policarpo, «Leigos na Igreja e no mundo», 61.

### 1.1. *A Lumen Gentium*

Antes de tratar o tema da renovação do apostolado dos leigos neste documento é o oportuno lembrar a génese da *Lumen Gentium*. Para reconstruir a história da redação desta constituição dogmática, convém partir do esquema preparatório *De Ecclesia*, que durante o debate conciliar, foi rejeitado na primeira sessão. Isso aconteceu porque nesta versão, o documento não tinha respostas suficientes, em relação às necessidades pastorais da Igreja, e também para apresentar ao mundo uma imagem eclesial rejuvenescida. O «esquema foi acusado de clericalismo, de dar demasiado relevo aos poderes da hierarquia, reduzindo a conceção da Igreja a uma visão jurídicista, na qual os leigos ocupariam um lugar mais passivo».<sup>11</sup> Para encontrar uma solução, o Cardeal Leo-Jozef Suenens propôs duas grandes questões de base, capazes de orientar o Concílio: a perspectiva da *Ecclesia ad intra* e a perspectiva da *Ecclesia ad extra*. O ponto de vista da *Ecclesia ad intra* enfrentava a reflexão sobre a Igreja nos seus dinamismos de «evangelização, doutrinação, santificação e oração».<sup>12</sup> O da *Ecclesia ad extra*, abordava o tema da relação Igreja-mundo. O novo esquema apresentando por Mons. Philips redimensionava a perspectiva eclesiológica do Corpo místico em vista de uma abordagem mais dinâmica e articulada, que substituísse o «princípio hierárquico pelo da comunhão, de que se desse a ideia de igreja como povo de Deus».<sup>13</sup> As ideias de “comunhão” e o “povo de Deus,” acabaram por dar ao texto final da *Lumen Gentium* e toda a eclesiologia conciliar «um relevo substancial, em relação ao tema do laicado».<sup>14</sup> Esta noção de comunhão, levou à renovação do apostolado dos leigos, acerca da sua responsabilidade no seio da Igreja porque recordou a Igreja que a «comunidade eclesial (formada pelos os leigos) era o rosto visível do mistério da comunhão que tinha a sua fonte na própria comunhão trinitária com Deus e dos homens entre si, na fraternidade».<sup>15</sup> Sendo assim a *Lumen Gentium* define a Igreja em seguinte maneira: «é um povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (LG 4). Também «é uma comunidade de fé, de esperança, e de caridade, por meio da qual difunde em todos a verdade e a graça» (LG8). A dimensão comunitária encarna a missão que a Igreja recebeu de Cristo, de fazer «crescer a Igreja como experiência de comunhão, anunciar de tal maneira a salvação de forma que esse

---

<sup>11</sup>Cf. Turbanti, «A autonomia dos leigos da *Lumen gentium* à *Gaudium et spes*», 13.

<sup>12</sup>Cf. Pereira, *A questão da identidade laical à Luz da Lumen Gentium e dos desenvolvimentos pós-conciliares*, 75.

<sup>13</sup>Cf. Turbanti, «A autonomia dos leigos da *Lumen gentium* à *Gaudium et spes*», 23.

<sup>14</sup>Cf. Turbanti, «A autonomia dos leigos da *Lumen gentium* à *Gaudium et spes*», 23.

<sup>15</sup> Cf. Policarpo, «Leigos na Igreja e no mundo», 53.

anúncio se torne convite a todos os filhos dispersos, a virem participar nessa mesma comunhão». <sup>16</sup> Pensar a Igreja na vivência desta dimensão comunitária era uma proposta válida para os homens do mundo secularizado, que tantas vezes são desiludidos pela sua experiência de «convivência social ou familiar, famintos de gratuidade e de fraternidade, tantas vezes ameaçados pela solidão». <sup>17</sup>

A outra novidade da *Lumen Gentium* acerca da renovação de apostolado dos leigos, era de apresentar a Igreja como povo de Deus. A ideia do Povo de Deus tem a sua «raiz na Sagrada Escritura: Eleição, Aliança, consagração ao serviço de Deus, ao testemunho de Deus entre os homens». <sup>18</sup> A expressão Povo de Deus vinha recordar à Igreja, a igual dignidade de todos os membros da Igreja, sobretudo a sua participação na única missão apostólica da Igreja (LG 9). Afirmar a igualdade de todos os membros da Igreja como Povo de Deus constituiu uma viragem ao mostrar que a hierarquia era relativa ao povo e relativizada por ele. Entretanto, a noção do Povo de Deus, na sua igualdade construiu a comunidade dos cristãos, que aprendem a dizer que na fé e na missão comum somos o mesmo. É importante notar que a igualdade de todos como um único povo tem a sua raiz numa comunidade povo sacerdotal participante do mesmo sacerdócio de Cristo, que é desenvolvimento da vocação batismal que fez dos cristãos Sacerdotes para Deus e Seu Pai (Ap 1,6; 5, 9-10). <sup>19</sup> Como afirma a *Lumen Gentium* de que:

na verdade, os batizados, pela regeneração e pela unção do Espírito Santo, são consagrados para serem casa espiritual, sacerdócio santo, para que, por meio de todas as obras próprias do cristão, ofereçam oblações espirituais e anunciem os louvores daquele que das trevas os chamou à sua admirável luz (cfr. 1 Ped. 2, 4-10) e procurem que o Evangelho marque a vida do mundo, caracterizando a sua missão (LG, 10).

Esta noção do Povo de Deus na constituição *Lumen Gentium* definiu claramente o papel do povo de Deus na salvação como um, sacramento da unidade salvífica, em que a Igreja se reconhece chamada a testemunhar a vontade salvífica de Deus. Para que a

---

<sup>16</sup> Cf. Policarpo, «Leigos na Igreja e no mundo», 55.

<sup>17</sup> Cf. Policarpo, «Leigos na Igreja e no mundo», 55.

<sup>18</sup> Cf. Ênio José da Costa Brito, *O leigo cristão no mundo e na Igreja estudo teológico-pastoral sobre o pensamento de Yves Congar* (São Paulo: Loyola 1980), 47.

<sup>19</sup> Cf. Fernando Alberto Abreu Torres, *A missão dos leigos na Igreja: O Renovamento Carismático Católico sob orientação de José da Silva Lima* (Braga: Universidade Católica Portuguesa Faculdade de Teologia, 2015), 20, acedido a 2 de dezembro 2021 in, <https://repositório.ucp.pt/bitstream/10400%/14/19894/1/Fernando%20Torres-%20Tese.pdf>.

noção da salvação, venha a ser claramente pela Igreja, era necessário incluir na sua definição a ideia de povo de Deus. Como ilustra Costa Brito na sua reflexão de que:

O papel da Igreja não é apenas de levar a mensagem da salvação, mas também de levar para o mundo a oferta da Graça e da Aliança. Assim a comunidade dos cristãos unida aos seus pastores se torna sinal e instrumento do diálogo da salvação.<sup>20</sup>

## 1.2. *A Gaudium et Spes*

A *Gaudium et Spes* foi publicada em 1965. A diferença que existe entre a *Lumen Gentium* e a *Gaudium et Spes* é que a primeira fala sobre as relações internas da Igreja, enquanto a *Gaudium et Spes* fala sobre «a Igreja no mundo contemporâneo».<sup>21</sup> O processo de redação da *Gaudium et Spes* foi também bastante laborioso, pelo facto que a própria atualidade dos argumentos tratados suscitava «muitas tensões e polémicas».<sup>22</sup> A questão colocada na comissão incumbida da redação de *Gaudium et Spes* era: «o que é verdadeiramente o homem e que deveres tem a Igreja em relação a ele?»<sup>23</sup> A primeira abordagem do esquema, elaborada nos primeiros meses de 1963, identificava uma abordagem fortemente dualista, ao sublinhar que para encontrar a sua verdadeira identidade, «o homem não deve só considerar apenas a sua própria vocação natural, mas também a sua vocação sobrenatural, visto que a vida terrena era, seria no fundo apenas uma preparação para a vida futura».<sup>24</sup> A partir daí sublinhava-se que o homem deve deixar-se guiar pelos ensinamentos da Igreja, depositária da verdade salvífica. O dever dos fiéis era claramente delineado, embora de modo implícito, como o de um apóstolado guiado pela hierarquia, enquadrado entre os dois objetivos de conquistar o mundo «para o Reino de Cristo e de realizar a *consecratio mundi*».<sup>25</sup>

Bastante diferente era o esquema dito de Malines, que foi elaborado por um grupo restrito de teólogos e era centrado na ideia da missão da Igreja no mundo. Destacava-se neste documento que «os leigos participavam nessa missão (de conquistar o mundo para o Reino de Cristo), com a responsabilidade imprescindível de edificar a realidade terrena segundo os princípios evangélicos».<sup>26</sup> Todavia o esquema de Malines estipulava

---

<sup>20</sup> Brito, *O leigo cristão no mundo e na Igreja*, 46.

<sup>21</sup> Cf. Turbanti, «A autonomia dos leigos da *Lumen gentium* à *Gaudium et spes*», 37.

<sup>22</sup> Cf. Turbanti, «A autonomia dos leigos da *Lumen gentium* à *Gaudium et spes*», 37.

<sup>23</sup> Cf. Turbanti, «A autonomia dos leigos da *Lumen gentium* à *Gaudium et spes*», 37.

<sup>24</sup> Cf. Turbanti, «A autonomia dos leigos da *Lumen gentium* à *Gaudium et spes*», 37.

<sup>25</sup> Cf. Turbanti, «A autonomia dos leigos da *Lumen gentium* à *Gaudium et spes*», 38.

<sup>26</sup> Cf. Turbanti, «A autonomia dos leigos da *Lumen gentium* à *Gaudium et spes*», 39.

claramente, «um princípio de distinção entre a Igreja e o mundo, por um lado, garantia a este último uma certa autonomia, e por outro lado, recordava aos leigos a sua missão de purificação do mundo». <sup>27</sup>

Em 1964 os conteúdos e as linhas orientadoras, do esquema de Malines, acerca de edificar a realidade terrena, foram confiadas ao Pe. Bernhard Häring. Ele destacou três princípios importante sobre o tema da autonomia das realidades terrenas. O primeiro dizia «respeito à superação da divisão entre vocação natural e sobrenatural da pessoa humana, no intento de evitar uma visão dualista e espiritualista do ser humano, reconhecendo pleno valor à sua atividade temporal». <sup>28</sup> O segundo constava no reconhecimento da presença «da Graça na história através dos sinais dos tempos». <sup>29</sup> O terceiro apresentava-se como uma ideia de confiança no facto que embora continuamente ameaçados pelo mal, «o mundo, e a história estão abrangidos pelo senhorio último de Cristo: apesar desta sua autoridade permanecer misteriosa e secreta, ela garante, numa perspectiva escatológica, o resgate de toda a criação». <sup>30</sup>

A partir destas premissas, também o próprio papel dos leigos, «era redesenhado de um modo novo, pondo em questão a própria ideia do seu apostolado». <sup>31</sup> A ação dos leigos no mundo «já não se configurava como reconquista da sociedade para Cristo, mas como disponibilidade para o diálogo com um mundo que não era completamente estranho a Cristo, e mais ainda como participação na construção de uma realidade mais justa em comunhão com todos os homens». <sup>32</sup> Era esta, com efeito, a direção sugerida também pelo «incipit do documento que se começou a definir precisamente nesta fase da redação e que enunciava a solidariedade da Igreja para com a história dos homens». <sup>33</sup>

A questão da renovação do apostolado dos leigos, encontra-se abordada no capítulo IV, da *Gaudium et Spes*, que traz precisamente o título, “A função da Igreja no mundo atual”. Esta parte da constituição tenta examinar mais de perto as relações da

---

<sup>27</sup> Cf. Turbanti, «A autonomia dos leigos da Lumen gentium à Gaudium et spes», 39.

<sup>28</sup> Cf. Turbanti, «A autonomia dos leigos da Lumen gentium à Gaudium et spes», 39.

<sup>29</sup> Em «Chaves pastorais do concílio», terceiro capítulo da sua Teologia Prática Fundamental (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2020, 73-104), José da Silva Lima sublinha que os sinais dos tempos de que fala a constituição conciliar são a nova forma, característica e peculiar, de encarar e de apresentar a realidade, não sem recorrer a análises conjunturais de ciências não teológicas que se desenvolviam e tomavam terreno no tempo do concílio, como a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia Cultural, a História, as Ciências económicas e políticas.

<sup>30</sup> Cf. Turbanti, «A autonomia dos leigos da Lumen gentium à Gaudium et spes», 40.

<sup>31</sup> Cf. Turbanti, «A autonomia dos leigos da Lumen gentium à Gaudium et spes», 40.

<sup>32</sup> Cf. Turbanti, «A autonomia dos leigos da Lumen gentium à Gaudium et spes», 40.

<sup>33</sup> Cf. Turbanti, «A autonomia dos leigos da Lumen gentium à Gaudium et spes», 40.

Igreja com o mundo moderno. Abordagem sobre este assunto é mais eclesiológica, fazendo referência explícita à *Lumen gentium*, que sublinha de modo particular, que a finalidade própria da Igreja é salvífica e escatológica e poderá ser plenamente alcançada no mundo futuro. Esta visão não exclui o papel ativa da Igreja no mundo presente: porque a Igreja, com efeito, reconhece-se composta por homens que são precisamente, membros da cidade terrena, chamados a formar desde já na história da humanidade a família dos filhos de Deus, e por isso diz o texto «caminha juntamente com toda a humanidade, participa da mesma sorte terrena do mundo e é como que o fermento e a alma da sociedade humana a qual deve ser renovada em Cristo e transformada em família de Deus» (GS 40).

Nesta misteriosa compenetração, entre duas vertentes de dimensão histórica e a dimensão escatológica, a Igreja perseguindo o seu objetivo de salvação, considera-se capaz de contribuir de modo eficaz para a história do homem

Procurando o seu fim salvífico a Igreja não se limita a comunicar ao homem a vida divina; espalha sobre todo o mundo os reflexos da sua luz, sobretudo enquanto cura e eleva a dignidade da pessoa humana, consolida a coesão da sociedade e dá um sentido mais profundo à quotidiana atividade dos homens (GS 40).

A contribuição que a Igreja oferece ao mundo do nosso tempo é de revelar ao homem o sentido da sua existência, e, mais concretamente, mostrar a peculiar dignidade do homem e da sua liberdade, que também só Evangelho de Cristo pode realizar. Afirma a *Gaudium et Spes*;

Este evangelho anuncia e proclama a liberdade dos filhos de Deus; rejeita toda a espécie de servidão, a qual tem a sua última origem no pecado; respeita escrupulosamente a dignidade da consciência e a sua livre decisão; sem descanso recorda que todos os talentos humanos devem redundar em serviço de Deus e bem dos homens; e todos recomenda, finalmente a caridade (GS 41).

É neste contexto que se inscreve uma das afirmações mais relevantes acerca do apostolado dos leigos, e da sua atuação. «Fala-se em particular de uma lei fundamental da economia cristã segundo a qual a ordem natural e sobrenatural se compenetraram mutuamente, sem perder cada uma delas a sua própria autonomia».<sup>34</sup> Acerca deste

---

<sup>34</sup> Cf. Turbanti, «A autonomia dos leigos da *Lumen gentium* à *Gaudium et spes*», 43.

assunto o documento evoca a importância papel dos cristãos tem nas coisas temporais, censurando a tendência de muitos para considerar em vertentes opostas o envolvimento na sociedade e a fé religiosa. Com afirmam os padres conciliares:

Afastam-se da verdade os que sabendo que não temos aqui na terra uma cidade permanente, mas que vamos em demanda da futura, pensam que podem por isso descuidar os seus deveres terrenos, sem atenderem a que a própria fé ainda os obriga mais a cumpri-los, segundo a vocação própria de cada um. Mas não menos erram os que, pelo contrário, opinam poder entregar-se às ocupações terrenas, como se estas fossem inteiramente alheias a vida religiosa, a qual pensam consistir apenas no cumprimento dos atos de culto e de certos deveres morais. Este divórcio entre a fé que professam e o comportamento quotidiana de muitos, deve ser contado entre os mais graves erros do nosso tempo (GS 43).

A partir deste contexto, o Concílio aplica à atuação dos leigos onde faz a distinção (maritainiana)<sup>35</sup>, entre «a ação como cristãos (enquanto estão agregados à Igreja) e a ação enquanto cristãos (os seus deveres e direitos que lhes atribuem enquanto estão na sociedade)». <sup>36</sup> Isto quer dizer quando os leigos atuam como cidadãos do mundo, não só devem respeitar as leis próprias de cada domínio, mas esforçar-se-ão por adquirir verdadeira perícia nesses campos. O texto volta a delinear, de modo muito preciso, o «apostolado dos leigos, inscrevendo -a no juízo da sua consciência». <sup>37</sup> Afirma «Compete à sua consciência previamente bem formada, imprimir a lei divina na vida da cidade terrestre» (GS 43). A consciência retamente formada representa, de facto, o horizonte mais amplo sobre o apostolado dos leigos na sua atuação.

### **1.3. *Apostolicam Actuositatem***

*Apostolicam Actuositatem* é o decreto do Concílio Vaticano II acerca do apostolado dos leigos, promulgado em 1965.

Este documento apresenta a renovação do apostolado dos leigos, argumentando que toda vocação crista é a vocação ao apostolado. A partir desta ideia é avançado um convite aos leigos para participarem plenamente na propagação do Reino de Deus sobre

---

<sup>35</sup> Jacques Maritain foi um filósofo católico francês de orientação (tomista). As suas obras influenciaram o fortemente catolicismo político, contribuindo à formação do conceito de Democracia cristã.

<sup>36</sup>Cf. Turbanti, «A autonomia dos leigos da *Lumen gentium* à *Gaudium et spes*», 45.

<sup>37</sup> Cf. Turbanti, «A autonomia dos leigos da *Lumen gentium* à *Gaudium et spes*», 45.

a terra e contribuir para a salvação dos homens. Aqui, o decreto opera uma viragem total acerca do apostolado dos leigos, porque através do batismo os leigos são automaticamente envolvidos nesta missão de salvação. O decreto afirma claramente que inseridos «pelo Batismo no Corpo místico de Cristo, e robustecidos pela Confirmação com a força do Espírito Santo, é pelo Senhor mesmo que são destinados ao apostolado» (AA 3).

Os fins do apostolado dos leigos, no decreto, os leigos têm o papel importante a exercer, na Igreja como no mundo; tanto na ordem espiritual como na ordem temporal. Embora estas duas ordens sejam distintas, todos estão reunidas num único desígnio divino. Podemos então colocar a seguinte pergunta: quais são os fins do apostolado dos leigos apresentados no documento? Primeiro, os leigos estão destinados à evangelização, quer dizer, devem manifestar a presença do Senhor através das suas obras e palavras.

Desta forma, trazem os homens à fé e a Deus. Assim, diz o Senhor: «Assim brilhe a vossa luz diante dos homens de modo que vejam as vossas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus» (Mt 5,16, AA 6). Em segundo lugar, os leigos têm um papel fundamental, que é edificar a ordem das coisas temporais e de a ordenar por Cristo para Deus (AA,7). Os leigos são convidados para a instaurar a ordem temporal e agir aí de modo direto e definido «guiados pela luz do Evangelho e pela mente da Igreja e movidos pela caridade cristã; enquanto cidadãos, devem cooperar com os demais com a sua competência específica e a própria responsabilidade e procurar em todas as coisas e em toda a parte a justiça do reino de Deus» (AA7).

A instauração da ordem temporal, deveria corresponder aos princípios da vida cristã, adequada às variadas condições de lugares, tempos e de povos. Por fim, os leigos têm obrigação a exercerem os trabalhos caritativos, que são uma maneira de corresponder àquilo para que o próprio evangelho os orienta: abraçar a lei do amor (Mt. 22, 37-40). Os leigos têm de testemunhar a caridade cristã, ao ser envolvidos, em todas as obras de caridade e iniciativas de assistência social, como por exemplo dar de comer àqueles que precisam, dar a roupa àqueles que precisarem de vestuário, abrigo para os sem abrigos, ensinar á aqueles que não sabem ler e escrever. Eles também têm obrigação de realizarem «estas atividades seja no seu próprio país que a nível internacional » (AA 8).

O decreto identifica os vários campos do apostolado dos leigos, como por exemplo a Igreja, a família, os jovens, o meio social, o âmbito nacional e internacional. A estas atividades acompanha-se o serviço da Igreja. Sendo que os leigos participam na missão

sacerdotal, profética, e real de Cristo, eles automaticamente têm direito de participarem ativamente na vida da Igreja. Quais são os lugares onde os próprios leigos poderão exercer a sua missão ao nível da Igreja? O decreto responde claramente a esta pergunta, enumerando papéis apropriadas para os leigos na Igreja, como por exemplo na instrução catequética. Por outro lado, é imprescindível lembrar a paróquia como um exemplo claro de apostolado comunitário, em que os leigos estão unidos aos seus sacerdotes; -O decreto convida-os para trazerem «à comunidade da Igreja os problemas próprios e os do mundo e as questões que dizem respeito à salvação dos homens, para que sejam examinados em diálogo e obtenham solução» (AA10). Além disso pede-lhes criarem o hábito de prestar «auxílio, na medida das suas possibilidades, a toda a iniciativa apostólica e missionário da família eclesial a que pertencem» (AA10). A família também é outra forma de apostolado. Segundo o decreto, os esposos na família têm de manifestar e demonstrar, pela própria vida, a indissolubilidade e a santidade do vínculo matrimonial; têm de «afirmar vigorosamente o direito e o dever próprios dos pais e tutores de educar cristãmente os filhos e defender a dignidade e a legítima autonomia da família» (AA11).

Outro campo de apostolado é o meio social. Aqui os leigos devem testemunhar a presença do Senhor, através da sua Palavra seja no trabalho, no estudo, na residência, ou nos tempos livres, ou os grupos a que pertencem. Em todos estes locais, «são os leigos os mais aptos para ajudarem os seus irmãos» (AA 13).

Por fim, outra forma de apostolado dá-se no âmbito nacional e internacional, onde os leigos católicos têm de contribuir para dar as respostas concretas acerca dos desafios, que se encontram no mundo de hoje. Através da sua perícia, os leigos poderão contribuir para que o mundo possa ser um lugar melhor. Como sublinha o decreto «Empenhem todos os leigos católicos em cooperar com todos os homens de boa vontade para promover tudo o que é verdadeiro, tudo que é justo, tudo o que é santo, tudo o que é desejável (Fil 4,9)» (AA 14).

Há duas formas de apostolado, individual ou por grupos, em diversas comunidades ou associações. O apostolado individual é feito através do testemunho da palavra, pelo qual os leigos anunciam a Cristo. Este tipo de apostolado é mais aplicado naquelas regiões onde os católicos são poucos e dispersos. Os leigos poderão exercer nestes lugares, um apostolado somente individual, ao reunir -se oportuna e proveitosamente, para dialogar em pequenos grupos sem qualquer forma rígida de instituição, de tal modo que «o sinal da comunidade da Igreja se manifeste aos outros

sempre como um verdadeiro testemunho de amor» (AA17). O apostolado associado, é outra forma de apostolado, que se fundamenta na natureza social do ser humano e da Igreja, Povo de Deus e Corpo de Cristo. Nas atuais circunstâncias, em diversos ambientes, o apostolado exige uma ação comunitária. Segundo o decreto «o apostolado em associação responde com fidelidade à exigência humana e cristã dos fiéis e é, ao mesmo tempo, sinal da comunhão e da unidade da Igreja em Cristo que disse: Onde estão dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles» (Mt. 18,20). É importante reconhecer que este apostolado de associação, tem diferentes fins. Há a associação, para o fim apostólico da Igreja, outra associação para o fim de evangelização e santificação. Há a associação formada para animar cristãmente a ordem temporal. Por fim, há uma outra forma de associação, que testemunha a presença de Cristo, de modo especial pelas obras de misericórdia e de caridade (AA19). Ação Católica, é uma forma de apostolado, que normalmente nasce a partir dos próprios leigos, onde «cada vez mais consagrados ao apostolado, uniram-se em várias formas de ação e associação que, em união mais estreita com a Hierarquia, se dedicam a fins especificamente apostólicos» (AA20).

#### **1.4. *Christifideles laici***

Esta exortação apostólica é fruto do sínodo de Bispos, sobre a vocação e missão na Igreja e no mundo, que decorreu em Roma em 1987. Os aspetos, que caracterizam o tema de renovação do apostolado dos leigos, nesta exortação são os seguintes.

Em primeiro lugar os leigos são definidos a partir da eclesiologia da comunhão. Na exortação encontramos assim uma visão ‘positiva’ do leigo, que é reconhecido como «aquele que, abraçando a novidade cristã que é recebida no Batismo, exerce essa novidade no mundo» (CL 10 a 15). O testemunho da fé, pelos próprios leigos, representa assim um meio de conquistar o mundo, para Cristo. O segundo aspeto incide sobre os campos do apostolado laical. Na exortação declara que o apostolado laical, é «fundado, na participação do múnus profético, sacerdotal e real de Cristo, e engloba esta tarefa num conceito abrangente de uma nova evangelização» (CL33). Este conceito de nova evangelização, avançado pela exortação, coloca um grande desafio aos leigos que têm a tarefa fundamental de participar na missão de toda a Igreja num contexto de secularização:

países interior e nações, onde a religião e a vida cristã foram em tempo tão prósperas e capazes de dar origem a comunidades de fé viva e operativa,

encontram-se hoje sujeitos a dura prova e por vezes até são radicalmente transformados pela contínua difusão do indiferentismo, do secularismo e do ateísmo (CL34).

O último aspeto que define a renovação de apostolado dos leigos nesta exortação, é a questão dos ministérios e carismas, cuja identificação ajuda a determinar papel dos leigos, na vida cotidiana da Igreja. A *Christifideles laici* formula claramente a diferença entre os ministérios ordenados (que derivam do sacramento da ordem) e os ministérios, ofícios, e funções que derivam do sacramento Batismal. No documento pode ler-se que «Os Pastores devem reconhecer e promover os ofícios e as funções dos fiéis leigos, que têm o seu fundamento sacramental no Batismo e na Confirmação, bem como para muitos deles, no Matrimónio» (CL 23). A exortação também afirma que quando a necessidade ou a utilidade da Igreja o pedir, «os pastores podem segundo as normas estabelecidas pelo direito universal, confiar aos fiéis leigos certos ofícios e certas funções que, embora ligadas ao seu próprio ministério de pastores, não exigem, contudo, o carácter da ordem» (CL23). Embora a exortação estipule claramente, que os leigos podem exercer alguns cargos na Igreja, também deixa claro que

o exercício de semelhante tarefa não transforma o fiel leigo em pastor, na realidade o que constitui o ministério não é a tarefa, mas a ordenação sacramental». Só o sacramento da ordem «confere ao ministro ordenado uma peculiar participação no ofício de Cristo, Chefe e Pastor, no Seu sacerdócio eterno (CL23).

## **2. As questões do desenvolvimento e da independência dos povos como desafios à missão da Igreja no II Concílio do Vaticano**

A Igreja acolheu como uma das suas missões a de ser porta-voz do desenvolvimento e independência dos povos, após II Concílio do Vaticano. Inspirada pela mensagem evangélica, a Igreja reconheceu ser seu papel fundamental empenhar-se na libertação integral do homem, já desde agora, na sua existência terrena. A mensagem cristã, sobre o amor e justiça, vem a ser vista como um apelo a defender a dignidade dos povos em via de desenvolvimento. Desde então, a Igreja dirigiu-se, de um modo especial, aos povos do Terceiro Mundo, dos países da África, da Ásia, e da América Latina para pedir e promover seu progresso seja espiritual, que económico, e social. É importante realçar que este empenho forte para o desenvolvimento e a independência dos povos do

Terceiro Mundo, por parte da Igreja foi sempre atuado num espírito de concórdia e de não violência. Estes dois objetivos do desenvolvimento e da independência dos povos, tornou-se bandeira da Doutrina Social da Igreja, porque tinha uma relevância grande, na afirmação da igualdade e justiça para todos, mas muito particularmente para os povos do Terceiro Mundo, «que sofriam no seu dia-a-dia a quase totalidade das injustiças».<sup>38</sup> Por outro lado, também a Doutrina Social da Igreja, é algo que se desenvolve por meio de uma reflexão feita em permanente contacto com as situações deste mundo, e é por isso suscetível de mudança, sob o impulso do Evangelho, qual fonte de renovação enquanto a sua mensagem é aceita na sua totalidade e nas suas exigências. Para aprofundar estes dois aspetos: desenvolvimento e independência dos povos, terei de os abordar partir dos países africanos que na segunda metade do século passado estavam a sair de colonização. Nesta perspectiva, analisarei as encíclicas e os documentos mais relevantes neste respeito que apareceram no período pré e pós- conciliar. A partir da leitura destes textos, podemos reconhecer como os Papas, tentaram apresentar a Igreja como defensora dos povos oprimidos, denunciando as injustiças, condenando também abertamente o neocolonialismo, que se continua a abater-se sobre muitas das novas nações independentes do Terceiro Mundo.<sup>39</sup>

### **2.1. *Mater et Magistra***

Esta encíclica, escrita pelo Papa João XXIII, foi publicada em 1961, para celebrar o septuagésimo aniversário da encíclica *Rerum Novarum*. É uma encíclica que trouxe, uma grande revolução a doutrina social da Igreja. É importante notar que se trata de um documento publicado num contexto histórico muito complexo, caracterizado pela guerra fria, a reconstrução após a segunda guerra mundial, a descolonização da África. Por isso, *a Mater et Magistra* é considerada como um texto fundamental, que deu orientação à comunidade católica, acerca dos desafios daquela época. A minha leitura concentrar-se-á sobre análise da questão do desenvolvimento e independência dos povos de Terceiro Mundo, apresentada nesta encíclica.

Na altura em que *a Mater et Magistra* foi publicada alguns dos países do Terceiro Mundo, especialmente em África, ainda reivindicavam a sua própria independência, enquanto outros estavam já independentes. Estes lutavam para construir a sua própria

---

<sup>38</sup> Cf. Raul Fernando Miguéis Moreira Rato, *A Igreja e o Terceiro Mundo* (Maia: Castoliva Editora, 1986), 103.

<sup>39</sup> A partir deste momento referir-nos-emos aos Países africanos como Terceiro Mundo.

economia, encontrando desafios enormes, como os problemas demográficos, as deficiências das estruturas de produção, e as carências de tecnologia. A encíclica *Mater et Magistra*, tentou sugerir uma solução para cada um destes desafios.

Tratando o problema de demográfico o Papa aponta:

184. Nestes últimos tempos surge a cada passo o problema da relação entre os aumentos demográficos, o progresso econômico e a disponibilidade de meios de subsistência, tanto no plano mundial, como nas comunidades políticas em vias de desenvolvimento econômico.

185. No plano mundial, observam alguns que, segundo cálculos estatísticos considerados sérios, a família humana, dentro de poucos decênios, chegará a números muito elevados, ao passo que o desenvolvimento econômico prosseguirá com ritmo menos acelerado. Daqui concluem que a desproporção entre o povoamento e os meios de subsistência, num futuro não longínquo, se fará sentir de maneira aguda, se não se tratar devidamente de limitar o aumento demográfico.

186. Nas comunidades políticas em fase de desenvolvimento econômico, observa-se com base nas estatísticas, que a rápida difusão de medidas higiênicas e de cuidados sanitários reduz muito a mortalidade, sobretudo infantil; ao mesmo tempo que a percentagem da natalidade, que nessas comunidades costuma ser elevada, tende a permanecer constante, ou quase constante, pelo menos durante um período considerável de anos. Cresce, pois, notavelmente o excesso dos nascimentos sobre os óbitos, não aumentando na mesma proporção a eficiência produtiva dos respectivos sistemas econômicos. Torna-se impossível que nas comunidades em fase de desenvolvimento econômico melhore o nível de vida; antes, é inevitável que piore. Por isso, e a fim de impedir que se chegue a situações de mal-estar extremo, há quem julgue indispensável recorrer a medidas drásticas para evitar ou diminuir a natalidade.

187. A verdade é que, situado o problema no plano mundial, não parece que a relação entre o incremento demográfico, por um lado, e o desenvolvimento econômico e a disponibilidade dos meios de subsistência, por outro, venham a criar dificuldades ao menos por agora ou num futuro próximo. De todos os modos, são demasiado incertos e oscilantes os elementos de que dispomos para podermos chegar a conclusões seguras.

(MM, 184-187)

A partir destas palavras do Papa João XXIII, constatamos que ele fez uma análise profunda do desafio posto pelo crescimento demográfico ao desenvolvimento económico e social dos povos africanos. É evidente que nos países africanos, especialmente aqueles que estavam a sair de colonização, o crescimento demográfico estava em contraste com o crescimento económico. Assim havia dificuldades em aumentar «os meios de subsistência». <sup>40</sup> Para resolver este desafio, a encíclica fez o apelo aos países desenvolvidos para ajudarem os países subdesenvolvidos, e destaca que «a solidariedade humana e a fraternidade cristã pedem que entre os povos se instaurem relações de colaboração ativa e multiforme, colaboração que permita e favoreça o movimento de bens, capitais, homens, com o fim de eliminar ou diminuir as desigualdades» (MM 155). Analisando este pensamento do Papa, podemos antever uma solução para equilibrar o crescimento demográfico e favorecer uma economia estável para os países africanos, o movimento livre dos bens e capitais, dos países desenvolvidos para os países africanos serão os meios eficazes para aumentar os meios de subsistência nos países africanos, criar assim uma condição de bem-estar para os cidadãos. Ademais não podemos esquecer que uma das consequências do aumento demográfico, nos países africanos, era a fome. A Igreja propõe diferentes soluções para combater a fome, nomeadamente o fornecimento de ajuda alimentar direta e o aproveitamento dos «excedentes agrícolas dos países desenvolvidos com economias sustentáveis». <sup>41</sup> Por outro lado, o Papa João XXIII propõe que:

A solidariedade, que une todos os seres humanos e os torna membros de uma só família, impõe aos países, que dispõem com exuberância de meios de subsistência, o dever de não permanecerem indiferentes diante das comunidades políticas cujos membros lutam contra as dificuldades da indigência, da miséria e da fome, e não gozam dos direitos elementares da pessoa humana (MM, 156).

Uma questão posta pelo crescimento demográfico é a oportunidade do seu controlo. A Igreja católica, no entanto, opõe -se ao uso de métodos artificiais, na contraceção praticado na maioria dos países do mundo. Podemos resumir este ponto, com as palavras do Papa: «A vida humana é sagrada: mesmo a partir da sua origem, ela exige a intervenção direta da ação criadora de Deus. Quem viola as leis da vida, ofende a Divina

---

<sup>40</sup> Cf. Rato, *A Igreja e o Terceiro Mundo*, 148.

<sup>41</sup> Cf. Rato, *A Igreja e o Terceiro Mundo*, 149.

Majestade, degrada-se a si e ao gênero humano, e enfraquece a comunidade de que é membro» ( MM, 193). Este pensamento condensa a doutrina da Igreja na defesa e no respeito da vida humana.

Os economistas dividem as estruturas de produção, económica em três grandes sectores: «o primário, que abrange as atividades agrícolas, o segundo que inclui as atividades industriais e o terceiro o que compreende o comércio, interno e externo».<sup>42</sup> Os países de África, saídos da colonização, na sua maioria, tinham uma produção industrial e um sector terciário muito mais reduzidos do que os países desenvolvidos. É importante notar que nos países africanos, a atividade agrícola estava entre os sectores económicos mais significativos, mas por causa da falta de tecnologia, a produção agrícola era muito baixa. Também este problema é abordado na encíclica, que apresenta algumas propostas para corrigir este atraso da estrutura económica de produção.

Papa João XXIII afirma:

Contudo, a ação dos poderes públicos há de encontrar sempre justificação em motivos de bem comum. Deve, portanto, exercer-se num plano de conjunto para toda a nação, com o intento constante de contribuir para o progresso gradual, simultâneo e proporcionado, dos três setores produtivos: agricultura, indústria e serviços; e procurar que os cidadãos das zonas menos desenvolvidas se sintam e sejam deveras, na medida do possível, os responsáveis e os realizadores da sua elevação económica (MM 150).

Na visão do Papa, a Igreja deve apoiar todas as ações, que tenham uma intenção de desenvolver as estruturas económicas e sociais dos povos africanos, permitir o seu desenvolvimento, não só económico e social, mas também espiritual.

As carências no campo da tecnologia são outro indício de subdesenvolvimento dos países africanos. É verdade que o progresso tecnológico era e ainda é dominado pelos países industrializados. A maioria dos países africanos que adquiriam a sua independência deviam importar a sua tecnologia dos países industrializados, em medida infelizmente «inadequada à dimensão da produção e às necessidades das suas populações».<sup>43</sup> Podemos destacar que a carência da produção industrial e os constrangimentos financeiros, eram os fatores principais, que impediam os países africanos em termos de inovações

---

<sup>42</sup> Cf. Rato, *A Igreja e o Terceiro Mundo*, 151.

<sup>43</sup> Cf. Rato, *A Igreja e o Terceiro Mundo*, 158.

tecnológicas. Por isso, os países africanos continuavam a ser completamente dependentes da tecnologia produzida pelos países industrializados.

Na *Mater et Magistra* o Papa aborda também este problema, destaca que para haver o progresso científico nos países africanos, tem de haver uma colaboração mútua, não baseada no domínio das nações ricas sobre as nações em via de desenvolvimento em termos tecnológicos, de forma que os cidadãos dos países africanos, possam adquirir habilitações profissionais e competências científicas e tecnológicas.

## **2.2. *Pacem in Terris***

A *Pacem in Terris* é uma outra carta encíclica sobre a doutrina social da Igreja escrita pelo Papa João XXIII. Foi publicada em 1963, no decorrer do II Concílio Vaticano. Neste documento o Papa realça o tema «da paz, numa época marcada pela proliferação nuclear».<sup>44</sup> A *Pacem in terris* contém, uma reflexão aprofundada da Igreja sobre os direitos do homem: é a encíclica da paz e da dignidade humana. É a encíclica que pela primeira vez é dirigida não só aos cristãos, mas também a todas as pessoas de boa vontade, que são chamadas a uma imensa tarefa de recompor as relações da convivência «na verdade, na justiça, no amor, e na liberdade».<sup>45</sup>

O meu objetivo na leitura é procurar ver quais são as respostas que o Papa João XXIII, deu aos desafios postos pela dependência económica dos países africanos

O primeiro caminho indicado pelo Papa é a promoção do bem comum entre os povos. O Papa definiu o bem comum retomando a definição dada em *Mater et Magistra*, que designa o bem comum como aquele que «consiste no conjunto de todas as condições de vida social que consistam e favoreçam o desenvolvimento integral da personalidade humana» (PT, 58). Podemos colocar uma pergunta: a promoção do bem comum será mesmo o meio eficaz para erradicar a dependência económica dos países africanos que estão em fase de desenvolvimento? O Papa afirma claramente que o bem comum consiste em respeitar os direitos e deveres da pessoa humana. É uma grande lição para os países africanos, porque torna claro que haver verdadeiro desenvolvimento integral, devem ser desenvolvidos os serviços essenciais, como por exemplo a construção de estradas, o fornecimento de transportes, comunicações, água potável, habitação, assistência sanitária,

---

<sup>44</sup> Cf. Cardeal Renato Raffaele Martino, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* ( Igreja Católica, Pontifício Conselho «Justiça e Paz»,2004), 95, [https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html).

<sup>45</sup> Cf. Martino, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 95.

condições idôneas para a vida religiosa e ambiente adequado para o desenvolvimento espiritual. Para que tudo isso aconteça, os direitos humanos devem ser respeitados. Por isso o Papa, nesta encíclica, recorda claramente que aqueles que estão no poder público, tem a obrigação de harmonizar e respeitar os direitos humanos, na sua integridade, e ao mesmo tempo devem tomar as providências necessárias para os proteger, e restabelecer, se vierem a ser lesados.

Nesta encíclica, o Papa nega plenamente o direito dos povos ricos de explorar os povos africanos: «podem as nações diferenciar-se por cultura, civilização e desenvolvimento económico. Isto porém não poderá jamais justificar a tendência para impor injustamente a própria superioridade às demais» (PT, 88). O Papa afirma também claramente que para que não haja exploração, é preciso abraçar o caminho da verdade e da justiça, que são capazes de desenvolver «as relações internacionais mútuas entre as nações desenvolvidas e os países em via de desenvolvimento assim promovam as formas de colaboração seja económica, social, política, para bem comum de todas as nações seja desenvolvidas e subdesenvolvidas» (PT, 98).

### **2.3. *Gaudium et Spes***

Este documento, redigido pelos Padres conciliares e publicado em 1965, como vemos anteriormente (cf1,2), interessa-nos aqui porque além de constituir uma significativa resposta da Igreja às expectativas do mundo contemporâneo, também sugere algumas soluções em relação aos desafios económicos enfrentados pelos países africanos, depois da independência.

#### **O desenvolvimento económico deve permanecer sob a direção do homem.**

Hoje em dia maioria a maioria dos meios económicos é controlada por poucas pessoas. Mas este documento conciliar deixa uma mensagem clara de que não «deveria haver um domínio económico apenas por poucas pessoas, e destaca que em todos os níveis tenha parte na sua direção o maior número possível de homens» (GS, 65).

#### **O apelo à comunidade política, especialmente para aqueles que estão no poder público.**

Segundo os Padres conciliares, a comunidade política «existe em vista do bem comum» (GS,74). Para os líderes africanos que assumiram o poder depois da independência, é uma lição enorme de saberem que o verdadeiro desenvolvimento

integral dos seus países, só será possível quando eles estiverem atentos as necessidades do seu povo.

### **O papel da paz**

O documento exorta a promover a paz e evitar a guerra, como meio eficaz para criar o desenvolvimento integral da nação na sua totalidade. Para edificar a paz é necessário um entendimento profundo entre as pessoas, de forma a eliminar as causas das discórdias, sejam sociais, política, e religiosa, se criar um clima de amizade. A *Gaudium et Spes* realça que o caminho de paz será construído através do «domínio das paixões de cada um e a vigilância da autoridade legítima» (GS, 78). Para os Países africanos independentes que estavam ainda envolvidos em conflitos, isso era uma lição importante, evitar a guerra como solução dos seus problemas internos.

### **A unidade entre os povos do mundo, para promover o desenvolvimento de todos.**

O documento faz o apelo para que haja um desenvolvimento integral, que abraça todos os povos da terra, seja os povos mais desenvolvidos que os povos em via de desenvolvimento. A virtude da unidade é imprescindível. Sublinha-se que

Para que o bem comum universal se procure convenientemente e se alcance com eficácia, torna-se já necessário, dado o aumento crescente de estreitos laços de mútua dependência entre todos os cidadãos e entre todos os povos do mundo, que a comunidade dos povos dê a si mesma uma estrutura à altura das tarefas atuais, sobretudo relativamente àquelas numerosas regiões que ainda padecem intolerável indigência (GS, 84).

#### **2.4. *Populorum Progressio***

Esta encíclica foi escrita pelo Papa Paulo VI e publicada a 26 de março de 1967. É um texto que promove à cooperação entre os povos, e denuncia o desequilíbrio económica entre os países no mundo e todas as formas de neocolonialismo, nos países em vias de desenvolvimento.

Segundo o Papa Paulo VI, o desenvolvimento a perseguir responde a uma «exigência de justiça em escala mundial capaz de garantir uma paz planetária e a realização de um humanismo total, governado pelos valores espirituais».<sup>46</sup>

---

<sup>46</sup> Cf. Martino, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 98.

É a partir deste ponto de vista que Paulo VI instituiu, em 1967, a Pontifícia Comissão «*Justitia et Pax*», com o fim de despertar à necessidade de promover o progresso das regiões indigentes e a justiça social entre as nações. Por outro lado, sempre por iniciativa de Paulo VI, a começar de 1968, a Igreja celebra no primeiro dia do ano o Dia Mundial da Paz.

Como já feito em relação aos documentos anteriores, encíclica também nesta encíclica procurarei identificar as respostas apresentadas pelo Papa em relação à condição de dependência económica dos países africanos

### **A visão cristã do desenvolvimento**

Relativamente a este ponto, o Papa Paulo VI afirma claramente que não pode haver verdadeiro desenvolvimento, afirma claramente que não pode haver verdadeiro desenvolvimento, sem colocar em primeiro o ser humano. Para ser autêntico, o desenvolvimento

deve ser integral, quer dizer promover todos os homens e o homem todo, não aceitamos que o económico se separe do humano; nem o desenvolvimento das civilizações em que ele se inclui. O que conta para nós, é o homem, cada homem, cada grupo de homens, até se chegar à humanidade inteira (PP,14).

Esta mensagem é pertinente para os países africanos independentes, frisando a centralidade da dignidade humana.

### **O problema da industrialização**

Depois da independência, a maioria dos países africanos, não tinha uma base industrial consistente, assim eram difíceis para estes países atingirem, uma economia estável. O Papa Paulo VI, foi o primeiro a realçar, nesta encíclica, que a industrialização é um fator importante para reduzir a dependência económica, para a maioria dos países em vias de desenvolvimento. O Papa destaca que «é necessária ao rendimento económico e ao progresso humano a introdução da indústria que é ao mesmo tempo sinal e fator de desenvolvimento» (PP, 25). Por outro lado, o Papa Paulo VI alertou que para que ser um fator eficaz e justo de desenvolvimento económico, o progresso industrial deve corresponder à preservação da dignidade humana: «uma industrialização precipitada pode

desmorrar estruturas ainda necessárias, criar misérias sociais que seriam um retrocesso humano» (PP, 29). Por isso, para que os países africanos, possam ter um progresso rápido no setor industrial, devem ser tomados em conta fatores necessários como «uma planificação eficiente, uma transformação estrutural por etapas, uma aplicação racional de tecnologia e uma mudança gradual de hábitos e mentalidades».<sup>47</sup>

As convenções internacionais deveriam ser baseadas no critério de igualdade, entre os países desenvolvidos e os países em vias de desenvolvimento (africanos) (PP,61). O Papa deu o exemplo das relações comerciais, entre os países ricos e pobres, que são sempre governadas pelo interesse mais forte e não pela justiça social. Contra isto, o Papa invoca uma mudança radical, identificando algumas medidas concretas, como regular os preços de certos produtos, vindo de países pobres e vendidos no mercado internacional dos países ricos. O documento sublinha que o impacto destas condições mais justas poderia ser sentido nos países pobres de maneira não imediata, mas duradoura.

### **O desenvolvimento é o novo nome da Paz**

É uma frase que se encontra na conclusão da encíclica *Populorum Progressio*, e que está associada à condenação por parte do Papa do facto que tanto dinheiro, que deveria ser destinado a incrementar o desenvolvimento dos povos, é gasto, pelo contrário, para aumentar os arsenais de armas, quer nos países desenvolvidos, quer naqueles que estão em vias de desenvolvimento. O Papa recorda aos países africanos que a guerra e os preparativos militares são o maior inimigo do desenvolvimento integral dos povos.

## **2.5. O Sínodo dos Bispos**

Do Sínodo dos Bispos que decorreu em Roma em 1971, saiu o documento com o título *A Justiça no Mundo*.

Neste texto foram enunciadas várias propostas para o crescimento económico dos países africanos.

Em primeiro lugar, o documento sublinha que todas as nações têm direito a um desenvolvimento integral e que este direito deve ser interpretado como um dos direitos humanos fundamentais, em que baseiam as legítimas aspirações dos indivíduos e das nações. Este direito ao desenvolvimento não só foi longamente negado aos países

---

<sup>47</sup>Cf. Rato, *A Igreja e o Terceiro Mundo*, 176.

africanos, vítimas das condições de vida criadas principalmente pela dominação colonial, mas está sob a nova ameaça das novas formas de colonialismo criadas, pelas forças económicas da sociedade internacional. O documento do Sínodo afirma claramente que este direito ao desenvolvimento consiste antes de mais, no direito à esperança, em conformidade com a dimensão concreta do atual género humano. Ademais, o texto sublinha que este direito ao desenvolvimento, implica que as nações africanas tomem nas suas próprias mãos as rédeas do seu futuro, para assim chegarem a sua identidade própria, e ao seu pleno desenvolvimento.

O documento alerta para a educação na justiça, o que é fundamental para o bem-estar dos povos africanos, despertando a sua consciência à exigência de não serem objeto de manipulações, de intervenção das forças políticas externas, à necessidade de criar uma economia estável e independente.

### **O papel de ação internacional**

O documento apela ao apoio das nações mais ricas em relação às nações em vias de desenvolvimento. Que tipo de apoio é pedido à comunidade internacional? As medidas indicadas são várias, como 1) a transferência de uma percentagem determinada do seu rendimento anual, das nações ricas para os países em vias de desenvolvimento, especificamente para os países africanos, 2) a criação de preços mais equitativos para as matérias-primas, 3) e nalguns sectores uma atitude preferencial para favorecer da exportação dos produtos manufaturados nos países africanos.

### **2.6. *Sollicitudo Rei Socialis***

Esta encíclica foi escrita por João Paulo II, e publicada em 1987, em homenagem ao histórico documento de Paulo VI: a *Populorum Progressio*. Nesta encíclica o Papa aborda novamente o tema do desenvolvimento, ilustrando dois aspetos principais. Por um lado, «a situação dramática do mundo contemporâneo, em relação ao subdesenvolvimento no Terceiro Mundo, e, por outro lado, o sentido, as condições e as exigências dum desenvolvimento digno do homem».<sup>48</sup> João Paulo II escreveu esta encíclica para dar continuidade à doutrina social da Igreja, que precisava de necessárias e oportunas adaptações, sugeridas pela mudança das condições históricas e pelo

---

<sup>48</sup> Cf. Martino, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 102.

incessante fluir dos acontecimentos, que incidem no desenrolar da vida dos homens e das sociedades.

As soluções sugeridas pelo Papa para reduzir a dependência económica nos países africanos são as seguintes.

### **Denuncia os mecanismos económicos injustos**

O Papa sublinha a necessidade de uma ética que guie os mecanismos económicos, que «muitas vezes correm o risco de favorecer unicamente os interesses de quem os manobra, mas acabam por sufocar a economia dos países africanos» (SR, 16).

### **Condena todas as formas de fragmentação**

O Papa em modo particular condena a divisão do mundo em categorias, como «Primeiro, Segundo, e Terceiro mundo» (SR, 14). Para o Papa, esta divisão do mundo, alerta que a unidade do género humano está seriamente comprometida. Para o Papa esta maneira de ver as coisas, para além do seu valor menos objetivo, encobre sem dúvida uma falha moral. Surge a pergunta de qual é a resposta da Igreja diante deste desafio? O Papa sublinha de maneira clara que diante da divisão do mundo em categorias, a Igreja deve continuar a ser sinal e instrumento da unidade de todo o género humano. Para que haja desenvolvimento verdadeiro, segundo o Papa, não deve haver esta divisão, mas unidade entre as nações.

### **A Questão de dívida internacional**

O Papa alerta que a dívida é um obstáculo enorme para o progresso dos países em via de desenvolvimento. Os países africanos pedem dinheiro emprestado aos países mais desenvolvidos, para o empregar em atividades de desenvolvimento. Mas para pagarem a dívida, os países africanos têm de pagar juros enormes, que atrasam o processo de desenvolvimento. Qual é a proposta do Papa dá para este desafio? O Papa realça o «carácter ético da interdependência dos povos, e convida a uma cooperação económico entre os povos desenvolvidos e os países africanos, que seja inspirada igualmente em princípios éticos, que não favorecem qualquer forma de exploração» (SR, 20).

### **A solidariedade promove o desenvolvimento**

A solidariedade é uma verdadeira virtude moral, não um sentimento de compaixão vaga ou de enternecimento superficial pelos males sofridos por tantas pessoas próximas ou distantes. Pelo contrário, é a determinação firme e perseverante de se «empenhar pelo bem comum; ou seja pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos».<sup>49</sup> A solidariedade eleva-se assim ao grau de virtude social fundamental, pois se coloca na dimensão da «justiça, virtude orientada por excelência para o bem comum e na aplicação em prol do bem do próximo, com a disponibilidade, em sentido evangélico, para se perder em benefício do próximo em vez de o explorar, e para servi-lo em vez de o oprimir para proveito próprio (Mt 10, 40-42;20,25; Mc10, 42-45; Lc 22, 25-27)».<sup>50</sup> O Papa faz o apelo à solidariedade entre as nações em via de desenvolvimento. O espírito de solidariedade fraterna entre as nações, seria um vetor primário do desenvolvimento dos países africanos. Assim, para o Papa a solidariedade é uma virtude fundamental, para os quatro cardeais do mundo, seja Este e Oeste, Norte e Sul.

### **O respeito dos direitos humanos,**

O Papa alerta para o respeito dos direitos humanos. Segundo a doutrina social da Igreja, os direitos humanos não se fundamentam na mera vontade dos seres humanos, na realidade do Estado, nos poderes públicos, mas no mesmo homem e em Deus seu Criador. Estes direitos humanos são «universais, invioláveis e inalienáveis».<sup>51</sup> Universais, porque estão presentes em todos os seres humanos, sem exceção alguma de tempo, de lugar e de sujeitos. Invioláveis, enquanto inerentes à pessoa humana e à sua dignidade. Por fim, são inalienáveis, enquanto «ninguém pode legitimamente privar destes direitos um seu semelhante, seja ele quem for, porque isso significaria violentar a sua natureza».<sup>52</sup> Nesta encíclica, o Papa sublinha que não seria verdadeiramente digno do homem um tipo de desenvolvimento que não respeitasse e não promovesse os direitos humanos, pessoais e sociais, económicos e políticos, incluindo os direitos das nações e dos povos. Há conexão intrínseca entre o desenvolvimento autêntico e o respeito dos direitos do homem, conforme com a vocação natural e histórica de cada um, que não se alcança só com o desfrute da abundância dos bens e dos serviços. No nível internacional, o Papa faz o apelo

---

<sup>49</sup>Cf. Martino, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 193.

<sup>50</sup>Cf. Martino, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 193.

<sup>51</sup> Cf. Martino, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*,153.

<sup>52</sup> Cf. Martino, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*,153.

de que nas relações entre os Estados haja pleno respeito da identidade de cada povo, com as suas características históricas e culturais. Por fim, o Papa continua a insistir que tanto os povos como as pessoas individualmente devem gozar da igualdade fundamental, como indica a Carta da Organização das Nações Unidas. Esta igualdade é fundamento do direito à participação de todos no processo de desenvolvimento integral, especialmente para os países africanos.

### **2.7. *Centesimus Annus***

Esta encíclica foi escrita pelo João Paulo II, e, publicada em 1991. As principais propostas de solução avançadas pelo Papa para resolver os problemas da dependência económica nos países africanos são as seguintes.

#### **O papel do Estado na promoção da atividade económica**

O Papa alerta que os Estados têm o papel fundamental de garantir a segurança para todas as atividades económicas, nos seus respetivos países. O Papa destaca que a tarefa principal do Estado é «de garantir a segurança, de modo que quem trabalha e produz possa gozar dos frutos do próprio trabalho e conseqüentemente, se sinta estimulado a cumpri-lo com eficiência e honestidade» (CA, 48). Podemos dizer que este apelo do Papa é uma lição importante aos Estados africanos, sobre o seu dever de garantir a segurança das atividades económicas, como o meio para melhorar a vida das pessoas.

#### **A necessidade de evitar as guerras**

O Papa enfatiza para garantir o desenvolvimento económico há necessidade de evitar as guerras. Na encíclica é feito o apelo aos países, especialmente aqueles que estavam em guerra após a sua independência, para cessarem os conflitos e abraçarem o caminho da paz. Parafrazeando o Papa Paulo VI, na sua encíclica *Populorum Progressio*, também o Papa João Paulo II lembra que outro nome do «desenvolvimento é a Paz» (CA, 52). Para que haja desenvolvimento económico estável, diz o Papa a paz é o caminho a seguir, e acabar com todo o conflito é um objetivo primário para os países africanos.

### **2.8. *Fratelli Tutti***

Esta encíclica escrita pelo Papa Francisco, foi publicada em 2020. Antes de analisar é importante lembrar a sensibilidade especial deste Papa em relação ao problema da pobreza e da justiça social. Foi o Papa Francisco que instituiu o dicastério para o

desenvolvimento e ele não se cansa de ensinar que qualquer desenvolvimento tem lugar mediante o cuidado dos bens incomensuráveis da justiça, da paz, e da proteção da criação.

Vejamos os elementos principais nesta Encíclica que podem contribuir para ultrapassar a dependência económica dos países africanos

### **O respeito dos direitos humanos**

Nesta encíclica o Papa afirma que o respeito dos direitos humanos, é o caminho para o verdadeiro desenvolvimento dos povos. Sublinha assim o Papa que «Muitas vezes se constata que, de facto, os direitos humanos não são iguais para todos. O respeito destes direitos é condição preliminar para o próprio progresso económico e social de um país» (FT, 22). Hoje em dia, na maioria dos países africanos, os direitos humanos não são respeitados. Para os países africanos, este apelo do Papa tem uma grande relevância para que eles possam atingir o desenvolvimento integral dos seus cidadãos.

### **Condenação de todas as formas de individualismo**

«O individualismo não nos torna mais livres, mais iguais, mais irmãos» (FT,105). O Papa condena o individualismo, sublinhando que, o individualismo é um vírus que deveria ser combatido, porque nos torna inimigos, cria um distanciamento mútuo, e deixa-nos vazios, incapazes de pensar no outro que necessita de ajuda. No momento em que descuidamos dos outros, falhamos em criar um mundo melhor para toda a humanidade. Por isso, o Papa convida o mundo a deixar esta atitude de individualismo, para trabalharmos no bem comum em favor de todos os povos, em via de desenvolvimento, especialmente os povos africanos.

### **Promoção de bem moral**

«Vivemos já muito tempo na degradação moral, baldando-nos à ética, à bondade, à fé, à honestidade; chegou o momento de reconhecer que esta alegre superficialidade de pouco nos serviu » (FT, 113). Para o Papa há a necessidade de uma reeducação moral geral. Os países africanos, na sua maioria, sofrem a corrupção dos seus líderes, gerada pela falta de consciência moral. Esta afirmação do Papa, é um convite para que os líderes africanos adiram a valores morais como a honestidade, a empatia, o temor de Deus, o amor ao próximo, porque tudo isso contribuiria para o desenvolvimento dos seus próprios países.

### **Promoção do direito de desenvolvimento para todos os povos**

«O desenvolvimento não deve orientar-se para a acumulação cada vez mais de poucos, mas deve assegurar os direitos humanos, pessoais e sociais, económicos e políticos, incluindo os direitos das nações e dos povos» (FT, 122). Esta é uma frase muito pertinente do Papa Francisco. Hoje em dia, o risco da desigualdade crescente é uma realidade para a maioria dos povos africanos. Encontram-se ainda em alguns países africanos líderes que acumulam muita riqueza, deixando uma multidão de pessoas no sofrimento. Este apelo é uma um convite aos líderes africanos, para gerirem os recursos dos seus próprios países ao serviço dos seus cidadãos.

### **Contra a dívida externa dos países pobres**

O Papa alerta sobre o problema da dívida externa, dos países mais pobres, realçando o facto de que ela representa um obstáculo enorme ao alcance do seu próprio progresso económico. O Papa afirma assim:

Em muitos casos, o pagamento da dívida não só não favorece o desenvolvimento, mas limita-o e condiciona-o intensamente. Embora se mantenha o princípio de que toda a dívida legitimamente contraída deve ser paga, a maneira de cumprir este dever que muitos países pobres têm para com países ricos não deve levar a comprometer a sua subsistência e crescimento (FT, 126).

### **3. A Missionação em África e a Teologia Africana após o II Concílio do Vaticano**

Sendo que o II Concílio Vaticano, aconteceu quando a maioria dos países africanos estavam a sair do colonialismo, e assumir a sua independência, foi nesta época que a Igreja sentiu a necessidade de valorizar o cristianismo de rosto africano.

Para analisar este percurso histórico de Missionação em África após o II Concílio Vaticano, abordarei a questão da teologia africana, ilustrando as suas tendências principais, os seus limites e a sua importância para a missionação.

#### **3.1. Origem da expressão Teologia Africana**

No processo da missionação em África, é imprescindível refletir sobre a expressão Teologia Africana. A origem desta expressão é dos anos Cinquenta, quando foi publicada, a famosa obra coletiva *Des prêtres noirs s'interrogent* (1956).<sup>53</sup> Neste livro

---

<sup>53</sup> Reedição: Léonard Santedi kinkupu, Gérard Bissainthe, Meinrad Hebga (presente par), *Des prêtres s'interrogent. Cinquante ans après*, (Paris:Karthala, 2006). O livro é uma coleção de entrevistas de estudantes africanos que se encontravam em Europa, incluindo V. Mulago, A. Kagame, M. Hebga, e Mveng, ( cf. Paulino Mulamb'a Mulamba, *O itinerário da inculturação no pensamento teológico*

o Padre Hebga lançou a seguinte pergunta que: «E iremos nós defender para sempre o nosso complexo escondido de sermos os parentes pobres de Deus na Igreja de Deus» ou «Vamos ser semeadores de entusiasmo cristão, entusiasmo esse que nos vai forçar a repensar este problema de uma teologia fundamental africana?».<sup>54</sup> A outra intervenção que determinou a origem da expressão Teologia Africana, veio a partir do Cónego Vanneste, Reitor da Universidade de Kinshasa. Este teólogo afirmou que era «preciso elaborar um trabalho teológico original em todas as áreas, para se ter a ousadia de lançar um pensamento teológico africano».<sup>55</sup> Estas duas intervenções abriram uma grande esperança para a Igreja Africana rumo à construção de uma teologia basicamente africana. O Papa João Paulo II apoiava a ideia de uma Teologia africana e apelou à «necessidade de usar o neologismo Teologia Africana para designar uma reflexão teológica especificamente para o continente africano».<sup>56</sup> Ademais declarou que era «uma legítima manifestação de pluralismo que já tinha começado no tempo dos Apóstolos, tarefa a ser desempenhada em fidelidade ao Fundador, Jesus Cristo».<sup>57</sup>

### 3.2. A génese da Teologia Africana

O nascimento da Teologia Africana tinha as suas raízes no movimento da negritude, que foi iniciado por Léopold Senghor, juntamente com os seus amigos Aimé Césaire e Léon Coutran, quando estavam a estudar em Paris, em 1930. Estes três autores foram grandes figuras convenceram o mundo acerca dos «valores culturais africanos, e também animaram os seus irmãos e irmãs africanos para terem uma nova fé no próprio continente, no seu presente e no seu futuro».<sup>58</sup> Depois da segunda guerra mundial, houve uma grande abertura no nascimento de uma filosofia africana original. O Alioune Diop,<sup>59</sup> lançou a revista *Présence Africaine*, que publicou diferentes obras que se tornaram um meio importante para exaltar a civilização africana. Além disso, no processo do nascimento da Teologia Africana, não podemos esquecer a contribuição de Placide

---

*Africano. Avaliação e Perspectivas*, Tese de Mestrado em Teologia orientado pelo Professor José Nunes (Universidade católica Portuguesa, 2007), 82.

<sup>54</sup> Cf. Mulamba, *O itinerário da inculturação*, 82.

<sup>55</sup> Cf. Mulamba, *O itinerário da Inculturação*, 83.

<sup>56</sup> Cf. John Baur, *2000 anos de Cristianismo em África. Uma história da Igreja Africana* ( Lisboa: Prior Paulinas Editoras, 2002 ), 461.

<sup>57</sup> Cf. Baur, *2000 anos de Cristianismo em África*, 461.

<sup>58</sup> Cf. Baur, *2000 anos de Cristianismo em África*, 459.

<sup>59</sup> Foi um autor senegalese, fundador da revista *Présence Africaine* e protagonista do movimento de Negritude. Ele teve um papel fundamental no II Concílio Vaticano. Na ocasião de preparação do II Concílio Vaticano, ele organizou o encontro dos intelectuais católicos, sacerdotes, e leigos, que decorreu em Roma, entre 26 e 27 de maio de 1962, com o tema a Personalidade Africana e Catolicismo.

Tempels, o missionário belga que trabalhou entre os Balubas do Congo (Zaire). Na sua análise acerca da cultura africana e as suas categorias de pensamento o Padre Placide, chegou à conclusão de que «o foco de toda a visão do mundo e da religião africanas é a força vital».<sup>60</sup> Sendo assim, as suas conclusões pastorais foram adaptadas por uma primeira geração de teólogos francófonos que, a partir de então, construíram e desenvolveram novos conceitos teológicos acerca de cariz genuinamente africano. Um grande teólogo africano, o Benezét Bujo, não hesitou chamar a Tempels «o Pai da Teologia Africana»<sup>61</sup>.

### 3.3. O Ponto de partida da Teologia Africana (1955-1956)

1955 e 1956 foram considerados como uma viragem enorme no desenvolvimento de Teologia Africana. O primeiro encontro dedicado à protagonização de uma teologia africana aconteceu em Acra (Gana) em 1955. Nesta reunião estiveram presentes os teólogos, Busia e Baeta, que defendiam a continuidade entre a religião africana e o cristianismo. Eles destacaram que tinha «chegado o momento oportuno para as Igrejas africanas usarem as suas próprias culturas para proclamar o Evangelho em África».<sup>62</sup> Mas é interessante notar que no mesmo ano se deram outras iniciativas em que se salientava a necessidade de utilizar a cultura africana no processo de evangelização em África. Assim, por exemplo dois padres francófonos, Vincent Mulago e Alexis Kagame, publicaram duas teses de doutoramento dedicadas a este tema: *A Unidade Vital Banto* de Vincent Mulago e *A filosofia Banto Ruandesa* por Alexis Kagame. Também saiu, como já mencionados, a obra coletiva de *Des prêtres noirs s'interrogent*. O teólogo africano Tshibangu,<sup>63</sup> considerou estas obras «apresentadas por diferentes teólogos, como manifestação da consciência emergente da necessidade de uma perspectiva autonomamente africana na reflexão sobre a evolução e os problemas da Igreja em África».<sup>64</sup> Outro teólogo africano, Bimwenyi, comentando estas obras coletivas, dizia «que a questão da teologia não se encontra abordada em termos claros e nítidos. No entanto, continuava o teólogo, estes textos representavam um ponto de partida, ao abrir um novo debate sobre a teologia africana».<sup>65</sup>

---

<sup>60</sup> Cf. Baur, *2000 anos de cristianismo em África*, 460.

<sup>61</sup> Cf. Baur *2000 anos de cristianismo em África*, 460.

<sup>62</sup> Cf. Baur, *2000 anos de cristianismo em África*, 460.

<sup>63</sup> É um teólogo congolês bispo emérito da diocese de Mbuji-Mayi. Foi nomeado por João XXIII, como perito oficial do II Concílio Vaticano.

<sup>64</sup> Mulamba, *O itinerário da inculturação*, 85.

<sup>65</sup> Cf. Mulamba, *O itinerário da inculturação*, 86.

### 3.4. O debate sobre a necessidade e possibilidade da Teologia Africana entre 1960 e 1974.

Em 1960, na faculdade de Teologia da Universidade de Lovaina em Kinshasa houve um debate sobre a possibilidade de uma Teologia Africana, ao qual participaram o estudante Tharcisse Tshibangu Tshishiku e o professor Alfred Vanneste, Decano da Faculdade. Nesta discussão foi abordado pela primeira vez o problema teórico da possibilidade de uma Teologia Africana ou de uma teologia de cor africana. Na sua tese de doutoramento *Vers une théologie de couleur africaine?* (Em direção a Uma Teologia de Cor Africana?), Tshibangu defendia a ideia de que «uma visão africana, usando o simbolismo, os seus conceitos de força vital, e de realização humana e as latentes sementes teológicas da sua religião tradicional, podia levar a uma Teologia Africana no mesmo sentido em que se fala de Teologia-Cristã ou de Teologia Ocidental ou Oriental». <sup>66</sup> A resposta de Vanneste, no seu documento *D`abord une vraie théologie* (Primeiro Uma Verdadeira Teologia), era que uma autêntica «Teologia Africana só podia ser construída a partir de um empenho individual dos teólogos africanos para cooperar nos esforços universais para edificar uma teologia cristã que sendo de facto ocidental. As adaptações podiam ser realizadas unicamente no âmbito do ministério pastoral e catequético». <sup>67</sup> Se o debate de Kinshasa foi o ponto de partida da discussão de uma Teologia Africana é necessário realçar que os diferentes pontos de vista, levantados pelos dois teólogos não eram suficientes para justificar um pensamento teológico africano original. A Teologia Africana defendida no debate, não se apresentava como uma teologia «com rosto africano, mas como uma teologia da implantação». <sup>68</sup>

Sobre esta questão, não podemos esquecer também o legado do II Concílio Vaticano, que insistia numa pluralidade de teologias, que mostrou também a existência de sementes da Divina Verdade nas religiões não cristãs, por isso, a partir deste ponto de vista «não havia razões sérias para a África não tentar desenvolver a sua própria teologia». <sup>69</sup> O convite do Papa Paulo VI aos bispos de África e Madagáscar foi para formularem o Catolicismo em termos compatíveis com a sua própria cultura e assim trazerem para a Igreja Católica, a preciosa e original contribuição da negritude de que ela

---

<sup>66</sup> Cf. Baur, *2000 anos de cristianismo em África*, 461.

<sup>67</sup> Cf. Baur, *2000 anos de Cristianismo em África*, 461.

<sup>68</sup> Cf. Mulamba, *O itinerário da inculturação*, 89.

<sup>69</sup> Cf. Baur, *2000 anos de Cristianismo em África*, 461.

precisa particularmente na evangelização. Este apelo do Papa era um motivo forte para a Igreja Africana avançar com a sua própria Teologia.

Por outro lado, também a Igreja protestante, apelava a uma teologia africana, ecoou fortemente no estudo, do Bengt Sundkler, bispo de Bukoba sobre *o Ministério Cristão em África*. No seu estudo, ele argumentava que «a Igreja Cristã em África tinha permanecido uma instituição estrangeira, sendo que não houve um trabalho teológico consciencioso e criativo por parte dos líderes africanos da Igreja».<sup>70</sup> Acerca deste desafio, o bispo Sundkler propôs o uso da cultura africana, para a pregação do Evangelho.

Sendo assim, isso motivou na parte da Igreja protestante, em 1963, de organizar os encontros e as consultas, das Igrejas de Toda África em Campala. Nesta assembleia tornou-se claro, para muitos líderes das Igrejas, que era claro a «personalização da Igreja em África, era necessário o seu próprio pensamento teológico, fazendo justiça à cultura africana».<sup>71</sup> Por outro lado, não faltaram as resistências em promover a Teologia Africana, devido aos alegados «maus elementos da cultura africana e do perigo de sincretismo que iria acabar com o carácter único do Cristianismo num pacto com as religiões africanas tradicionais».<sup>72</sup>

Em 1966 houve uma primeira consulta de teólogos em Ibadan ( Nigéria). Este encontro foi marcado pela presença dos diferentes teólogos existentes nas diferentes partes do continente africano, como por exemplo Dickson, Idowu, Mbiti e Sawyerr. O tema central foi bem expresso no título do relatório editado por Dickson e Ellingworth *Revelação Bíblica e Crenças Africanas*, o primeiro livro em inglês sobre a Teologia Africana. Ao final deste encontro era reconhecida uma certa continuidade entre algumas «crenças tradicionais africanas sobre a divindade e a plena autor revelação de Deus em Jesus Cristo».<sup>73</sup>

O ano de 1969, foi decisivo porque houve outra Assembleia da Conferência das Igrejas de Toda a África, que aconteceu em Abidjan ( capital de Costa do Marfim), que promoveu a indigenização das liturgias e a africanização das formulações doutrinárias cristãs, mas «afirmou claramente que Cristo deve ser o centro desta teologia, para evitar

---

<sup>70</sup> Cf. Baur, *2000 anos de Cristianismo em África*, 461.

<sup>71</sup> Cf. Baur, *2000 anos de Cristianismo em África*, 461.

<sup>72</sup> Cf. Baur, *2000 anos de Cristianismo em África*, 461.

<sup>73</sup> Cf. Baur, *2000 anos de Cristianismo em África*, 462.

o sincretismo».<sup>74</sup> Neste encontro foi proposto que todas as universidades e os colégios teológicos, introduzissem a disciplina de Teologia Africana. No mesmo ano, as Igrejas: católicas e protestantes, «apelaram em conjunto para reconhecer a necessidade de uma Teologia Africana, considerada como uma expressão da autoafirmação da Igreja em África».<sup>75</sup> O ano 1974 foi marcado por dois acontecimentos importante: Do lado protestante, «houve a promulgação da Moratória das Conferências de Igrejas de Toda a África, em Lusaca, e do lado católico deu-se a declaração dos bispos africanos no Quarto Sínodo dos Bispos em Roma».<sup>76</sup> A preocupação central dos dois encontros consistia em «criar uma identidade cristã africana».<sup>77</sup> Na senda do Sínodo dos Bispos em Roma a palavra «adaptação foi recusada porque considerada anacrónica, e surgiu a palavra genuinamente africana: «teologia da Incarnação», que deveria ajudar o Cristianismo a incarnar-se na vida do povo africano».<sup>78</sup>

#### **4.Principais tendências da Teologia Africana**

Sendo que no aparecimento da expressão Teologia Africana confluíram diferentes processos históricos, com já illustrei, nesta última parte irei apresentar as novas tendências que implicam novos contextos, novos desafios, na abordagem de uma Teologia Africana. Irei por isso apresentar as seguintes tendências: a teologia da adaptação, a teologia da inculturação, e a teologia da libertação.

##### **4.1. Teologia da adaptação**

A expressão teologia da adaptação, foi desenvolvida pelos missionários Jesuítas, quando foram evangelizar a China e a Índia, no século XVI e XVII. Eles fizeram assim para tentar enriquecer o cristianismo com as culturas que se encontravam nestes países, que se opunham ao antigo método de assimilação dos convertidos ao cristianismo europeu nas terras de missão. Deste modo, os Jesuítas foram acusados «por outros missionários, que seguiam o método de assimilação dos convertidos ao Cristianismo europeu, de promover o sincretismo, proibido por Roma porque contrário aos fundamentos dogmáticos ».<sup>79</sup> A expressão adaptação começou a ser usada de novo no século XX por

---

<sup>74</sup> Cf. Baur, *2000 anos de Cristianismo em África*, 462.

<sup>75</sup> Cf. Baur, *2000 anos de Cristianismo em África*, 462.

<sup>76</sup> Cf. Baur, *2000 anos de Cristianismo em África*, 462.

<sup>77</sup> Cf. Baur, *2000 anos de Cristianismo em África*, 477.

<sup>78</sup> Cf. Frei José Nunes, «As sucessivas teologias da missão e a Nova Evangelização em África», em *CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA MISSIONAÇÃO PORTUGUESA DE CULTURAS Actas*, 4 vols. (Braga: Universidade Católica Portuguesa, 1993), 483.

<sup>79</sup> Cf. Baur, *2000 anos de Cristianismo em África*, 465.

alguns missionários, «de forma extremamente cautelosa».<sup>80</sup> No encontro de Papa com os bispos em Campala, ao comentar a questão da adaptação Papa Paulo VI dizia que «Uma adaptação de vida cristã no domínio das atividades pastorais, rituais, didáticas e espirituais não é apenas possível, mas apoiada pela Igreja».<sup>81</sup>

A expressão adaptação pode ser aplicada a partir de diferentes perspectivas tanto em relação aos missionários como à mensagem evangélica. Em relação aos missionários, os processos de adaptação pedem-lhes para viverem segundo o estilo de vida do povo, para o qual foram enviados, porque isto é fundamental para o êxito da evangelização. Isto quer dizer que os missionários têm de aprender a língua, a cultura, os hábitos do povo, para facilitar a evangelização.

Em relação à mensagem cristã, «a adaptação procura transmiti-la de forma que seja compatível com o povo local, que será assim mais facilmente conduzido para Cristo».<sup>82</sup>

#### **4.1.1. Os limites deste processo de adaptação**

A adaptação, como processo de evangelização desenvolvido pelos missionários, não nasce de uma aspiração exprimida pelos africanos, mas das exigências dos próprios missionários. Sendo assim, acerca de adaptação foram levantadas diferentes questões por teólogos como Monsenhor Thils: «Então o que foi adaptado na realidade? O cristianismo no que tem de essencial, ou o cristianismo já constituído na sua latino-germânica que o caracteriza nas nossas regiões?».<sup>83</sup> A sua resposta acerca desta pergunta é que o processo de adaptação se liga mais à forma da mensagem evangélica que desenvolveu na Europa, de que ao contexto da sociedade africana. Outro teólogo africano Bimwenyi, observou que a adaptação era simplesmente acrescentar seja «os costumes latinos ou germânicos às culturas africanas ou asiáticas».<sup>84</sup> O professor Nunes, por sua vez, realçou que a adaptação era uma maneira de «desmontar as culturas tradicionais africanas, porque a seleção dos elementos cristianizáveis do contexto africano, era feita com critérios ocidentais, avançados pelos próprios europeus».<sup>85</sup> Outra opinião sobre os limites da adaptação vem parir do Padre Henry Gravany, que era missionário espiritano francês e

---

<sup>80</sup> Cf. Baur, *2000 anos de Cristianismo em África*, 465.

<sup>81</sup> Cf. Mulamba, *O itinerário da Inculturação*, 107.

<sup>82</sup> Cf. Mulamba, *O itinerário da Inculturação*, 107.

<sup>83</sup> Monsenhor Thils apud Mulamba, *O itinerário da Inculturação*, 108.

<sup>84</sup> Bimwenyi apud Mulamba, *O itinerário da Inculturação*, 109.

<sup>85</sup> Cf. Frei José Nunes, «As sucessivas teologias da missão e a Nova Evangelização em África», 483.

antropólogo, que trabalhou muito tempo no Senegal e escreveu especificamente sobre a religião Serer<sup>86</sup> e a sua cultura. Rejeitando os processos de adaptação, Gravany dizia que «as religiões africanas, como as outras religiões não cristãs, constituem um conjunto que deve ser considerado na sua totalidade».<sup>87</sup>

Outro limite acerca da teologia da adaptação é à sua falta de perspectiva total de perspectiva histórica. Os elementos culturais africanos considerados positivos que foram selecionados pelos missionários para ser enquadrados «no contexto do cristianismo africano, não correspondiam à evolução histórica e cultura local dos povos africanos».

88

#### **4.1.2. Apreciação da Teologia da adaptação**

Depois de ter ilustrado os limites da teologia da adaptação, é necessário avaliar também os seus aspetos positivos. Damos crédito a teologia da adaptação, porque trouxe uma mudança enorme na vida da Igreja africana. Não faltam as inovações positivas como por exemplo, a introdução de música religiosa indígena na liturgia, (composição de missas em estilo musical local,); o abandono de latim em favor das línguas locais; o uso de instrumentos religiosos tradicionais; o uso de outros símbolos e gestos tipicamente africanos; a utilização de produção artística africana; a aceitação de referências da sabedoria local nas homilias; a cristianização de outros ritos tradicionais; a aceleração da promoção do clero local. Todas estas mudanças dentro da jovem Igreja africana foram possível graças à teologia da adaptação. No entanto, apesar destes frutos que a teologia da adaptação trouxe no seio da Igreja africana, não podem ignorar as críticas já mencionadas.

O objetivo principal de uma teologia africana é apresentar o Cristo à África, como aquele que assume e purifica todos os valores culturais africanos, que não são compatíveis com a mensagem evangélica. Sendo assim, surgiu a ideia de encontrar uma nova teologia que ia realizar esta missão de forma concreta, porque a teologia da adaptação era considerada ultrapassada. Foi desta exigência que nasceu a declaração que apresentada no Sínodo sobre a Evangelização de 1974, em Roma, onde os bispos africanos e de Madagáscar,

---

<sup>86</sup> Eles são o segundo maior grupo étnica, no Senegal.

<sup>87</sup> Gravany apud Mulamba, *O itinerário da inculturação*, 110.

<sup>88</sup>Cf. Mulamba, *O itinerário da Inculturação*, 111.

assumem a responsabilidade de um corte radical com concepções do passado e propõem uma encarnação profunda do cristianismo na vida dos povos africanos, o que será possível com o desenvolvimento de uma teologia africana, mais liberta e mais autónoma. Cabe sobretudo às comunidades cristãs vivas, incarnadas e radicadas na vida dos seus povos, aprofundar o Evangelho fixar os objetivos prioritários da ação pastoral, adaptar as iniciativas que se impõem em relação à missão, discernir na fé os elementos tradicionais que podem ser conservados e as ruturas necessárias para uma autêntica penetração do Evangelho em todos os sectores da vida. É partindo destas comunidades que levaremos ao encontro da catolicidade um pensamento teológico nosso que se esforça por responder aos problemas colocados pelos nossos contextos históricos diversificados e pela evolução atual das nossas sociedades, um pensamento teológico que seja fiel à tradição autêntica da Igreja, atento à vida das nossas comunidades cristãs e respeitando as nossas tradições, as nossas línguas, isto é, as nossas filosofias.<sup>89</sup>

A partir desta declaração terminou a fase de adaptação e começou um novo período, caracterizado por um novo neologismo, o da encarnação, noção que pode ser também traduzida por inculturação.

#### **4.2. Teologia da inculturação**

A expressão encarnação ou inculturação designava uma nova forma de abordar a Teologia Africana. A expressão começou a ser usada pelos bispos africanos no Sínodo sobre a Evangelização de 1974 em Roma, voltou a ser usada em 1977 no Sínodo dos Bispos, que apelava a uma verdadeira encarnação da fé nas culturas. Os Bispos destacaram que «a imagem cristã deve enraizar-se nas culturas humanas, as assumir e as transformar a fé cristã deve incarnar-se nas culturas».<sup>90</sup> A partir deste contexto onde que o termo “inculturação”, será utilizado para sublinhar a necessidade urgente da fé germinar e nascer nas culturas.

---

<sup>89</sup>Frei José Nunes, «As sucessivas teologias da missão e a Nova Evangelização em África», 483.

<sup>90</sup> Cf. Lázaro Messias, *Para uma Teologia Africana. Missionação e Inculturação na África Lusófona. Missionação e Inculturação na África Lusófona* (Lisboa: Edição de Livros e Revistas, 2008), 102.

#### 4.2.1. Apreciação da Teologia da inculturação

A inculturação foi sempre, no processo de missionação, «uma tarefa dramática e fascinante».<sup>91</sup> Estas duas vertentes, têm o seguinte significado: Dramática, designa «a íntima transformação dos valores culturais autênticos, pela sua integração no cristianismo» e fascinante, pois evoca o «enraizamento do cristianismo nas várias culturas».<sup>92</sup> A vertente dramática impõe «uma cuidada atenção ao humano autêntico e aos homens que aspiram a novos horizontes espirituais dentro do seu próprio ambiente, que nem sempre são respeitados por evangelizadores em posição cultural alta, portadores de uma verdade mal incarnada»<sup>93</sup>. Tal posição reflete mais uma postura impositiva e etnocêntrica, não lhe cabendo autenticamente o nome de inculturação da fé. Por outro lado, a vertente fascinante sublinha o facto que «a Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas e simultaneamente introduz os povos, com as suas culturas, na sua própria comunidade»<sup>94</sup>. Isto quer dizer que há todo um processo de transmissão críticas dos seus próprios valores, «renovando-os a partir de dentro, numa atitude pedagógica fundamentada no positivo (bom) de cada cultura autóctone».<sup>95</sup>

Ao nível da Igreja universal, a palavra inculturação foi empregue pela primeira vez por Papa João Paulo II na sua encíclica *Slavorum Apostoli*, onde sublinhou que «a inculturação é a encarnação do Evangelho nas culturas autóctones, e ao mesmo tempo, a introdução dessas culturas na vida da Igreja» (SA, 21). É importante notar que a «inculturação da fé não se confunde com a aculturação, sendo esta apenas o processo dinâmico do relacionamento recíproco entre duas ou mais culturas, com todas as consequências de transformação a nível de transferências simbólicas, desenvolvimentos e sincretismos».<sup>96</sup>

Acerca da inculturação, dizia assim que «é uma tarefa essencial da Igreja; e nos dias de hoje ela apresenta-se como urgente, sob a forma da chamada inculturação» (SA, 26), o processo de inculturação não corresponde uma posição colagem intrínseca do Evangelho, mas a inculturação «significa a íntima transformação dos valores culturais

---

<sup>91</sup> José da Silva Lima, «Actualidade da questão missionária. O exemplo da emigração europeia», em CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA MISSIONAÇÃO PORTUGUESA E ENCONTRO DE CULTURAS, Actas: *Missionação Problemática Geral e Sociedade Contemporânea* Braga : Universidade Católica Portuguesa 1993), 256.

<sup>92</sup> Cf. Lima, «Actualidade da questão missionária. O exemplo da emigração europeia», 256.

<sup>93</sup> Cf. Lima, «Actualidade da questão missionária. O exemplo da emigração europeia», 256.

<sup>94</sup> Cf. Lima, «Actualidade da questão missionária. O exemplo da emigração europeia», 256.

<sup>95</sup> Cf. Lima, «Actualidade da questão missionária. O exemplo da emigração europeia», 256.

<sup>96</sup> Cf. Lima, «Actualidade da questão missionária. O exemplo da emigração europeia», 257.

autênticos, pela sua integração no cristianismo, e o enraizamento do cristianismo nas várias culturas» (RM,52). A encíclica *Redemptoris Mission*, sublinha que o processo de inculturação é complexo por razões que «não pode comprometer de modo nenhum a especificidade e a integridade da fé cristã» (RM 52).

A inculturação é um caminho lento que acompanha toda a vida missionária, que não deve renegar a identidade cultural dum povo, porque os missionários devem pelo contrário tentar «compreender, estimar, promover e evangelizar a do ambiente em que atuam, e, deste modo, conseguir realmente comunicar com ele, assumindo um estilo de vida que seja sinal de testemunho evangélico e de solidariedade como povo» (RM, 53). A inculturação deveria ser guiada por dois princípios a primeira a compatibilidade com «o Evangelho e a comunhão com a Igreja Universal» (RM, 54), e o segunda uma atitude de discernimento para que não se corra «o risco do alheamento da cultura» (RM,54).

A problemática da inculturação da fé tem duas vertentes cristológicas: a primeira vincula-se à lógica da encarnação (Jo 1), sendo que este mistério é «protótipo para o processo de inculturação».<sup>97</sup> A humanização de Deus no seu Verbo não se fez à custa de imposições, mas de ações na liberdade, tão reais quanto é real a história de Maria, de José, dos discípulos, das famílias e dos grupos políticos do tempo. Cristo entra e assume a história de todos os homens, estando ao lado dos seus compatriotas e, com eles, pronunciando uma Palavra Salvadora; não o fez de forma despótica, mas foi vítima de um poder frágil, e à medida que crescia a semente do Reino «esquecia-se o Verbo, apagando-se dramaticamente na cruz».<sup>98</sup>

A segunda vertente é de vínculo kenótico (Fl2,5-8), de um certo esquecimento e um desapego da própria palavra pronunciada, para que ela seja liberdade no coração dos discípulos; trata-se de uma Palavra crucificada, a não Palavra da morte, «o silêncio absoluto que escapa a todo o entendimento humano, mas que paradoxalmente se torna a expressão última do amor de Deus pela sua criação».<sup>99</sup> Estas duas vertentes cristológicas inseparáveis, a da encarnação do Verbo e a do Verbo crucificado, enriquecem a inculturação com um conceito propriamente teológico.

---

<sup>97</sup>Cf. Lima, «Actualidade da questão missionária. O exemplo da emigração europeia», 257.

<sup>98</sup> Cf. Lima, «Actualidade da questão missionária. O exemplo da emigração europeia», 257.

<sup>99</sup>Cf. Lima, «Actualidade da questão missionária. O exemplo da emigração europeia», 258.

A partir destas duas vertentes, podemos dizer em primeiro lugar que a inculturação diz respeito a uma realidade que articula intimamente Evangelho e Cultura, mostrando que se trata de uma «aliança interna que nos recorda a parábola da Semente lançada à terra».<sup>100</sup> A missão como inculturação, refere uma atividade misteriosa, e quase sempre invisível, «que faz advir por dentro, pondo em segundo plano as capacidades humanas».<sup>101</sup> O trabalho é, no interior, de medular e de raiz, pois o sementeiro pode dormir mas a «semente vai-se transformando e o campo irá produzir a seu tempo, podendo haver estações imprevistas que destroem a circunstância do fruto».<sup>102</sup> A inculturação refere-se a esta ação de aliança profunda entre o Evangelho e a cultura; só quando «há acolhimento profundo na terra dos homens é que a própria cultura vai refletir a semente que possui».<sup>103</sup>

O segundo ponto é que o processo de inculturação implica uma Palavra anunciada, a proclamação do Evangelho. Esta proclamação deve ser feita, o que acarreta o trabalho árduo dos semeadores (o papel da Igreja missionária). O processo de proclamar o Evangelho não é uma tarefa «monocórdica nem monodireccional».<sup>104</sup> A proclamação do Evangelho «é uma tarefa sinfónica que pode ser efetuada de formas muito diversificadas».<sup>105</sup>

O terceiro aspeto na inculturação é constituído pelo povo que acolhe o Evangelho na sua especificidade cultural; trata-se da terra que irá produzir no seu próprio seio. Sem ela «não há inculturação, pode haver transposições culturais e transferências de modelos, mas não há inculturação».<sup>106</sup> A cultura é o elemento principal, porque só com «ela e nela se pode efetuar um encontro que aparece como autorrevelação e como ocasião de discernimento crítico. O projeto evangélico não pode andar para frente sem a cultura, por razões que «a cultura é que dá uma identidade plena ao povo, por isso ela é o meio importante para a proclamação do Evangelho».<sup>107</sup>

Por fim, deve ser realçado que o ator principal da inculturação é Jesus Cristo, a Palavra proclamada. Não poder haver qualquer ação misteriosa que passe fora do

---

<sup>100</sup>Cf. Lima, «Actualidade da questão missionária. O exemplo da emigração europeia», 258.

<sup>101</sup> Cf. Lima, «Actualidade da questão missionária. O exemplo da emigração europeia», 258.

<sup>102</sup> Cf. Lima, «Actualidade da questão missionária. O exemplo da emigração europeia», 258.

<sup>103</sup> Cf. Lima, «Actualidade da questão missionária. O exemplo da emigração europeia», 258.

<sup>104</sup>Cf. Lima, «Actualidade da questão missionária. O exemplo da emigração europeia», 258.

<sup>105</sup>Cf. Lima, «Actualidade da questão missionária. O exemplo da emigração europeia», 259.

<sup>106</sup> Cf. Lima, «Actualidade da questão missionária. O exemplo da emigração europeia» 258.

<sup>107</sup> Cf. Lima, «Actualidade da questão missionária. O exemplo da emigração europeia», 259.

encontro entre Cristo e uma cultura que O recebe como Palavra. Este ponto deveria ser categorizado da seguinte maneira: o encontro evangelizador supõe pessoas que intercomunicam, que se entregam e se acolhem. O Evangelho aparece aqui como uma realidade viva, como texto dialogante e comunicativo, como «Palavra pessoal que suscita um espaço de comunhão». <sup>108</sup> A partir deste ponto de vista, ficam distinguidas inculturação e enculturação, «sendo a enculturação uma realidade contextual humana, social e ecológica que envolve cada ser desde o seu nascimento, e que o educa numa determinada maneira de ser homem». <sup>109</sup> Este último elemento destaca a peculiaridade da «incarnação continuada no seio do mundo humano, processo que coloca a Igreja no horizonte de Cristo, continuando a humanizar Deus para Ele kenoticamente manifestar o seu Amor imenso». <sup>110</sup> Por isso Paulo VI na sua visita em Campala (Uganda) em 1969, dizia a propósito desta realidade da inculturação, sem utilizar o termo: «será necessária uma incubação do mistério cristão do vosso povo». <sup>111</sup>

#### **4.2.2. Os limites da Teologia Africana da inculturação**

A inculturação e exigência de conversão. Segundo Mulamba, a inculturação tem «a tendência de canonizar as tradições africanas por elas mesmas sem as confrontar com o Evangelho». <sup>112</sup> Sendo assim podia «escamotear a exigência de conversão, princípio de adesão a Cristo» <sup>113</sup>. Isto quer dizer que a questão de valorizar «os elementos duma cultura não deveria ser o critério, de acolher a mensagem evangélica» <sup>114</sup>. Todo o encontro com o Deus de Jesus põe em questão a maneira interior de pensar e de agir da cultura africana. Comentando sobre este ponto, o teólogo africano Penoukou destacou que diante de Cristo «todos os valores africanos têm a necessidade de interrogar-se e de converter-se. Se Cristo se solidariza com a natureza humana, é também, por outro lado, verdade que ele se distânciava, de todas as males, que se encontrem em todas as culturas». <sup>115</sup>

A questão de apolitismo incide no facto que a inculturação tem uma tendência errada de se preocupar mais com o passado e esquecer a vida atual dos africanos. É um

---

<sup>108</sup> Cf. Lima, «Actualidade da questão missionária. O exemplo da emigração europeia», 259.

<sup>109</sup> Cf. Lima, «Actualidade da questão missionária. O exemplo da emigração europeia», 259.

<sup>110</sup> Cf. Lima, «Actualidade da questão missionária. O exemplo da emigração europeia», 259.

<sup>111</sup> Cf. Lima, «Actualidade da questão missionária. O exemplo da emigração europeia», 259.

<sup>112</sup> Cf. Mulamba, *O itinerário da Inculturação*, 115.

<sup>113</sup> Cf. Mulamba, *O itinerário da Inculturação*, 115.

<sup>114</sup> Cf. Mulamba, *O itinerário da Inculturação*, 115.

<sup>115</sup> Cf. Penoukou apud Mulamba, *O itinerário da Inculturação*, 115.

reducionismo grave deveria estudar só os «costumes passados, sem ligar às preocupações do dia-a-dia do povo».<sup>116</sup>

Outro limite desta abordagem teológica se dá em relação ao sincretismo. O sincretismo pode ser definido como estado em que o sistema de crença, está absorvido por outras realidades culturais. O sincretismo pode ser «o resultado de uma inculturação malfeita sem discernimento e na precipitação».<sup>117</sup>

Os limites da teologia de inculturação aqui mencionados são importantes para clarificar o conceito geral de inculturação. Hoje em dia, em África, para que a teologia inculturação para poder expressar uma teologia original africana que seja pertinente, a inculturação deveria contextualizar a realidade africana, identificando os desafios que os povos africanos enfrentam na sua vivência cotidiana e tentando dar-lhes respostas concretas e atuais.

Sendo assim, a inculturação parece a esquecer e abordar uma realidade vivida do povo africano na sua vida cotidiana. Reconhecendo este limite, emergiu uma outra forma de Teologia Africana, enquadrada na atualidade social e política. Foi a partir desta exigência que surgiu uma teologia da libertação para a África.

### **4.3. Teologia da libertação**

A intuição central desta corrente teológica foi de criar uma Teologia Africana, que se preocupasse com a realidade concreta do povo africano. Depois da independência, a maior parte dos países africanos, continuava a ser dominada por estruturas coloniais, no campo social, político e económico, que vinham do passado.

#### **4.3.1. Apreciação da Teologia da libertação**

O problema é que com a independência na maior parte dos países africanos não se deu a viragem necessária. Muitos dos antigos males, como a exploração dos pobres continuavam a existir inalterados, só que agora eram perpetrados, pela classe governante africana. A situação que se criou foi ressentida pelo homem comum como pior do que nos tempos coloniais. O professor E. Fasholé-Luke,<sup>118</sup> foi um dos teólogos africano que

---

<sup>116</sup>Cf. Mulamba, *O itinerário da inculturação*, 114.

<sup>117</sup> Cf. Mulamba, *O itinerário da Inculturação*, 115.

<sup>118</sup> É um teólogo de Serra leoa.

criticou severamente «a opressão dos negros pelos negros, e promoveu a teologia da libertação nos países africanos independentes».<sup>119</sup>

Outro teólogo africano que defendeu a teologia de libertação, era o padre camaronês Jean Marc.<sup>120</sup> Ele chamou a atenção da Igreja para os problemas sociais. Fez um apelo fortíssimo aos bispos para assumirem uma vez mais o seu papel de defensores da justiça. Para ele a Igreja deve tornar-se «o sacramento da justiça de Deus no mundo».<sup>121</sup> Por outro lado, Jean Marc Ela fez um apelo a teologia debaixo da árvore, «que parte dos anciãos e sábios, interpretando o hoje de Deus na vida diária do povo africano, para resolver os problemas existenciais de urbanização, escolarização, desemprego e fome».<sup>122</sup>

#### **4.3.2. Os limites da teologia da libertação**

A teologia da libertação é vista como uma forma de pensamento importada da América latina. A teologia da libertação africana tenta desmarcar-se da teologia da libertação da América latina, mais sem conseguir realmente ficar fora da sua influência, como no recurso aos temas bíblicos da libertação, e à imagem de Deus como o Deus da compaixão, que acompanha o seu povo no caminho da libertação.

O outro limite da teologia da libertação é que tenta negar a parte de cultura africana, que identifica a dignidade total do homem africano. Isto acontece porque o foco principal da teologia da libertação é a libertação político-social, no desinteresse para a dimensão cultural, que é essencial para a vivência cotidiana do africano.

Mas como se pode libertar um homem africano negando a sua cultura? Desta objeção nasce a Teologia de reconstrução, como outra tendência da Teologia Africana.

#### **4.4. Teologia Africana da reconstrução**

A Teologia Africana da reconstrução nasceu nos finais dos anos 80, e é a mais recente tendência de teológica africana. O verdadeiro pai desta corrente de teologia, é o teólogo protestante queniano Jesse Mugambi. O seu grande divulgador e continuador é Pastor congolês Kã Mana, um católico que se tornou luterano. Kã Mana sublinhou que a Teologia Africana de reconstrução, «tem a missão de transformar a vida concreta e da

---

<sup>119</sup> Cf. Baur, *2000 anos de Cristianismo em África*, 466.

<sup>120</sup> Foi sociólogo e teólogo camaronês.

<sup>121</sup> Cf. Baur, *2000 anos de Cristianismo em África*, 467.

<sup>122</sup> Cf. Baur, *2000 anos de Cristianismo em África*, 467.

sociedade africana, a partir das comunidades eclesiais como fonte principal da dinâmica da mudança no processo da reconstrução do continente africano».<sup>123</sup> Nesta missão, a Igreja católica africana não pode ficar indiferente, tendo a obrigação de contribuir a este processo. A Teologia Africana da reconstrução pode por isso ser considerada como uma «ética política que fundamenta o projeto de estruturar as sociedades africanas na base do humano a partir do Evangelho».<sup>124</sup>

Assim surge a pergunta: Quais são as propostas que a Teologia da reconstrução africana, da reconstrução apresenta para atingir os seus objetivos?

A primeira proposta aborda as consequências negativas trazidas pela globalização no contexto do continente africano, apelando a rejeitá-las para o bem comum do continente. Um exemplo importante é «o aumento de formas menos racionais de espiritualidade».<sup>125</sup>

A segunda proposta é a necessidade de identificar os diferentes setores do continente africano que precisam de construção. Por exemplo, no setor político, são invocadas opções de mudança pacíficas. No setor económico é realçada a urgência do reajustamento de políticas desumanas como as dívidas enormes que pesam sobre os países africanos. No campo eclesial, pede-se de reconhecer à Igreja função de promoção de espaços de criação da riqueza e de emprego guiados pelo espírito evangélico. «De graça recebestes, de graça deveis dar», (Mt10,8). Esta atividade económica de inspiração cristã é diferente que é diferente da mentalidade mundana, que adere às práticas desumanas e injustas da economia do mercado mundial. No setor cultural, apela-se à promoção dos valores humanos contra os individualismos e os comportamentos irresponsáveis.

#### **4.4.1. Apreciação da Teologia Africana da reconstrução**

A Teologia Africana da reconstrução trouxe algumas mudanças que ajudaram as comunidades cristãs africanas «a reconhecer as suas responsabilidades na sociedade, e ajudar a criar um continente africano mais estável».<sup>126</sup>

A Teologia Africana da reconstrução recordou ao continente africano que precisava de pensar em fazer as escolhas importantes seja em termos «económicas,

---

<sup>123</sup> Cf. Kā Mana apud Mulamba, *O itinerário da inculturação*, 134.

<sup>124</sup> Cf. Kā Mana, apud Mulamba, *O itinerário da inculturação*, 135.

<sup>125</sup> Cf. Mulamba, *O itinerário da inculturação*, 134.

<sup>126</sup> Cf. Mulamba, *O itinerário da inculturação*, 133.

políticas, sociais, culturais, e espirituais, para construir um continente africano com um futuro brilhante».<sup>127</sup>

#### **4.4.2. Os Limites da Teologia Africana da reconstrução**

Um dos limites da teologia da reconstrução tem a ver com «o seu desconhecimento da diversidade da Teologia Africana».<sup>128</sup> A ideia de uniformização que a teologia da reconstrução apresenta deveria ser combatida, para respeitar «o pluralismo do pensamento teológico africano».<sup>129</sup>

---

<sup>127</sup>Cf. Mulamba, *O itinerário da inculturação*, 133.

<sup>128</sup> Cf. Mulamba, *O itinerário da inculturação*, 133.

<sup>129</sup>Cf. Mulamba, *O itinerário da inculturação*, 133.

## CAPÍTULO 2: A IGREJA EM PORTUGAL E A MISSIONAÇÃO EM ÁFRICA

### 1. O contexto da Igreja Católica Portuguesa em relação à missionação em África

#### 1.1. O que é a Missionação?

A Missionação é o ato de evangelizar. Podemos dizer que a missionação é o processo que dá identidade à Igreja Católica. É importante sublinhar que a razão da existência da Igreja Católica, é a Missão de Deus. É evidente que a Igreja e Missão são inseparáveis. Sendo assim a Igreja Católica, afirma-se igualmente como a Igreja Missionária.

Os missionários compreenderam isto tão bem que partiram em missão pelo mundo além, e atingiram, na sua curta existência terrena, a África, as Américas e a Ásia. Para estes missionários eram inconcebíveis uma Igreja estagnada e imóvel. Na sua visão a Igreja era essencialmente missionária, por razões que vivia permanentemente em movimento, em atitude de expansão.

Em seguida, é importante notar que o fundamento das Missões é Cristo. As Missões são «cumprimento da Missão da Igreja; são marcha da Igreja para o mundo no qual o evangelho não foi pregado».<sup>130</sup> Por isso, a Igreja tem o dever de ensinar «a doutrina evangélica a todos os povos, independentemente de qualquer poder terreno, sem limites de tempo, espaço ou pessoas, por meio das atividades que sejam necessárias para aquele fim».<sup>131</sup>

Na encíclica *Evangelii Nuntiandi*, o Papa Paulo VI sublinha que «Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade» (EN 18). Na carta encíclica *Redemptoris Missio*, João Paulo II sublinha que

a ação missionária, denominada missão ad gentes pelo Decreto Conciliar trata-se de uma atividade primária e essencial da Igreja jamais concluída. Com efeito, a Igreja não pode eximir-se da missão permanente de levar o Evangelho a quantos e são milhões e milhões de homens e mulheres ainda não conhecem Cristo Redentor do homem. Esta é a tarefa mais especificamente missionária que Jesus confiou e continua quotidiana a confiar à Sua Igreja (RM 31).

---

<sup>130</sup>Cf. Albano M. Pedro, «A Acção Missionária», *Portugal em África*, n.º2, VOL. XXI (1964): 22-33, <http://memoria-africa.ua.pt.Catalog>

<sup>131</sup>Cf. Pedro, «A Acção Missionária», 22.

O continente africano, tem o seu lugar importante neste capítulo. No primeiro Capítulo apresentei o percurso histórico da missiologia em África, e é importante reconhecer que África é terra da missão. Isso é evidente através da presença de muitas congregações que se encontram neste continente, com o objetivo de evangelizá-lo.

Entre estas Congregações têm aqueles que vinda de Portugal, para África, que têm feito um trabalho, de evangelizar este continente. Por isso neste Capítulo pretende apresentar o percurso da missiologia portuguesa, em África analisando partir o Acordo Missionário, *Fidei Donum*, o impacto de II Concílio Vaticano nos termos que foram combinados no Acordo Missionário, e impacto da independência dos países africanos, tirando o caso de moçambique e desafios da missiologia hoje em África.

## **1.2. Acordo Missionário**

No dia 7 de maio de 1940 na Cidade do Vaticano, teve lugar a assinatura do Acordo Missionário anexo à Concordata que nessa mesmo dia se celebrou. Quase um ano depois de Assinado o Acordo Missionário, era publicado um extenso diploma chamado Estatuto Missionário em 5 de abril de 1941. em Este Acordo foi completado posteriormente com a Bula *Solemnibus conventionibus* do Papa Pio XII, publicada a 4 de setembro de 1940, e pelo Estatuto Missionário promulgado por parte do Estado português em 1941.

Segundo o Professor Paulo Fontes «A assinatura da Concordata de 1940 e a sequente definição de novo Acordo Missionário entre o Estado Português e a Santa Sé, balizam cronologicamente o início de uma nova etapa no trabalho de missiologia desenvolvido pela Igreja Católica nos territórios ultramarinos portugueses da África e da Ásia». <sup>132</sup>Quer a Concordata com os seus 31 artigos que o Acordo Missionário com os seus 21 artigos, representaram um instrumento valioso para definir a relação da Igreja

---

<sup>132</sup> Paulo F. Oliveira Fontes, «A Acção Católica Portuguesa e a problemática missionária(1940-1974)», em CONGRESSO INTERCANIONAL DE HISTÓRIA, MISSIONAÇÃO PORTUGUESA E ENCONTRO DE CULTURAS, Actas Volume 1: Cristandade Portuguesa até ao Século XV Evangelização Interna, Ilhas Atlânticas e África Ocidental ( Braga: Universidade Católica Portuguesa1993), 411-451.

Católica com o Estado Português. Na Concordata, «há três artigos, (art. 26º 27º e 28º) que abordam de forma clara a problemática missionária».<sup>133</sup>

Qual foi o desfecho de Concordata e do Acordo Missionário para a Igreja de Portugal

A presença da Igreja Católica era reconhecida na sociedade portuguesa no quadro da liberdade religiosa, assim seja um meio que ajudou a Igreja, a exercer seja os seus cultos religiosos.

Estes dois acordos regulavam, duas realidades diferentes: por outro lado a Concordata regulava as relações entre o Estado e da Igreja em Portugal, enquanto o Acordo Missionário regulava as relações entre a Igreja e o Estado, no que dizia respeito à vida religiosa no Ultramar português.

Com a assinatura da Concordata e Acordo Missionário, reconheciam a «personalidade jurídica das dioceses e circunscrições missionárias, de outras entidades eclesiais e dos institutos religiosos das colónias e institutos missionários, que se estabelecessem em Portugal, podendo as corporações missionárias ser subsidiadas pelo governo central ou pelo governo da respetiva colónia, de acordo com o número de alunos das casas de formação e de missionários, das obras de missionação».<sup>134</sup> Além disso, o governo continuaria a conceder gratuitamente «terrenos para a instalação de missões católicas, estando igualmente isentos de impostos ou contribuição».<sup>135</sup>

A divisão eclesial nas colónias portuguesas passou a ser feitas por dioceses e circunscrições autónomas, «o que tornou mais eficaz a ação apostólica da Igreja».<sup>136</sup> A reorganização pastoral das missões constituía um fator importante para «o crescimento e a expansão do Evangelho».<sup>137</sup> Por exemplo foram estabelecidas uma arquidiocese em Angola, sediada em Luanda, e três dioceses em Moçambique, sediadas em Lourenço Marques, Beira e Nampula.

---

<sup>133</sup> Cf. Lino Tanga, *O impacto da Concordata e do Acordo Missionário em Angola (1940-1975)*, (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa Faculdade de Teologia, 2012), 57, acedido a [https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400/149356/1/TESE %20 DO% 20 CURSO % 20 DE TANGA PDF](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400/149356/1/TESE%20DO%20CURSO%20DE%20TANGA.PDF).

<sup>134</sup> Cf. Cláudia Ninhos, *A História do Instituto Missionária da Consolata* (manuscrito no prelo), 11.

<sup>135</sup> Cf. Ninhos, *A História do Instituto Missionária da Consolata*, 11.

<sup>136</sup> Cf. Adélio Torres Neiva, «Acordo Missionário», em Azevedo Carlos Moreira, dir *Dicionário de história religiosa de Portugal* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2000), 19-20.

<sup>137</sup> Cf. Neiva, «Acordo Missionário», 20.

Os dois acordos representavam um instrumento importante para consolidar o domínio português no Ultramar e contrastar a concorrência do protestantismo. Por exemplo, o artigo 9º da Concordata e os artigos 3º e 4º do Acordo Missionário determinam que «os bispos devem ser sempre cidadãos portugueses».<sup>138</sup> O artigo 10º da Concordata e também o 7º do Acordo Missionário destacam claramente que a nomeação dos bispos deve ser aprovada pelo Estado Português. O artigo 16º estipula «o uso da língua portuguesa em todas as escolas indígenas missionárias».<sup>139</sup>

Ao nível da Igreja Universal, este Acordo Missionário foi bem recebido. Para o apreciar, o Papa Pio XII dirigiu ao episcopado português a encíclica *Saeculo exeunte*. Nesta encíclica, a Santa Sé vinha incitar a nação portuguesa a fomentar a missionação das suas colónias. O Papa sublinhava que «A hora actual é, então, particularmente propícia para dar novo incremento ao vosso espírito missionário, com a esperança que possa emular o ardor dos antigos missionários portugueses» (SEO, 12). Sempre nesta encíclica o Papa apontava para escassez de missionários em África, sublinhando assim que «As antigas dioceses da África portuguesa sofrem enorme escassez de anunciadores da palavra divina, e vastas circunscrições são confiadas a poucos missionários» (SEO, 15). Sendo assim, o Papa Pio XII apelava à animação missionária do país dizendo: «Pedi, pois, ao “Senhor da messe”. Pedi antes de tudo ao Senhor que se digne suscitar muitas vocações missionárias, seja em Portugal, seja entre os indígenas dos territórios ultramar a vós sujeitos; e não apenas vocações para o sacerdócio, mas também de irmãos coadjutores, de religiosas e catequistas» (SEO, 16). O Papa Pio XII confiou esse encargo à União Missionária do Clero, para que «que se reforce, e reacenda em todos os sacerdotes portugueses a chama ao zelo missionário e recorde a eles os deveres relativos à propagação da fé» (SEO, 24).

---

<sup>138</sup> Cf. Neiva, «Acordo Missionário», 20.

<sup>139</sup> António Sousa Franco, *Concordata Santa Sé-Portugal*, 18 de maio 2004 - 7 de maio 1940 (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Instituto Superior de Direito Canónico, 2005), 14.

QUADRO 1

INSTITUTOS RELIGIOSOS MASCULINOS

Reconhecidos pelo Governo nos termos do Estatuto Missionário de 1941

Número de religiosos missionários em 1964

Benedictinos .....	34
Capuchinhos.....	3
Claretianos.....	15
Dehonianos.....	7
Espiritanos.....	137
Franciscanos.....	88
Irmãos de São João de Deus.....	3
Jesuítas.....	58
Lazaristas.....	37
Maristas.....	33
Missionários da Consolata.....	7
Redentoristas.....	12
Salesianos.....	28
Sociedade Missionária Portuguesa.....	62

TOTAL 524

Fonte: Anuário Católico do Ultramar Português

### 1.3. A encíclica *Fidei Donum*

Esta encíclica foi escrita pelo Papa Pio XII, e publicada a 21 de abril de 1957. Foi dirigida especialmente à África. Nesta encíclica o Papa expressa a sua apreciação acerca dum progresso enorme da Igreja católica em África. Sendo assim, dizia o Papa: «não pouparemos esforço algum para que a cruz, na qual está a salvação e a vida, lance a sua sombra sobre as mais longínquas plagas do mundo. Por esse motivo, cuidamos com todas as forças em estender também à essa terra a causa do evangelho» (FD 4).

Qual era o progresso que a Igreja católica tinha feito em África, segundo a encíclica? O Papa nomeava como elementos de evidência: «testemunho as circunscrições eclesiásticas ali estabelecidas em grande número, o notável aumento de católicos que, dia a dia, se manifesta; e vários sacerdotes africanos já elevados à dignidade episcopal, conforme a mais alta meta do trabalho missionário, que requer que a Igreja nos outros povos seja estabelecida com firmeza, e lhes seja concedida sua hierarquia própria, escolhida dentro os indígenas» (FD 4).

O Papa apela a uma cooperação dentro da Igreja, para apoiar as missões. Para enfatizar este ponto, o Papa sublinha que «Como em nosso corpo mortal quando um membro sofre, todos sofrem, e osãos vêm em ajuda dos doentes; assim na Igreja os membros não vivem cada um para si, mas socorrem-se e auxiliam-se uns aos outros, tanto para mútua consolação, como para o crescimento progressivo de todo o Corpo» (FD 15). Sendo assim o Papa apela aos bispos, para não ficarem fechados dentro das suas Igrejas particulares. Sendo os bispos os sucessores dos Apóstolos, o que quer dizer enviados, neles reside a plenitude da dignidade apostólica principal na Igreja. Assim o Papa convidava a acabar com uma certa atitude de afastamento dos bispos da atividade missionária.

A encíclica foi escrita enquanto a maioria dos países africanos, estava a reivindicar a sua própria independência, e o Papa mostrava a sua solidariedade com esta exigência. O Papa sublinha: «Portanto, já que assim é- dissemos a algumas- não seja negada àqueles povos a justa liberdade política, que com o tempo vai aumentando, nem posto qualquer entrave a ela» (FD 6). Este apelo do Papa recordava à Igreja nas missões africanas que a Igreja local não devia ficar indiferente à liberdade política dos países daquele continente.

Em seguida nesta encíclica *Fidei Donum*, também há uma clara ênfase na catolicidade da Igreja. Por exemplo o Papa sublinha que os sacerdotes não deveriam

prestar o seu serviço, somente na sua própria circunscrição eclesiástica. Os sacerdotes são chamados a deixar as suas próprias dioceses para ajudarem as dioceses mais carentes, neste caso para se abrirem ao continente africano, «um ou outro sacerdote saia da diocese para ir, por algum tempo, pôr-se a disposição dos ordinários da África » (FD 29).

Também este aspeto da catolicidade da Igreja é realçado nas atividades missionárias assumidas pelos leigos. O Papa aprecia o trabalho que tem sido feito por eles: «o auxílio dos leigos militantes, quase todos pertencentes às associações católicas nacionais ou internacionais, em favor das recém-fundadas comunidades cristãs, tem sido importante em reformular as recém-fundadas comunidades cristãs. Essa cooperação dos leigos nas recém-fundadas comunidades em África, pede interesse pelo bem de outrem, moderação, e prudência, mas pode, e muito, ser de proveito para as dioceses africanas sobrecarregadas de novos trabalhos apostólicos» (FD 29).

Depois de apontar alguns aspetos importantes na encíclica de *Fidei Donum*, vejamos agora como que este documento foi recebido no seio da Igreja em Portugal.

#### **1.4. A receção da encíclica *Fidei Donum* por parte da Igreja em Portugal**

O grito de alarme e um apelo ao mundo católico em favor das missões africanas do Papa Pio XII, na sua encíclica *Fidei Donum*, foi recebido com diferentes reações na Igreja de Portugal. Alguns sectores da Igreja Católica Portuguesa tomaram várias iniciativas, para levarem em frente este pedido do Papa Pio XII. Entre estes sectores está a Ação Católica Portuguesa.

Na questão da missionação, a Ação Católica põe em relevo a persistência da dicotomia entre missionação interna e externa. A atitude missionária está inequivocamente no centro da identidade cristã dum militante da Ação Católica, e ganha particular realce no quadro do seu objetivo último, que é a reconquista cristã da sociedade como contributo para a extensão do Reino de Deus, e para a cristianização do mundo. A palavra de ordem da Ação Católica era: «por Cristo e em Cristo, para tornar cristão Portugal». <sup>140</sup> No entanto, nem sempre a importância atribuída às missões externas foi a mesma, no discurso e nas atividades da organização. A orientação parece oscilar entre dois pólos : «por um lado, a identificação da questão missionária com a presença evangelizadora no Ultramar português; por outro lado, no extremo oposto, uma perspectiva

---

<sup>140</sup> Fontes, «A Ação Católica Portuguesa e a problemática missionária (1940-1974) », 414.

ampla que identificava a missão com a presença nos meios considerados descristianizados, onde quer que se encontrassem».<sup>141</sup>

Apesar da permanência desta dicotomia, nos anos 50, a Ação Católica fez, um grande esforço no sentido de promover uma reflexão atualizada sobre a problemática missionária. De entre as várias iniciativas, contam-se os Cursos de Deontologia Ultramarina, realizados de 1957 a 1960, em Lisboa, pela Juventude Universitária Católica do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos. Em Coimbra, de 16 a 20 de fevereiro de 1959, a Liga Académica Missionária, do CADC, organizou, um Ciclo de Estudos Missionários e Ultramarinos.<sup>142</sup> Foram abordados vários temas, entre os quais se destacam: as tendências do direito internacional ultramarino, «a situação da Igreja no Ultramar Português, o diálogo entre a Europa e a África negra».<sup>143</sup>

Nesse mesmo ano, as celebrações do XXV Aniversário da Ação Católica Portuguesa constituíram um novo ponto de partida em que não se deixou de questionar a forma romântica com que tantas vezes a realidade missionária ultramarina continuava a ser apresentada nas palavras do Bispo de Malange «Não pode ser-nos indiferente o facto de Portugal ter ainda vastos territórios em África e se colocar quase no último lugar das nações católicas europeias (algumas delas com maioria protestante) que têm missionários nos vários continentes».<sup>144</sup> Na mesma linha, estranhou-se que um país que, nos séculos XVI e XVII, enviara missionários para todos os continentes, se encontrasse, no século XX, perante a impossibilidade de recrutar «o pessoal missionário indispensável para corresponder às necessidades religiosas dos seus territórios».<sup>145</sup> Face a esta realidade, ação católica preconizou -se as seguintes estratégias de atuação: «intensificação do espírito e da espiritualidade missionária no interior da Igreja; formação cristã e apostólica dos colonos que partem para as Províncias ultramarinas de África para ali serem verdadeiramente testemunhas de Cristo; apoio à Igreja missionária, através da oração, do auxílio material e das vocações, muito especialmente das vocações leigas; divulgação das possibilidades da ação dos leigos ao serviço da Igreja no Ultramar, e finalmente o

---

<sup>141</sup>Cf. Gonçalves, «A dimensão Missionária do Catolicismo Português», 381.

<sup>142</sup>Cf. Fontes, «A Acção Católica Portuguesa e a problemática missionária (1940-1974) », 426.

<sup>143</sup>Cf. Fontes, «A Acção Católica Portuguesa e a problemática missionária (1940-1974) », 426.

<sup>144</sup>Cf. Fontes, «A Acção Católica Portuguesa e a problemática missionária (1940-1974) », 427.

<sup>145</sup>Cf. Fontes, «A Acção Católica Portuguesa e a problemática missionária (1940-1974)»,427.

acolhimento, apoio e formação específica dos estudantes africanos que vinham estudar na metrópole».<sup>146</sup>

Na mesma linha, em despertar o espírito missionário, a Ação Católica Portuguesa, realizou-se a anual da Semana Nacional de Formação Missionária. Iniciada em 1961, continuou nos anos de 1963 e 1964, com o objetivo de despertar «nos seus associados e no público em geral a consciência do dever missionário»<sup>147</sup>. A II Semana, dedicada ao tema «Unidade e Missionaço»<sup>148</sup>, foi celebrada de 27 de janeiro a 4 de fevereiro de 1963 em várias dioceses do país através de reuniões de estudo, veladas de oração, palestras e entrevistas nos meios de comunicação social. A III Semana Nacional de Formação Missionária foi centrada no tema: «Laicado e Missionaço»<sup>149</sup>. Foi realizada de 29 de janeiro a 4 de fevereiro de 1964, com diversas iniciativas a nível diocesano.<sup>150</sup>

Devido o esforço enorme da Ação Católica Portuguesa de tomar iniciativas para responder às necessidades urgentes da falta do clero na missão, esta realidade tornou se visível nas conclusões da I Reunião do Episcopado de Angola e Moçambique em 1957. Nesta ocasião sublinhou se que «a escassez de Clero exigia não apenas a cooperação do Portugal católico, nomeadamente através do envio de missionários, mas também a cooperação do Laicado católico em Portugal continental e em África».<sup>151</sup>

Por outro lado, Ação católica, era muito apreciado no seu trabalho de missionaço pelos Bispos que estavam no ultramarino. Por exemplo o Dom Teodósio Clemente que naquela altura era Arcebispo de Lourenço Marques sublinhou assim,

Acção Católica entre os europeus de Moçambique está organizada nos moldes da A.C.P. a J.O.C. e a J.C.F. têm enviado para África apóstolos de valor e aumenta o número de famílias cristãs bem formadas. Entre os indígenas a A.C será organizada em moldes mais simples, ficando, no entanto, ligada à Organização Nacional.<sup>152</sup>

---

<sup>146</sup>Cf. Fontes, «A Acção Católica Portuguesa e a problemática missionária (1940-1974)»,427.

<sup>147</sup> Cf. Fontes, «A Acção Católica Portuguesa e a problemática missionária (1940-1974)»,427.

<sup>148</sup> Cf. Fontes, «A Acção Católica Portuguesa e a problemática missionária (1940-1974)»,429.

<sup>149</sup> Cf. Fontes, «A Acção Católica Portuguesa e a problemática missionária (1940-1974)»,429.

<sup>150</sup> Cf. Fontes, «A Acção Católica Portuguesa e a problemática missionária (1940-1974)», 429.

<sup>151</sup> Cf. Fontes, «A Acção Católica Portuguesa e a problemática missionária (1940-1974)»,430.

<sup>152</sup> Manuel Franco Falcão,«Missões: África na ordem do dia», Boletim de Informação Pastoral nº1 (1959): 33, [https://www.snpcultura.org/d\\_manuel\\_falcao\\_um\\_bispo\\_da\\_cultura.html](https://www.snpcultura.org/d_manuel_falcao_um_bispo_da_cultura.html)

Podemos concluir com as palavras do padre Manuel Trindade,<sup>153</sup> que ao comentar a encíclica *Fidei Donum*, disse que em Portugal encontrou especialmente na:

Ação Católica e no laicado em geral um terreno preparado que podia frutificar abundantemente. Se a encíclica *Saeculo Exeunte Octavo*, de 1940, não teve um grande impacto na Igreja portuguesa, foi diferente o que aconteceu com a encíclica *Fidei Donum*, publicada em 1957: a mudança de mentalidade, entretanto registada favoreceu a grande receptividade com que as palavras do pontífice foram escutadas, principalmente pelos organismos universitários da Ação Católica”.<sup>154</sup>

Para os pastores e os leigos portugueses tornava-se claro que as responsabilidades missionárias tinham de ser encaradas, prioritariamente, como uma obrigação radicada na própria condição de cristãos, que no batismo tinham recebido o dever de ser apóstolos, ao serviço dos povos aos quais era levada a palavra de Deus. Acabava assim toda a ideia de missionação associada à tradição histórica de Portugal como país ‘civilizador’, que subordinava a evangelização aos seus próprios interesses coloniais.

## **2. Impacto de II Concílio Vaticano em relação ao Acordo Missionário Português de 1940**

O II Concílio Vaticano decorreu no momento em que o Acordo Missionário estava em vigor e em que a maioria dos Países africanos, experimentava importantes transformações sociopolíticas. Desde o anúncio «da realização do Concílio até à sua abertura (1959-1962) mais de 17 países africanos tinham-se tornado independentes».<sup>155</sup> Estes fatores tiveram uma influência enorme, na maneira de pensar acerca da missionação portuguesa em África.

Os aspetos que foram impactados pelo II Concílio Vaticano, em relação àquilo que foi combinado no Acordo Missionário Português de 1940, são os seguintes:

### **2.1. O aspeto da Missão**

A missão nasce a partir do mandato do Senhor: «Ide, pois, fazei com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28, 19-20).<sup>156</sup> Segundo o Acordo Missionário, a missão era um dever

---

<sup>153</sup> O Padre Manuel Trindade era assistente da Junta Diocesana da Ação Católica Portuguesa e da Liga Independente Católica. Foi nomeado o Bispo de Aveiro a 16 de setembro de 1962.

<sup>154</sup> Nuno da Silva Gonçalves, «A dimensão missionária do catolicismo português», em *História Religiosa de Portugal*, Vol. 3 (Lisboa: Círculo de leitores, 2002), 392.

<sup>155</sup> Cf. Tanga, *Impacto da Concordata e Acordo Missionário em Angola (1940-1975)*, 82.

<sup>156</sup> Cf. Tanga, *Impacto da Concordata e Acordo Missionário em Angola (1940-1975)*, 84.

patriótico, associado ao objetivo de promover a civilização portuguesa nas terras de missão. A novidade do II Concílio vaticano é que a missão, passa a ser entendida como um dom de Deus e impulsionada pelo Espírito Santo. É ele que inspira o homem a anunciar a verdade revelada. A partir deste ponto de vista, a ação missionária não é património desta ou daquela cultura, mas é universal. O Concílio veio afirmar que pelo batismo todos, até os povos chamados indígenas, são chamados à evangelização. É a partir daí que o «Ide e ensinai é encarado como um imperativo para toda a Igreja universal e passa a ser encarado como pertença de todo o batizado».<sup>157</sup>

## 2.2. O aspeto litúrgico

O II Concílio Vaticano trouxe uma mudança fundamental no aspeto litúrgico, ao atribuir à liturgia uma dimensão pastoral. Isto quer dizer que « a ação litúrgica da Igreja pode ser também uma ação pastoral, assim como, a ação pastoral pode ser ação litúrgica».<sup>158</sup>

O Acordo Missionário foi um instrumento para a abertura a uma nova forma de «missionação em que se tornava central a exigência do pessoal missionário».<sup>159</sup> Com a abertura de novas dioceses e missões, foram tomadas diferentes iniciativas para responder ao novo espírito da missão aberto pelo Concílio. É um exemplo desta novidade a introdução de alguns cânticos e de orações nas línguas nativas, mas mesmo assim, não havia uma identificação com a cultura africana. Isto produziu uma crise na liturgia, que não conseguia ser uma forma de expressão da fé do homem africano. Nesta altura o apostolado estava centrado sobretudo na «prática material dos sacramentos, e na observação jurídica dos mandamentos com a intenção da salvação individual»<sup>160</sup>. Além disso, os símbolos litúrgicos usados eram muito alheios à mentalidade local porque «estavam ligados à cultura ocidental».<sup>161</sup> Com o II Concílio Vaticano, a utilização das línguas nativas entrou em vigor e elas «facilitaram a transmissão e a compreensão da mensagem e a participação ativa dos fiéis na liturgia».<sup>162</sup>

---

<sup>157</sup> Cf. Tanga, *Impacto da Concordata e Acordo Missionário em Angola (1940-1975)*, 87.

<sup>158</sup> Cf. Tanga, *Impacto da Concordata e Acordo Missionária em Angola (1940-1975)*, 91.

<sup>159</sup> Cf. Tanga, *Impacto da Concordata e Acordo Missionária em Angola (1940-1975)*, 91.

<sup>160</sup> Cf. Tanga, *Impacto da Concordata e Acordo Missionária em Angola (1940-1975)*, 92.

<sup>161</sup> Cf. Tanga, *Impacto da Concordata e Acordo Missionária em Angola (1940-1975)*, 92.

<sup>162</sup> Cf. Diamantino Guapo Antunes, *Concílio Vaticano II. O contributo do Episcopado de África e Madagáscar*. (Roma: ed. Missioni Consolata, 2001), 197.

A participação consciente e ativa dos fiéis na liturgia exigia, antes de mais, a tradução dos textos litúrgicos. Era imprescindível cristianizar a cultura e africanizar a liturgia cristã. A partir do II Concílio Vaticano, notamos uma viragem na aceitação dos elementos que expressavam a cultura africana, como a introdução de algumas danças tradicionais, e o uso do tambor/ batuque ou do chocalho. Estas revoluções, levaram a uma maior participação na celebração litúrgica. Com estas mudanças, «o povo africano conseguiu adquirir um novo sentido de comunidade, mais vivo e participativo».<sup>163</sup>

### **2.3. A questão da adaptação**

A temática da adaptação é outra novidade que veio a partir do II Concílio Vaticano. Os missionários que iam para África, encontravam entraves na própria falta de adaptação e de conhecimento da língua, assim como na dificuldade de estabelecer um diálogo mútuo entre as mentalidades e culturas diferentes. Alguns missionários ficaram desanimados por não verem os seus trabalhos florescer. Outros missionários diziam que «nos africanos há muito entusiasmo a princípio, mas depressa caem no marasmo e na apatia».<sup>164</sup> Por isso, bispos de África e Madagáscar, decidiram apresentar este problema nas sessões conciliares do Concílio. Os Padres Conciliares «desejavam que no processo de evangelização não se desprezasse aquilo que o africano tinha de bom»<sup>165</sup>.

Numa intervenção no Concílio Mons. J.B. Zoa, Bispo de Camarões, sublinhou que era necessário falar de uma forma de adaptação profunda da verdade revelada em cada cultura. Ele sublinhou que

Para a intercomunicação e pacífica convivência das diversas culturas, era necessário que fossem considerados, não apenas como próprios, mas pertencentes ao homem como tal e fossem julgados e corrigidos segundo este sentido humano universal. Além disso a unidades, a recapitulação verdadeira e perfeita das culturas, pode-se realizar só em Cristo, no qual todas as coisas encontram a sua solidez.<sup>166</sup>

Estas reflexões abriram o caminho para superar a abordagem promovida no Acordo Missionário, na sua associação do trabalho missionário ao processo de colonização, numa convergência entre portuguesismo e cristandade que via a missão

---

<sup>163</sup> Cf. Tanga, *Impacto da Concordata e Acordo Missionária em Angola (1940-1975)*, 92.

<sup>164</sup> M. Nunes, apud Tanga, *Impacto da Concordata e do Acordo Missionário em Angola (1940-1975)*, 95.

<sup>165</sup> Cf. Tanga, *Impacto da Concordata e Acordo Missionária em Angola (1940-1975)*, 95.

<sup>166</sup> J. Zoa, apud Tanga, *Impacto da Concordata do Acordo Missionário em Angola (1940-1975)*, 95.

evangelizadora da Igreja como indissociável da ação civilizadora de Portugal. Mons. B. Gantin de Cotonou, em nome dos bispos participantes de África e Madagáscar, afirmou durante o debate conciliar que

Para vencer os numerosos preconceitos que ainda subsistiam contra a ação missionária da Igreja, tornava-se necessário explicar que a Igreja não estava ligada a nenhuma forma de cultura, mas está aberta a todas para a eficácia da atividade missionária, e o diálogo entre a Igreja e as culturas deveria transformar-se num autêntico intercâmbio de valores.<sup>167</sup>

#### 2.4. A questão ecuménica

Falando este ponto partir do caso de Angola, dava-se uma grande desigualdade entre a Igreja Católica e as outras cristãs, que não tinham nenhum reconhecimento por parte do Estado, a Igreja Católica, «a primeira a chegar ao país e com um estatuto especial diante do Estado, tinha uma grande influência na sociedade angolana».<sup>168</sup> As outras Igrejas, como por exemplo as Igrejas protestantes, eram tratadas como se fosse Igrejas periféricas. Em Angola, era comum ouvir expressões como: «as missões americanas, missões canadianas, as missões suíças».<sup>169</sup> Quando se tratava das «missões católicas muitas vezes falava-se nelas como as missões portuguesas».<sup>170</sup> Estes tipos de diferenças, «não ajudaram à aproximação amigável com as outras Igrejas, pelo contrário criaram uma desconfiança enorme».<sup>171</sup> Com o II Concílio Vaticano a situação mudou profundamente. Em novembro de 1964 saiu o decreto *Unitatis Redintegratio*, o qual recordava aos missionários a importância da unidade entre as Igrejas cristãs. As próprias Igrejas redescobriram que, irmãos desunidos que «pregam a mensagem de Cristo, não podem dar testemunhos de Cristo se não apresentam o verdadeiro rosto do Mestre».<sup>172</sup> Para que a Igreja possa continuar a ser sacramento de salvação neste mundo, deve procurar a unidade. Sublinha o decreto que por

movimento ecuménico entendem-se as atividades e iniciativas, que são suscitadas e ordenadas, segundo as várias necessidades da Igreja e oportunidades dos tempos, no sentido de favorecer a unidade dos cristãos. Tais são: primeiro, todos os esforços para eliminar palavras, juízos e

---

<sup>167</sup> B. Gantin, apud Tanga, *Impacto da Concordata do Acordo Missionário em Angola (1940-1975)*, 96.

<sup>168</sup> Cf. Tanga, *Impacto da Concordata do Acordo Missionário em Angola (1940-1975)*, 101.

<sup>169</sup> Cf. Tanga, *Impacto da Concordata do Acordo Missionário em Angola (1940-1975)*, 101.

<sup>170</sup> Cf. Tanga, *Impacto da Concordata do Acordo Missionário em Angola (1940-1975)*, 101.

<sup>171</sup> Cf. Tanga, *Impacto da Concordata do Acordo Missionário em Angola (1940-1975)*, 101.

<sup>172</sup> Cf. Tanga, *Impacto da Concordata do Acordo Missionário em Angola (1940-1975)*, 102.

ações que, segundo a equidade e a verdade, não correspondem à condição dos irmãos separados e, por isso, tornam mais difíceis as relações com eles; depois, o diálogo estabelecido entre peritos competentes, em reuniões de cristãos das diversas Igrejas em comunidades, organizadas em espírito religioso, em que cada qual explica mais profundamente a doutrina da sua comunhão e apresenta com clareza as suas características. Com este diálogo, todos adquirem um conhecimento mais verdadeiro e um apreço mais justo da doutrina e da vida de cada comunhão. Então estas comunhões conseguem também uma mais ampla colaboração em certas obrigações que a consciência cristã exige em vista do bem comum. E onde for possível, reúnem-se em oração unânime. Enfim, todos examinam a sua fidelidade à vontade de Cristo acerca da Igreja e, na medida da necessidade, levam vigorosamente por diante o trabalho de renovação e de reforma (UR 4).

Continua o texto conciliar (número 4º):

Desde que os fiéis da Igreja católica prudente e pacientemente trabalhem sob a vigilância dos pastores, tudo isto contribuirá para promover a equidade e a verdade, a concórdia e a colaboração, o espírito fraterno e a união. Assim, palmilhando este caminho, superando pouco a pouco os obstáculos que impedem a perfeita comunhão eclesiástica, todos os cristãos se congreguem numa única celebração da Eucaristia e na unidade de uma única Igreja. Esta unidade, desde o início Cristo a concedeu à sua Igreja. Nós cremos que esta unidade subsiste indefetivelmente na Igreja católica e esperamos que cresça de dia para dia, até à consumação dos séculos (UR 4).

É na base deste novo espírito que se deram testemunhos concretos de proximidade ecuménica. Assim, por exemplo, em julho de 1966, em Luanda, o arcebispo católico D. Manuel Nunes Gabriel, o bispo metodista, rev. Harry P. Andreassen, e D. Luís César Rodrigues Pereira, bispo da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica em Portugal, participaram numa para liturgia comum. Nas suas palavras de bem-vindo, D. Manuel Nunes Gabriel disse:

Aquilo que há algumas dezenas de anos pareceria um sonho irrealizável vemo-lo transformado em consoladora realidade em nossos dias: cristãos de várias confissões e denominações religiosas que se reúnem para em comum fazerem oração pela unidade da Santa Igreja.<sup>173</sup>

---

<sup>173</sup> Lawrence W. Henderson, *A Igreja em Angola* (Lisboa: Editorial Além-Mar, 1990), 350.

### **3. O impacto da independência ultramarina para a missão portuguesa**

Nesta secção, procurarei analisar o impacto da independência ultramarina, para a missão portuguesa. Neste caso irei abordar o caso de Moçambique.

No dia 7 de setembro de 1974, em Lusaca (Zâmbia), o Governo português, na sua representação de Moçambique, fez um acordo com o partido da Frelimo e a partir desse momento, Moçambique «passou a ter um governo de transição».<sup>174</sup> A 25 de Junho de 1975, era celebrada a independência. Os missionários acolheram este momento e esta mudança política com muito entusiasmo e estavam dispostos «a cooperar com o novo governo moçambicano».<sup>175</sup>

O período entre 1975 e 1980, foi, no entanto, um tempo difícil para a Igreja, que em Moçambique, foi provada no corpo e no espírito e sofreu graves dificuldades na missão.

#### **3.1. A ideologia Marxista**

No seu III Congresso, em fevereiro de 1977, o partido moçambicano da Frelimo, decidiu deixar de ser um movimento de libertação para passar «a ser um partido de ideologia marxista-leninista, ateu e único no país».<sup>176</sup> Outro evento que impactou a relação entre o Estado e a Igreja em Moçambique foi a realização da II Conferência Nacional do Trabalho Ideológico da Frelimo, em junho de 1978. As conclusões tomadas nesta reunião foram que as «instituições religiosas, passavam a ser consideradas como um obstáculo para a transformação revolucionária da sociedade moçambicana».<sup>177</sup> Por isso, foram tomadas todas as medidas necessárias para eliminar a presença da religião na esfera pública.

#### **3.2. As nacionalizações**

As nacionalizações dos bens e das obras da Igreja, tinham como objetivo retirar os meios que os missionários dispunham para a evangelização do povo.

A aplicação da lei das nacionalizações foi realizada em diversas fases e de vários modos:

---

<sup>174</sup> Diamantino Guapo Antunes, *Os Missionários da Consolata em Moçambique 75 anos de evangelização ao serviço da Igreja local (1925-2000)* (Roma: Edizioni Missioni Consolata, 2000), 143.

<sup>175</sup> Cf. Antunes, *Os Missionários da Consolata em Moçambique*, 143.

<sup>176</sup> Cf. Antunes, *Os Missionários da Consolata em Moçambique*, 144.

<sup>177</sup> Cf. Antunes, *Os Missionários da Consolata em Moçambique*, 144.

A primeira fase, em Moçambique, foi marcada pela grande ofensiva da nacionalização das missões. As missões foram transformadas em centros de educação, e as suas contas bancárias foram congeladas. Todas as atividades económicas relacionadas, «como cultivo de hortas, criação de gado, pequeno comércio, foram incluídas nas nacionalizações».<sup>178</sup>

A segunda fase incluiu a apropriação das residências, com o respetivo recheio já inventariado durante a primeira fase. Aos missionários era reservado apenas um quarto, ficando as outras divisões ocupadas pelo «novo pessoal diretivo, professores e enfermeiros que trabalhavam para o governo».<sup>179</sup>

### **3.3. Restrições à liberdade**

As nacionalizações em Moçambique visavam retirar à Igreja o seu espaço de influência sobre a população. Não tendo conseguido este resultado com as medidas já postas em ato, o governo decidiu realizar outras ações radicais que dificultassem a evangelização. As atividades religiosas passaram a ser autorizadas, apenas nas poucas «igrejas e capelas que ainda permaneciam abertas ao culto».<sup>180</sup> Isto quer dizer que fora destes locais, não era permitido organizar celebrações litúrgicas ou catequese. Aos missionários não era permitido desenvolver qualquer atividade religiosa nos centros de ensino, e aldeias comunais. A uma dada altura começou a ser obrigatório a apresentação de uma guia de marcha ou de um salvo conduto (autorização escrita por parte do responsável político, distrital ou local), para que «os missionários e bispos pudessem visitar as comunidades afastadas do seu lugar de residência».<sup>181</sup> Estas medidas tinham o objetivo intencional de dificultar a atividade evangelizadora da Igreja.

## **4. Resposta das Congregações Missionárias aos desafios dos novos tempos**

### **4.1. A comunhão fraterna e o ministério de animação dos superiores**

Neste contexto de mudanças políticas em Moçambique, entre os anos 1975 e 1980, era necessário mais do que nunca, haver unidade e solidariedade entre os missionários. Neste caso por exemplo os missionários da Consolata para criar a comunhão, se

---

<sup>178</sup> Cf. Antunes, *Os Missionários da Consolata em Moçambique*, 145.

<sup>179</sup> Cf. Antunes, *Os Missionários da Consolata em Moçambique*, 145.

<sup>180</sup> Cf. Antunes, *Os Missionários da Consolata em Moçambique*, 148.

<sup>181</sup> Cf. Antunes, *Os Missionários da Consolata em Moçambique*, 148.

organizaram em quatro grupos: Maputo, Inhambane, Lichinga e Cuamba.<sup>182</sup> Devido às dificuldades que a congregação passava neste momento, cada grupo possuía a sua própria organização, com «um conselheiro responsável do grupo, um administrador da caixa comum e um encarregado da pastoral».<sup>183</sup> Este tipo de organização permitia assegurar a comunhão, e a assistência necessária e também permitia o Superior Regional a visitar às várias comunidades.

#### **4.2. Inovação pastoral: génese das comunidades ministeriais**

Devido às circunstâncias difíceis que a Igreja vivia após independência em Moçambique. As diferentes dioceses decidiram criar as comunidades ministeriais em colaboração com as congregações religiosas. O objetivo global era levar cada cristão e cada comunidade a viver o Evangelho em plenitude. Por outro lado, o objetivo destas comunidades ministeriais era criar condições para «a formação de animadores de comunidades a quem fossem entregues, gradualmente os ministérios».<sup>184</sup> O processo de formação de comunidades ministeriais evoluiu em dois momentos sucessivos no contexto da Igreja moçambicana: Numa primeira fase deu-se a organização e formação de comunidades, e mais tarde realizou-se a criação e o exercício dos ministérios. Normalmente, a formação era destinada ao exercício dos ministérios, nomeadamente a distribuição da Eucaristia e administração do Batismo solene de adultos e crianças.<sup>185</sup>

#### **4.3. A presença de consolação e os profetas da paz**

Em Moçambique a guerra civil causou muita insegurança, sofrimento, destruição e morte. No meio desta realidade de sofrimento, por exemplo os missionários da Consolata, continuaram a ser um sinal viva de consolação e Profetas da paz, para o povo que estava em sofrimento. Os missionários e as comunidades cristãs tinham pela frente um novo tipo de apostolado, em que se tornavam preeminentes a presença no meio do povo, a partilha do seu sofrimento, e promoção do processo de reconciliação. Apesar dos efeitos dramáticos da guerra estarem sempre diante dos seus olhos, era a esperança

---

<sup>182</sup> Estas eram as primeiras missões, onde trabalharam os Missionários da Consolata. Até agora, os Missionários da Consolata, ainda estão a continuar a prestar o seu serviço, nestas missões.

<sup>183</sup> Cf. Antunes, *Os Missionários da Consolata em Moçambique*, 151.

<sup>184</sup> Cf. Antunes, *Os Missionários da Consolata em Moçambique*, 159.

<sup>185</sup> Cf. Antunes, *Os Missionários da Consolata em Moçambique*, 159.

movia os missionários e os inspirava para ficarem com o povo mesmo no meio de todo o perigo.<sup>186</sup>

#### **4.4. Fim da aliança entre missionação e sistema colonial**

Num documento aprovado pela 3ª Assembleia Geral da Sociedade Missionária Portuguesa reunida em Valadares, nos meses de julho e agosto de 1974 foram abordados diferentes pontos.<sup>187</sup> Uma das decisões principais era a Congregação deixar ser aliada do sistema colonial que explicitamente os tinha enquadrado e apoiado até então. A partir desse momento, a Congregação devia procurar ser independente sem deixar de exercer a sua função de evangelizar. A Sociedade Missionária Portuguesa assumiu assim o compromisso de continuar «a sua ação missionação sem a proteção de um sistema poderoso e opulento, sem o apoio de subsídios regulares e colocando-se inteiramente ao serviço da Boa Nova e das tarefas de promoção e desenvolvimento que, segundo os interesses dos povos, fossem julgadas prioritárias».<sup>188</sup>

### **5. Os desafios atuais da missionação em África**

Apesar do esforço da missionação feito pelos missionários e missionárias, em África, ainda hoje o continente africano, está a enfrentar diferentes desafios, no seu processo de evangelização.

Seguintes são desafios atuais da missionação em África

#### **5.1. As seitas e os novos movimentos religiosos**

Hoje em dia o continente africano é caracterizado por uma grande variedade de seitas e de movimentos religiosos de origem diversa. São seitas evangélicas, oriundas pela maior parte da América do Norte; filosofias ocidentais da vida não cristãs da vida; novos movimentos religiosos com origem no Oriente.

Muitos destes grupos são anti- católicos; outros são radicalmente antirreligiosos; muitos não têm nenhuma doutrina clara e sólida. O lema comum destes movimentos parece ser a crença na própria salvação, em contraste com a danação de todos os que não pertencem à própria comunidade. Estes movimentos dividem-se as seguintes categorias: espirituais, pentecostais, ascéticos, sincretistas, místicos e perfeccionistas.

---

<sup>186</sup> Cf. Antunes, *Os Missionários da Consolata em Moçambique*, 160.

<sup>187</sup> Cf. Gonçalves, «A dimensão Missionária do Catolicismo Português», 393.

<sup>188</sup> Cf. Gonçalves, «A dimensão Missionária do Catolicismo Português», 394.

O diálogo entre as seitas e a Igreja católica, torna -se muitas vezes difícil, por causa do fundamentalismo inflexível destes grupos, que rejeitam abertamente qualquer colaboração com a Igreja católica e se tornam assim um obstáculo para o processo de missionação em África.

## **5.2. Terrorismo**

É um fenómeno difuso em alguns países africanos, que representa um grave entrave para a missionação. Nas áreas atingidas pelo terrorismo, os missionários são muitas obrigados a suspender as suas atividades. Mali e Moçambique, são dos países africanos, que se confrontam hoje em dia com esta tragédia.

## **5.3. Analfabetismo**

Hoje em dia apesar de todo o esforço dos governos africanos para construir escolas e lutar contra analfabetismo, desafio da educação está longe de ser ganho e representa um dos objetivos fundamentais da missionação. Em primeiro lugar porque a instrução é um direito fundamental do homem, defendido pelo cristão, e em segundo lugar porque a mensagem evangélica exige uma receção livre e consciente, associada a uma literacia básica.

## **5.4. Pobreza**

A pobreza é outro problema de que ainda sofre todo o continente africano. A missionação encontra aqui outro desafio imenso. Garantir a todos condições materiais de vida conformes à dignidade humana é uma obrigação ética universal para a qual os cristãos têm uma chamada ainda mais forte a partir do Evangelho. Este dever primário está associado com as exigências específicas da missionação. Em primeiro lugar, muitas vezes os missionários se encontram em regiões e meios muitos carenciados e são obrigados a deixar em segundo plano a ação de missionação para se concentrarem nas necessidades materiais básicas das pessoas. Em segundo lugar, é difícil que as pessoas pobres, possam apoiar as atividades de missionação cotidiana como por exemplo a construção das Igrejas e o sustento das necessidades dos missionários, pelo que o seu serviço de evangelização se torna muito mais difícil.

### **5.5. A Feitiçaria**

A crença na feitiçaria é ainda muito difusa na sociedade africana. Mesmo em meios bem evangelizados, esta forma de superstição enraizada, porque fornece uma solução simples a problemas complexos. As pessoas acreditam que a magia possa acabar instantaneamente com as suas dificuldades cotidianas, materiais e existenciais. Sendo assim infelizmente os conflitos, afetos, doenças, acidentes que acontecem em vez quando na vida das pessoas, se encontram na feitiçaria uma promessa de solução rápida e linear. Esta ilusão, reforçada pela falta de escolarização, toma conta das pessoas, tornando mais difícil a recepção da mensagem evangélica.

### **5.6.A dificuldade do diálogo intercultural**

Os missionários deparam-se com um grande desafio cultural. O continente africano é um mosaico de culturas diferentes e algumas delas, não estão abertas para acolher as novidades evangélicas, assim torna-se difícil o processo de missionação

### **CAPÍTULO 3: PAPEL DOS MOVIMENTOS DE LEIGOS NA MISSÃO EM ÁFRICA**

No capítulo anterior apresentei o percurso da missionação no continente africano, realçando que ele é o centro da missão para a maioria das congregações. É importante notar que, hoje em dia, as Congregações religiosas masculinas vindas de Portugal envolvem os seus leigos nas diferentes atividades de missionação em África. Este capítulo pretende assim responder à pergunta principal desta dissertação: «Como é que os movimentos de leigos ligados às Congregações religiosas masculinas surgidas em Portugal após o II Concílio Vaticano se envolveram no trabalho de missionação em África?»

Também, terei em consideração, as respostas dadas aos questionários, que estão nos anexos (1, 2, e 3,4), seja por parte dos próprios leigos que pelos próprios missionários, para abordar algumas questões, analisadas neste capítulo.

#### **1. A visão geral dos movimentos de leigos**

O que se entende com movimentos?

O termo é referido a realidades diversas entre si, às vezes, até por configuração canónica. Se, por um lado, a designação não pode certamente exaurir nem fixar a riqueza das formas suscitada pela criatividade vivificante do Espírito de Cristo, por outro, porém, ela ajuda a identificar uma concreta realidade eclesial de participação maioritariamente laical, um itinerário de fé e de testemunho cristão, que assenta o próprio método pedagógico e a própria missão sobre um carisma preciso dado à pessoa do fundador, em circunstâncias e modos determinados.<sup>189</sup>

Os movimentos de leigos, representam uma realidade positiva, indispensável na vida da Igreja. Um dos traços mais significativo da renovação pós-conciliar tem a ver «com o surgimento ou a expansão dos movimentos de leigos».<sup>190</sup>

Os membros dos movimentos de leigos, destacam-se em relação aos outros fieis pelo facto de serem geralmente praticantes mais assíduos dos atos públicos de culto, designadamente da missa dominical, de conhecerem mais profundamente a doutrina da

---

<sup>189</sup> Papa João Paulo II, Papa Paulo II, «A mensagem do papa João Paulo II aos participantes no congresso mundial dos movimentos eclesiais promovido pelo pontifício conselho para os leigos», acedido a 25 de março de 2022, <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speech/1998/may/documentos/ht-jpii-spe-19980527-movimentos.html>.

<sup>190</sup>Cf. José Eduardo Borges Pinho, «Força e Fraqueza dos movimentos na Igreja», em *Communio, Revista Internacional Católica VIII*, n.º 1 (1991): 46, acedido a 25 de março de 2022, [www.revistacommunio.com/artigo-Detalhe.php?id=381](http://www.revistacommunio.com/artigo-Detalhe.php?id=381).

Igreja, de participarem mais nas tarefas e serviços das paróquias e das diversas obras e atividades católicas, de terem uma consciência mais clara e viva da sua identidade como católicos e da sua pertença à Igreja, de estarem mais conscientes dos preceitos morais católicos e do seu dever de transmitir a mensagem do Evangelho e conformar a sua «maneira de viver e atuar na sociedade segundo os valores do Evangelho».<sup>191</sup>

Os movimentos de leigos, têm sido quadros de referência de vida cristã e de «experiência de vida comunitária, ao apresentar-se como espaço de proximidade humana e de relações fraternas, como lugar de diálogo e de partilha solidário, como ambiente de expansão da própria personalidade dos seus membros, como fator de promoção do sentido de pertença a algo comum que é a fé crista».<sup>192</sup> Além disso, os movimentos têm sido agentes da evangelização, especialmente no mundo secularizado, nas suas vertentes de fechamento ao Transcendente, de alheamento aos valores e critérios da mensagem cristã, fenómeno que tornam visível a crescente debilidade da presença da Igreja como corpo social e fazem sentir a urgência de uma nova evangelização. Os movimentos surgem, de facto, como busca «de novos caminhos de evangelização, na tomada de consciência de que ela supõe visibilidade da Igreja».<sup>193</sup> Por fim, os movimentos de leigos «têm facultado o intercâmbio de pessoas, ideias e experiências entre cristãos de dioceses e de países diferentes».<sup>194</sup> Por outro lado, a presença destes movimentos de leigos no seio da Igreja contribui a afirmar a passagem da ideia de «participação dos leigos no apostolado hierárquico para a de colaboração com o apostolado hierárquico, modo indireto de se reconhecer já a especificidade de um apostolado de leigos, para finalmente se falar autonomamente do apostolado laical ».<sup>195</sup>

Um dos grandes teólogos do nosso tempo, o Cardinal Martini, ao comentar o papel dos movimentos de leigos, afirmou:

Na medida em que eles aceitem a via do discernimento e sejam reconhecidos, ainda que só de facto, como um bem autêntico para uma Igreja particular, são acolhidos e apoiados, devido à sua contribuição educativa e missionária. Não devemos ter medo da novidade, quanto mais não seja porque estamos

---

<sup>191</sup> Cf. Marinho Antunes Luís Marinho, «Movimentos no pós-concílio : Anotações Sociológicas», em *Communio Revista Internacional Católica* VIII, n.º 1 (1991): 8, acedido a 25 de março de 2022, [www.Revistacommunio.com/artigo\\_Detalhephp?id=381](http://www.Revistacommunio.com/artigo_Detalhephp?id=381).

<sup>192</sup>Cf. Pinho, «Força e Fraqueza dos movimentos na Igreja», 8.

<sup>193</sup>Cf. Pinho, «Força e Fraqueza dos movimentos na Igreja», 49.

<sup>194</sup> Cf. Marinho Antunes, «Movimentos no pós-concílio», 8.

<sup>195</sup> Cf. Paulo F. Oliveira Fontes, «Movimentos eclesiais contemporâneos (séculos XIX-XX)», em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, dir. de Carlos M. Azevedo. Vol.4 (Lisboa: Círculo de leitores, 2001), 460.

convencidos que a nossa Igreja não é túnel envelhecido, mas um odre novo, um seio virginal e fecundo.<sup>196</sup>

Segundo o Card. Martini, o processo de discernimento, não significa apenas uma avaliação ou um juízo, mas também o acompanhamento em ordem à sua inserção cordial e orgânica no conjunto da atividade pastoral da Igreja no plano da formação e da missão.<sup>197</sup>

O processo de discernimento nestes movimentos de leigos tem múltiplas vantagens, como por exemplo o ter em conta a autenticidade da doutrina comunicada e a exigência de comunhão plena com a Igreja universal. Este discernimento comunitário contemplará prioritariamente a maneira como os movimentos adaptam o seu projeto, global na sua perspetiva, à realidade pastoral de uma Igreja particular, e como ao mesmo tempo ele se insere num plano de pastoral mais vasto, numa atitude de verdadeira colaboração pastoral.<sup>198</sup>

Segundo Mulamba, a história dos movimentos na Igreja pode ser resumida em cinco momentos:

1º Momento:

O monaquismo missionário que surgiu nos primórdios da Igreja, levando ao deserto numerosos cristãos desejosos de viverem a perfeição evangélica que a cidade secular tornava difícil, e que produziu várias formas de monaquismo.<sup>199</sup>

2º Momento

A Idade Média, que foi palco de vários movimentos, diversos na sua inspiração e estruturação, mas todos orientados a uma forma de evangelização, vivida na pobreza ou

---

<sup>196</sup>Cf. D. José da Cruz Policarpo, «Critérios de eclesialidade para as associações laicais», em *Communio, Revista Internacional Católica* VIII, nº1(1991): 34, acessado a 25 de março de 2022, [www.revistacommunio.com/artigo/Detail.php?id=381](http://www.revistacommunio.com/artigo/Detail.php?id=381).

<sup>197</sup> Cf. Policarpo «Critérios de eclesialidade para as associações laicais», 34.

<sup>198</sup> Cf. Policarpo «Critérios de eclesialidade para as associações laicais», 34.

<sup>199</sup>Canavarra apud Mulamba, *O fenómeno dos “novos movimentos de apostolado” fundados em Cabinda perante os novos desafios da inculturação. Uma abordagem teológico-pastoral*, sob orientação do Pro. Doutor José Manuel Valente da Silva Nunes (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia,), 177, acessado a 9 de março de 2022, <https://repositorio.ucp.pt/handle/1040.14/26037> Dissertação% 20Completa% 20(4), pdf

a oração. Entre estes é impossível esquecer aqueles que deram origem às ordens mendicantes, especialmente os Franciscanos e os dominicanos.<sup>200</sup>

3º Momento:

A Época Moderna, marcada pelo Renascimento, e assinalada por uma onda de grande humanismo antropocêntrico, misturado com a soberba e o hedonismo, materialismo e o individualismo. Viu vários movimentos de penitentes e flagelantes, assim como aqueles que procurava o aprofundamento da Palavra de Deus.<sup>201</sup>

4º Momento:

A Época Contemporânea, entre o séc. XIX e a 1ª metade do séc. XX, viu nascer, quase sempre sob a influência de um homem ou mulher possuídos pelo Espírito, vários movimentos, em forma de Fraternidades ou Pias Uniões, cuja ação foi importante, tanto na vida como na atividade da Igreja.<sup>202</sup>

5º Momento:

A segunda metade do séc. XX foi marcada pela reativação de formas associativas de vida cristã que vinham das épocas anteriores, e contemporaneamente pelo aparecimento dos chamados novos movimentos eclesiais (formados precipuamente pelos leigos).<sup>203</sup>

A partir destas premissas podemos dizer que a presença destes movimentos na história da Igreja, é nasce da exigência de dar respostas concretas às necessidades espirituais de cada época. Por outro lado, podemos também dizer que esses movimentos são historicamente «os instrumentos dos quais a Providência se esforça para tornar presente o acontecimento de Cristo com mais evidência na vida da Igreja e por conseguinte na vida do mundo».<sup>204</sup>

---

<sup>200</sup> Canavarra apud Mulamba, *O fenómeno dos “novos movimentos de apostolado” fundados em Cabinda perante os novos desafios da inculturação. Uma abordagem teológico-pastoral*, 177.

<sup>201</sup> Canavarra apud Mulamba, *O fenómeno dos “novos movimentos de apostolado” fundados em Cabinda perante os novos desafios da inculturação. Uma abordagem teológico-pastoral*, 177.

<sup>202</sup> Canavarra apud Mulamba, *O fenómeno dos “novos movimentos de apostolado” fundados em Cabinda perante os novos desafios da inculturação. Uma abordagem teológico-pastoral*, 178.

<sup>203</sup> Canavarra apud Mulamba, *O fenómeno dos “novos movimentos de apostolado” fundados em Cabinda perante os novos desafios da inculturação. Uma abordagem teológico-pastoral*, 178.

<sup>204</sup> Canavarra apud Mulamba, *O fenómeno dos “novos movimentos de apostolado” fundados em Cabinda perante os novos desafios da inculturação. Uma abordagem teológica-pastoral*, 178.

## **2. As características destes movimentos de leigos**

Nesta seção será apresentado as características dos movimentos de leigos

### **2.1. A vocação de cada cristão à santidade**

Qualquer movimento de leigos é chamado a testemunhar uma vida de santidade, conforme à vocação a que são chamados todos os cristãos através do batismo. Além disso, a vocação à santidade, é como um meio que favorece uma unidade mais íntima entre «a vida prática dos membros da comunidade e a própria fé, como crescimento para a plenitude da vida cristã e para a perfeição da caridade» (CL 30).

### **2.2. A Catolicidade**

Todos os movimentos de leigos têm a obrigação de professar à sua fé católica. Por isso todo movimento de leigo «deve ser lugar de anúncio e de proposta da fé e de educação na mesma, no respeito pelo seu conteúdo integral» (CL 30).

### **2.3. Obediência à hierarquia**

Todos os movimentos de leigos têm a obrigação a respeitar à hierarquia. Isso quer dizer estes movimentos de leigos devem estar em comunhão com «os bispos (no nível da Igreja local) e o Papa (no nível da Igreja Católica)» (CL 30). Esta comunhão com os bispos e o Papa devem manifestar-se na sua disponibilidade fiel, em aceitar os seus ensinamentos doutrinários e as suas orientações pastorais.

### **2.4. Congregações**

Estes movimentos de leigos surgem no seio das congregações religiosas. É a partir desta ligação que os movimentos de leigos ganham a sua própria identidade.

### **2.5. Carismas**

Todos os movimentos de leigos têm diferentes carismas, que identificam a sua missão. Estes carismas são acolhidos e enunciados pelos fundadores das congregações com as quais os movimentos de leigos se identificam.

### **2.6. Sem fins lucrativos**

Geralmente estes movimentos de leigos não têm nenhum fim lucrativo. Qualquer atividade de promoção humana que estes movimentos realizem tem o fim de ajudar aqueles que precisarem. Os leigos fazem todas as suas atividades de caridade, seja no

setor de saúde, como da educação, sem olhar para o lucro, fazendo tudo em puro espírito de serviço evangélico.

## **2.7. A vocação ao apostolado**

Todos os movimentos de leigos devem ter uma vocação ao apostolado. Esta vocação «consiste na evangelização e santificação dos homens, assim como na formação cristã, das suas consciências» (CL 30). Sendo assim, todos os leigos destes movimentos, deveriam ter um entusiasmo missionário que os chama para uma nova evangelização.

## **2.8. O testemunho de vida**

Todos aqueles que estão nestes movimentos têm a obrigação de testemunhar no mundo a doutrina social da Igreja, que promove e protege a dignidade integral do homem. Os movimentos de leigos devem «ser correntes vivas de participação e solidariedade para construir condições mais justas e fraternas no seio da sociedade; por outro lado, os seus membros devem ser testemunhas do Cristo Ressuscitado» (CL 30).

## **3. Os impulsionadores destes movimentos de leigos**

Nesta secção procurarei ilustrar quem foram os impulsionadores dos movimentos de leigos, reconstruindo o papel proeminente que neste respeito tiveram os Papas dos séc. XX e XXI. Serão por isso analisadas as indicações pastorais sobre os movimentos dos leigos dadas pelos seguintes Papas: João XXIII (1958-1963), Paulo VI (1963-1978), João Paulo II (1978-2005), e Bento XVI (2005-2013), Francisco (desde 2013).

### **3.1. O Papa João XXIII (1958-1963)**

Na sua encíclica *Mater et Magistra*, anteriormente referida (2.1.), o Papa sublinha o papel e a importância das associações e organizações de apostolado dos leigos, especialmente aquelas que se propõem cristianizar a ordem temporal, em conformidade com as orientações da hierarquia. Por outro lado, a encíclica realça a importância da instrução e da educação para a dinamização do apostolado dos leigos e a fim de atuar cristãmente no campo económico e social. Afirma assim o Papa João XXIII, nos números 229 a 232 do documento:

229. Para atuar cristãmente no campo económico e social, a educação com dificuldade haverá de mostrar-se eficaz, se os que a recebem não tomam nela parte ativa e se não for dada também através da ação.

230. Justamente se costuma dizer que não é possível chegar a usar bem da liberdade senão por meio do bom uso da liberdade. De modo análogo, proceder cristãmente no campo econômico e social não se consegue senão por meio da ação cristã concreta nesse domínio.

231. Por isso, na educação social, corresponde uma função importante às associações e organizações ao apostolado dos leigos, especialmente às que se propõem, como objetivo próprio, impregnar de cristianismo um ou outro setor da ordem temporal.

232. Efetivamente, não poucos membros destas Associações podem utilizar as suas experiências cotidianas para se educarem a si próprios cada vez melhor e contribuírem para a educação social dos jovens.

Estas palavras do Papa João XXIII, atestam que as associações (movimentos de leigos) têm o papel eclesialmente importante de implementar a educação social, porque qualquer doutrina social não se enuncia apenas, «mas deveria ser praticada em termos concretos».<sup>205</sup> O Papa João XXIII, convida os movimentos a criar escolas onde os leigos aprendam a doutrina social da Igreja, e sejam «assim em condições de a testemunhar e anunciar no mundo».<sup>206</sup>

Também numa outra encíclica, a *Pacem in terris*, o Papa João XXII, realça a importância das associações:

é de todo indispensável se constitua uma vasta rede de agremiações ou organismos intermediários, adequados a fins que os indivíduos por si sós não possam conseguir de maneira eficaz. Semelhantes agremiações e organismos são elementos absolutamente indispensáveis para salvaguardar a dignidade e a liberdade da pessoa humana, sem lhe comprometer o sentido de responsabilidade (PT 24).

### **3.2. O Papa Paulo VI (1963-1978)**

Após a morte do Papa João XXIII, foi o Papa VI, que teve o papel importante de levar para frente todos os trabalhos do II Concílio Vaticano, e de velar na aplicação das suas conclusões. Paulo VI, apoiou muito o laicado católico, valorizou as suas atividades. Mesmo antes de ser eleito Papa, ele foi «o animador, testemunho e mestre de alguns novos

---

<sup>205</sup> Cf. Mulamba, *O fenómeno dos “novos movimentos de apostolado” fundados em Cabinda perante os novos desafios da inculturação. Uma abordagem teológico-pastoral*, 364.

<sup>206</sup>Cf. Mulamba, *O fenómeno dos “novos movimentos de apostolado” fundados em Cabinda perante os novos desafios da inculturação. Uma abordagem teológico-pastoral*, 364.

movimentos e até chamou alguns leigos para participar no Concílio, como observadores».<sup>207</sup>

Durante o pontificado de Papa Paulo VI, dão-se várias iniciativas e pronunciamentos, que se referem diretamente à questão do laicado e que devem ser sublinhados.

### **3.2.1. Iniciativas importantes no Pontificado de Paulo VI, para a promoção dos movimentos eclesiais no seio da Igreja**

Segundo Mulamba, os seguintes foram iniciativas importantes tomadas pelo Pontificado de Paulo VI, para a promoção dos movimentos eclesiais no seio da Igreja

i) **Criação do Conselho Pontifício para os Leigos**,<sup>208</sup> que continua a ser uma estrutura importante em reconhecer o lugar e o papel do Leigo no interior da Igreja e na sua relação com o mundo moderno. Este conselho deu uma contribuição enorme para o desenvolvimento do fenómeno dos novos movimentos eclesiais.

ii) **Realização do Terceiro Congresso Mundial para o Apostolado dos Leigos**,<sup>209</sup> que teve lugar entre os dias 11 e 18 de outubro de 1967. Este Congresso apontou para um diferente papel do leigo na Igreja, e recordou que os leigos fazem plenamente parte da Igreja em força do sacramento do batismo.

iii) **Publicação da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Evangelii Nuntiandi***,<sup>210</sup> que foi um documento muito importante para entender a missão evangelizadora da Igreja e o papel que nela tem o laicado.

### **3.2.2. O discurso do Papa Paulo VI, sobre os movimentos de leigos**

Numa alocução audiência geral de 11 de setembro de 1968, o Papa insistiu sobre o facto de que o apostolado dos leigos se organize em forma associativa, a fim de que melhor se expresse a comunidade da Igreja e para que se obtenham melhores frutos. Esta

---

<sup>207</sup> .Mulamba, *O fenómeno dos “novos movimentos de apostolado” fundados em Cabinda perante os novos desafios da inculturação: Uma abordagem teológico-pastoral*, 366.

<sup>208</sup> Mulamba, *O fenómeno dos “novos movimentos de apostolado” fundados em Cabinda perante os novos desafios da inculturação: Uma abordagem teológico-pastoral*, 366.

<sup>209</sup> Mulamba, *O fenómeno dos “novos movimentos de apostolado” fundados em Cabinda perante os novos desafios da inculturação: Uma abordagem teológico-pastoral*, 366.

<sup>210</sup> Mulamba, *O fenómeno dos “novos movimentos de apostolado” fundados em Cabinda perante os novos desafios da inculturação: Uma abordagem teológico-pastoral*, 366.

recomendação vale tanto «para os leigos como para os sacerdotes: nas comunidades e nas paróquias».<sup>211</sup>

No outro discurso sobre os movimentos de leigos, o Papa Paulo VI lamentou o facto de que muitos na Igreja, preferam o isolamento e detestem a comunidade, o espírito associativo. Ora, o cristão deve viver sempre imbuído de clima comunitário, de espírito de solidariedade e simpatia. Por isso, para o Papa

as associações devem reacender, com confiança, coragem e originalidade, a importância primária da oração, da luta diária pela fidelidade ao Batismo, da castidade de acordo com o estado adequado de cada um, da disponibilidade à consagração virginal e ao serviço dos irmãos para aqueles que são chamados, do testemunho da vida, privado e público, nos corações dos diferentes, e muitas vezes tão difíceis, situações existenciais.<sup>212</sup>

### **3.3.O Papa João Paulo II (1978-2005)**

O pontificado de João Paulo II foi marcado por diferentes iniciativas seja em termos pastorais e também pela promulgação de diversos documentos doutrinários sobre a questão do laicado. O Papa João Paulo II era considerado como «bom pastor dos “Novos Movimentos Eclesiais” por causa da sua solicitude pastoral, pela sua afeição e pelos seus ensinamentos».<sup>213</sup> A sua dedicação aos Novos Movimentos Eclesiais era por causa da sua experiência como arcebispo de Cracóvia, onde trabalhou intensamente com estas novas associações, como do seu papel de consultor durante muitos anos do Conselho Pontifício para os Leigos.

#### **3.3.1. Vários discursos do Papa João Paulo II sobre os movimentos de leigos**

O Papa João Paulo II pronunciou vários discursos para valorizar a presença dos movimentos eclesiais de leigos na Igreja.

No seu discurso ao Primeiro Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais, o Papa afirmou

---

<sup>211</sup> Cf. Mulamba, *O fenómeno dos “novos Movimentos de Apostolado” Fundados em Cabinda perante os novos desafios da inculturação. Uma abordagem Teológico-pastoral*, 368.

<sup>212</sup> O Papa Paulo VI «Discurso aos participantes de 1ª assembleia nacional da Ação Católica Italiana», 25 de Abril de 1977, acedido a 27 de março de 2022, <https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1977/apul/documentos/hf-p-vi-spe-19770425-assembleia-nazionale.aci.html>.

<sup>213</sup> Cf. Mulamba, *O fenómeno dos “novos Movimentos de Apostolado” Fundados em Cabinda perante os novos desafios da inculturação. Uma abordagem Teológico-pastoral*, 391.

Os movimentos representam um dos frutos mais significativos daquela primavera da Igreja já prenunciada pelo Concílio Vaticano II, mas infelizmente não raro obstaculizada pelo difundido processo de secularização. A sua presença é encorajadora, porque mostra que esta primavera progride, manifestando o vigor da experiência cristã sobre o encontro pessoal com Cristo embora na diversidade das formas, os Movimentos caracterizam-se pela comum consciência da novidade que a graça batismal traz à vida, pelo singular anelo de aprofundar o mistério da comunhão com Cristo e com os irmãos, pela firme fidelidade ao património da fé transmitido pelo fluxo vivo da Tradição. Isto dá origem a um renovado impulso missionário que leva a encontrar os homens e as mulheres da nossa época, nas situações concretas em que vivem e a pousar um olhar repleto de amor sobre a dignidade, as necessidades e o destino de cada um.<sup>214</sup>

Além disso, o Papa destacou o contributo destes movimentos à vida da Igreja:

Os carismas reconhecidos pela Igreja representam vias para aprofundar o conhecimento de Cristo e para se dar com mais generosidade a Ele, enraizando-se contemporaneamente, sempre mais, na comunhão com o inteiro povo cristão. Eles merecem, por isso, atenção da parte de cada membro da Comunidade eclesial, a começar pelos Pastores, aos quais é confiado o cuidado das Igrejas particulares, em comunhão com o Vigário de Cristo. Os Movimentos podem assim oferecer um contributo precioso à dinâmica vital da única Igreja, fundada sobre Pedro, nas diversas situações locais, sobretudo naquelas regiões onde a “*implantatio Ecclesiae*” ainda está no início ou submetida a não poucas dificuldades.<sup>215</sup>

Por isso, não deveria haver rivalidades entre a dimensão institucional e a dimensão carismática. Afirmou ainda o Papa

Na Igreja não existe contraste ou contraposição entre a dimensão institucional e a dimensão carismática, da qual os Movimentos são uma expressão significativa. Ambas são co-essenciais à constituição divina da Igreja fundada por Jesus, porque concorrem juntas para tornar presentes o mistério de Cristo e a sua obra salvífica no mundo.<sup>216</sup>

Num outro discurso pronunciado na Vigília de pelo João Paulo II, de Sábado 30 de Maio de 1998, mostrando o seu apreço aos movimentos afirmou assim:

---

<sup>214</sup> Papa Paulo II, «A mensagem do papa João Paulo II aos participantes no congresso mundial dos movimentos eclesiais promovido pelo pontifício conselho para os leigos», acedido a 19 de Março de 2022, <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speech/1998/may/documentos/ht-jpii-spe-19980527-movimentos.html>.

<sup>215</sup> Papa Paulo II, «A mensagem do Papa João Paulo II aos participantes no congresso mundial dos movimentos eclesiais promovido pelo pontifício conselho para os leigos».

<sup>216</sup> Papa Paulo II, «A mensagem do Papa João Paulo II aos participantes no congresso mundial dos movimentos eclesiais promovido pelo pontifício conselho para os leigos».

No nosso mundo, com frequência dominado por uma cultura secularizada que fomenta e difunde modelos de vida sem Deus, a fé de muitos é posta à dura prova e, não raro, é sufocada e extinta. Percebe-se, então, com urgência a necessidade de um anúncio forte e de uma sólida e aprofundada formação cristã. Como é grande, hoje, a necessidade de personalidades cristãs amadurecidas, conscientes da própria identidade batismal, da própria vocação e missão na Igreja e no mundo! E eis, então, os movimentos e as novas comunidades eclesiais: eles são a resposta, suscitada pelo Espírito Santo, a este dramático desafio do final de milénio. Vós sois esta resposta providencial.<sup>217</sup>

Com estas palavras do Papa, somos convidados a considerar estes movimentos, como «expressões visíveis do desígnio do Senhor da história, que guia e governa a vida dos povos, das nações e da sua Igreja, suscitada pela incansável fecundidade do Espírito de Deus, que age livremente concedendo diferentes carismas».<sup>218</sup>

Por fim no mesmo discurso, O Papa insistiu a comunhão destes movimentos de leigos, com a hierarquia. Afirma assim o Papa:

Cada movimento se submeta ao discernimento da Autoridade eclesiástica competente. Por esta razão, nenhum carisma dispensa da referência e da submissão aos Pastores da Igreja. Com palavras claras o Concílio escreve: «O juízo acerca da sua autenticidade e recto uso pertence àqueles que presidem na Igreja e aos quais compete de modo especial não extinguir o Espírito, mas julgar tudo e conservar o que é bom (cf. 1 Ts 5, 12.19-21)» (*Lumen Gentium*, 12). Esta é a necessária garantia de que a estrada que percorreis é justa! Assim, na confusão que reina no mundo de hoje é fácil errar, ceder às ilusões. Na formação cristã cuidada pelos movimentos jamais falte o elemento desta confiante obediência aos Bispos, sucessores dos Apóstolos, em comunhão com o Sucessor de Pedro! Conheceis os critérios de eclesialidade das agregações laicais, presentes na Exortação Apostólica *Christifideles laici* (cf. n. 30). Peço-vos que lhes deis adesão sempre com generosidade e humildade, inserindo as vossas experiências nas Igrejas locais e nas paróquias, sempre permanecendo em comunhão com os Pastores e atentos às suas indicações.<sup>219</sup>

---

<sup>217</sup> Papa João Paulo II, «Vigília de oração e o encontro dos movimentos eclesiais e das novas comunidades», acedido a 25 de março de 2022, <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1998/may/documentos/ht-jp-II-spe-1998530-riflessioni.html>.

<sup>218</sup> Cf. Guzman Carriquiry, «Los movimientos eclesiales en el contexto religioso y cultural actual», em *Los movimientos eclesiales en la solitudine pastoral de los bispos*, (Ciudad Del Vaticano, 2000), 48.

<sup>219</sup> Papa João Paulo II, «Vigília de oração e o encontro dos movimentos eclesiais e das novas comunidades».

### 3.4. O Papa Bento XVI (2005-2013)

O apreço do Papa Bento XVI na promoção dos movimentos eclesiais pode ser caracterizada em algumas intervenções fundamentais.

Em primeiro lugar, a sua proximidade é evidente na mensagem aos Participantes no Segundo Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades, cujo tema era, “A beleza de ser cristão e a alegria de o comunicar”.

Neste Congresso, o Papa apelou para que os movimentos eclesiais sejam, de facto, lugares onde se aprende a comunhão e a caridade. O Papa sublinhou assim:

Portanto digo-vos, queridos amigos dos Movimentos: fazei com que eles sejam sempre escolas de comunhão, companheiros a caminho nos quais se aprende a viver na verdade e no amor que Cristo nos revelou e comunicou por meio do testemunho dos Apóstolos, no seio da grande família dos seus discípulos. Ressoe sempre no vosso coração a exortação de Jesus: "Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai que está no céu" (*Mt* 5, 16). Levai a luz de Cristo a todos os ambientes sociais e culturais em que viveis. O impulso missionário é comprovação da radicalidade de uma experiência de fidelidade sempre renovada ao próprio carisma, que leva além de qualquer fechamento cansado e egoísta em si. Iluminai a obscuridade de um mundo transtornado pelas mensagens contraditórias das ideologias.<sup>220</sup>

Além disso, neste mesmo congresso, o Papa afirmou que os movimentos eclesiais são hoje sinal luminoso da beleza de Cristo e da Igreja, Sua Esposa e pertencem à estrutura viva da Igreja. A partir disso, o Papa agradeceu aos movimentos por terem continuado «a ser fiéis, aos seus compromissos missionários, pela ação formativa desempenhada de modo crescente em relação às famílias cristãs, e também por promover as vocações ao sacerdócio ministerial e à vida consagrada».<sup>221</sup> Por fim, agradeceu a disponibilidade destes movimentos de receber as indicações operativas não só do «Sucessor de Pedro, mas também dos Bispos das diversas Igrejas locais, que são juntamente com o Papa, guardas da verdade e da caridade na unidade».<sup>222</sup>

---

<sup>220</sup>Cf. Papa Bento XVI, «Mensagem aos participantes no Congresso Mundial dos Movimentos eclesiais e das Novas Comunidades», acedido a 25 de março de 2006, <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/pont.messages/2006/documentos/hf-xvi-mês-20060522-eclisial-movements.html>, 2006.

<sup>221</sup> Cf. Papa Bento XVI, «Mensagem aos participantes no Congresso Mundial dos Movimentos eclesiais e das Novas Comunidades»

<sup>222</sup> Cf. Papa Bento XVI, «Mensagem aos participantes no Congresso Mundial dos Movimentos eclesiais e das Novas Comunidades».

Outra ocasião que o Papa Bento XVI, mostrou apoio pela presença destes movimentos na Igreja, foi no seu discurso durante a sua visita apostólica a Portugal em 2010, onde afirmou:

A propósito, confesso-vos a agradável surpresa que tive ao contactar com os movimentos e novas comunidades eclesiais. Observando-os, tive a alegria e a graça de ver como, num momento de fadiga da Igreja, num momento em que se falava de «inverno da Igreja», o Espírito Santo criava uma nova primavera, fazendo despertar nos jovens e adultos a alegria de serem cristãos, de viverem na Igreja que é o Corpo vivo de Cristo. Graças aos carismas, a radicalidade do Evangelho, o conteúdo objetivo da fé, os fluxos vivos da sua tradição comunicam-se persuasivamente e são acolhidos como experiência pessoal, como adesão da liberdade ao evento presente de Cristo.<sup>223</sup>

Por fim, o outro evento marcante durante o pontificado do Papa Bento XVI, era o seu discurso, dirigindo aos membros de Comunhão e Libertação. Neste contexto o Papa afirmou claramente que:

Queridos amigos, o vosso Movimento insere-se assim no amplo florescimento de associações, movimentos e novas realidades eclesiais providencialmente suscitados pelo Espírito Santo na Igreja depois do II Concílio Vaticano. Cada dom do Espírito encontra-se originária e necessariamente ao serviço da edificação do Corpo de Cristo, oferecendo um testemunho da imensa caridade de Deus pela vida de cada homem. Portanto, a realidade dos Movimentos é sinal da fecundidade do Espírito do Senhor, para que se manifeste no mundo a vitória de Cristo ressuscitado e se cumpra o mandato missionário confiado a toda a Igreja.<sup>224</sup>

### **3.5. O Papa Francisco**

O Papa Francisco convocou o 3º Congresso mundial dos Movimentos Eclesiais com o tema “A alegria do Evangelho, uma alegria missionária”, em novembro de 2014.

Neste Congresso o Papa chamou a atenção os movimentos eclesiais, sobre os seguintes aspetos:

#### **i. O carisma**

---

<sup>223</sup> Papa Bento XVI, «Discurso aos Bispos de Portugal», na viagem apostólica a Portugal no 10º aniversário da beatificação de Jacinta e Francisco, pastorinhos de Fátima, acedido a 26 de março de 2022, <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/may/may/documentos/hf-bem-xvi-spe-2010513-vecovi-portogallo.html>.

<sup>224</sup> Papa Bento XVI, «Discurso aos participantes à peregrinação promovida pela Fraternidade Comunhão e Libertação», acedido a 26 de março de 2022, <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/march/documentos/hf-ben-xvi-spe-20070324-comunione-liberazione.html>.

O Papa convida os movimentos eclesiais, a serem fiel aos seus carismas. Afirma o Papa,

A novidade das vossas experiências não consiste nos métodos nem nas formas, que, contudo, são importantes; a novidade consiste na predisposição para responder com renovado entusiasmo à chamada do Senhor; foi esta coragem evangélica que permitiu o nascimento dos vossos movimentos e novas comunidades. Se formas e métodos são defendidos por si mesmos tornam-se ideológicos, distantes da realidade que está em evolução contínua; fechados às novidades do Espírito, acabam por sufocar o próprio carisma que os gerou. É preciso voltar sempre à nascente dos carismas e reencontrareis o impulso para enfrentar os desafios.<sup>225</sup>

ii. **A comunhão,**

O Papa chama a atenção aos movimentos a questão da comunhão. Segundo o Papa, os movimentos deveriam estar em comunhão com a hierarquia. Para o Papa, o bem mais precioso, o selo do Espírito Santo é a comunhão. Afirma assim o Papa «verdadeira comunhão não pode existir num movimento ou numa nova comunidade, se não se integra na comunhão maior que é a nossa Santa Mãe Igreja Hierárquica».<sup>226</sup>

iii. Outra intervenção sobre este tema foi feita pelo Papa Francisco no encontro com os moderadores de associações de fiéis, movimentos eclesiais, promovido pelo Dicasterio para os leigos a Família e a vida sobre o tema “A responsabilidade de governo nas agregações laicais: um serviço eclesial. Neste encontro o Papa destacou que «os movimentos eclesiais são um sinal claro da vitalidade da Igreja, porque apresentam uma força missionária e uma presença profética que nos dá esperança para o futuro. O futuro deve ser preparado aqui e agora, aprendendo a ouvir e discernir o tempo presente com honestidade e coragem e com a disponibilidade para ter um encontro constante com o Senhor uma constante conversão pessoal».<sup>227</sup>

---

<sup>225</sup> Papa Francisco, “Discurso aos participantes no III<sup>a</sup> Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e das novas comunidades”, acessado a 26 de março de 2022, a <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/Speeches/2014/november/documentos/papa-francesco-2014-1122-convegno-moviments.Ecclesiali.html>.

<sup>226</sup> Papa Francisco, «Discurso aos participantes no III<sup>a</sup> Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e das novas comunidades».

<sup>227</sup> Papa Francisco, «Discurso aos participantes do encontro com os moderadores de associações de fiéis, movimentos eclesiais, e novas comunidades», acessado 27 de março de 2022, <https://www.vaticannewa.va>.

### 3.6. As congregações e os seus movimentos de leigos

Nesta seção ilustrarei quais são as congregações a que pertencem os movimentos de leigos.

**QUADRO II**

Congregação	Leigos	Fundação em Portugal
Os Padres de Schoenstat	Movimento Apostólico Internacional Schoenstatt	1975
Espiritanos	Jovens sem Fronteiras	1983
Jesuitas	Leigos para o desenvolvimento	1986
Passionistas	Associação da Juventude Passionista	1986
Missionários da Consolata	Leigos Missionários da Consolata	1991
Combonianos	Leigos Missionários Combonianos	1997
Missionários do Verbo divino	Diálogos e leigos para a missão	1998
Missionários Boa Nova	Leigos Boa Nova	1995
Capuchinos	Leigos capuchinos	2000
Dehonianos	Leigos Dehonianos	2000
Padres Marianos	Apostolado Misericórdia	2000
Filhos da Caridade	Leigos filhos de Caridade	2001
Missionários Monfortinos	Associação Maria Rainha dos Corações	2008
Maristas	Leigos Maristas	2008
Missionárias do Preciosíssimo Sangue	Leigos do Preciosíssimo Sangue	2008
Missionários de São Baptista	Leigos Missionários de São Baptista	2008

**Fonte: Anuário Católico de 2016.**

## **4. Leigos e Desenvolvimento em África**

Vejam agora as atividades onde destes leigos na evangelização e promoção humana no continente africano.

### **4.1. Saúde**

Há congregações que envolvem os leigos na realização de atividades nos centros de saúde. Por exemplo, vários leigos missionários da Consolata, quando foram para Tanzânia, se envolveram na repartição da Maternidade, no centro local de saúde localizado na Iringa.<sup>228</sup> Outro caso quando os leigos dos Missionários foram para Moçambique, abriram o centro para lutar contra desnutrição para as crianças nos centros de inhambani em Mozambique, que era uma grande ajuda para o povo local, que estava perto da missão dos missionários da Consolata.<sup>229</sup>

### **4.2. Política**

Quando foram para Guiné-Bissau, em 1997, os Jovens sem fronteiras envolveram-se, na reconciliação dos povos locais, que estavam em conflito depois da guerra colonial. Antes de partir para esta missão, os leigos deste movimento, foram formados, sobre a questão da paz e da reconciliação segundo o magistério da Igreja. A presença dos Jovens sem fronteiras, neste contexto ajudou muito a reconciliação entre os povos locais.<sup>230</sup>

### **4.3. Pastoral**

Em termos pastorais, as congregações contam muito com a ajuda dos leigos. Os leigos que foram para terra da missão, em diferentes partes do continente africano, envolveram-se desde o começo em diferentes empenhos pastorais, como a formação

---

<sup>228</sup> Iringa é uma região que se encontra na Tanzânia. Os primeiros Missionários da Consolata, começaram a evangelizar, esta região, antes de se espalhar-se para outras regiões do país. Na Iringa há por isso muitas missões da Consolata, seja paróquias, escolas, centros de saúde, e centros de assistência social. A maioria dos leigos, desta congregação, vai por isso para esta região, histórica, para os missionários da Consolata.

<sup>229</sup> Este testemunho foi dado na entrevista que tive via zoom, no dia 11 de fevereiro de 2022, com o Padre Missionário da Consolata, que trabalhou com os leigos nesta missão de Inhambani.

<sup>230</sup> O testemunho foi dado pelo coordenador dos Leigos sem fronteiras numa entrevista via zoom, no dia 23 de fevereiro de 2002.

cristã, nos vários grupos das paróquias, a catequese, o apoio às famílias locais na missão, organização dos arquivos das dioceses.<sup>231</sup>

#### **4.4. Educação**

Algumas congregações contam com a ajuda dos leigos, para prestar o serviço no âmbito da educação. A maioria dos leigos, por exemplo, dá aulas de língua portuguesa, outros dão aulas de inglês<sup>232</sup>, outros colaboram na organização das bibliotecas locais (recolha e arquivagem de livros novos, colocando etiquetas nos livros, como catalogação de livros preexistentes) dos materiais escolares enviados pelos benfeitores para terra da missão. Outros ensinavam as crianças a ler e escrever.<sup>233</sup> Por fim, outros leigos angariaram os fundos para construir escolas, especialmente nos lugares em que não havia. Em 2018, por exemplo, os leigos missionários da Consolata, realizaram a construção de uma escola na Iringa, na região de Wasa,<sup>234</sup> criando melhores condições de aprendizagem para as crianças. Os leigos angariaram os fundos para o projeto.

#### **4.5. Assistência social**

Outro campo de trabalho, em que os leigos prestam o seu precioso serviço na terra de missão é a assistência social. Os leigos missionários da Consolata, por exemplo, há um ano passaram um mês a ajudar os órfãos, no centro de Namugongo na Tanzânia. O centro teve a também apoio financeiro para a renovação das estruturas.<sup>235</sup> Também outro trabalho marcante, realizado pelos leigos da Consolata, no âmbito da assistência social, foi um documentário, sobre a pobreza na aldeia de Empada (Guiné-Bissau), que tinha como objetivo de angariar fundos para ajudar aquele povo local, na sua luta contra a pobreza.<sup>236</sup>

Igualmente, os leigos boa Nova, tinham um projeto no âmbito da assistência social, intitulado, Gotas de vida, em que em que os próprios leigos angariaram fundos

---

<sup>231</sup> Cf. as respostas dadas no anexo 2, pelos entrevistados nr. 3(E), nr.4 (P), e nr. 9(R).

<sup>232</sup>Cf. as respostas dadas no anexo 2, pelos entrevistados, nr. 3(E), nr.9(R), e também no anexo 4 pelo entrevistado, nr. 1(E).

<sup>233</sup> Estes dois testemunhos foram dados pelos leigos (D)e (R), que por razões de privacidade serão assinalados só pelas letras iniciais dos seus nomes. Estes dois entrevistados pertencem aos leigos dos Missionários Passionistas e fizeram a sua experiência missionária em Angola, como atestado no jornal *Voz da Verdade*, acedido a 19 de dezembro de 2021, [www.vozdaverdade.org](http://www.vozdaverdade.org).

<sup>234</sup> É uma pequena aldeia, localizada na Iringa.

<sup>235</sup> Cf. o testemunho dado no anexo 2, pelo entrevistado nr. 4 (P).

<sup>236</sup> Cf. o testemunho dado no anexo 2, pelo entrevistado nr.8 (T).

para construir uma cisterna do povo local de Pemba, em Moçambique. Este projeto ajudou muito o povo local, que andava muitos quilómetros em busca de água potável.<sup>237</sup>

Na mesma linha de assistência social, os Leigos para o desenvolvimento, em colaboração com os institutos locais em São Tomé, que estão encarregues com assuntos ambientais, desenvolveram um projeto de recolha dos Resíduos Sólidos Urbanos no Bairro da Boa Morte. O objetivo era de manter este bairro saudável, com maior qualidade de vida para os seus habitantes.<sup>238</sup>

#### **4.6. Empreendedorismo**

Há leigos que davam aulas sobre o empreendedorismo. Nessas aulas ensinavam ao povo local, a maneira de promover pequenos projetos de microcrédito. Eram também dadas aulas sobre a formação técnico-profissional, e sobre a maneira de criar e gerir atividades económicas em que a comunidade local possa gerir os seus recursos locais, para tornar -se autossuficiente. Graças a estas aulas, a maioria das pessoas mudaram as suas vidas. Em Angola, por exemplo, em Calumbo, as pessoas começaram a criar galinhas, porcos, tudo isso graças as aulas de empreendedorismo.<sup>239</sup>

#### **4.7. Reação da Igreja local diante das atividades realizados pelos leigos em África**

No inquérito que enviei e aos leigos e aos padres missionários que trabalharam com leigos, eles em África, houve diferentes respostas sobre a reação do povo e da Igreja local, diante das atividades, realizadas pelos leigos. Os padres sublinharam que as atividades realizadas pelos leigos, foram bem acolhidas seja por parte da Igreja, que do povo local.<sup>240</sup> Por outro lado, os leigos ficaram divididos: alguns acharam-se sempre foram bem acolhidos,<sup>241</sup> outros destacaram a desconfiança, por parte do povo local.<sup>242</sup>

---

<sup>237</sup> Cf. o testemunho dado pelo coordenador dos leigos de Boa Nova, na entrevista realizada, no dia 22 de março de 2022.

<sup>238</sup> Boletim Informativo-Anual, Leigos para o desenvolvimento: «Missão São Tomé (Reinventar a missão)», acedido a 25 de março de 2022, <https://pontossj.pt/leigos/>.

<sup>239</sup> Cf. o testemunho dado por um padre Passionista, que trabalha em Calumbo (Angola), há mais de dez anos, numa entrevista via zoom, no dia 25 de março de 2022.

<sup>240</sup> Cf. as respostas dadas no anexo 4, pelos entrevistados, nr. 1(S), nr.2 (H) , e nr. 3(L).

<sup>241</sup> Cf. as respostas dadas no anexo 2, pelos entrevistados, nr.1(C), nr.2(M), nr.3(E), nr.4(P), nr.5(G), nr.6(M), nr.7 (J), e nr.8(M).

<sup>242</sup>Cf. a resposta dada no anexo 2, pelo entrevistado, nr. (9).

## **5. Desafios que os leigos europeus vindos de Portugal encontraram em terra de missão (África)**

### **5.1. O problema da língua**

Este foi um dos problemas maiores, especialmente nas regiões do interior onde só uma parte da povoação fala português. Nestes casos torna-se muito difícil para os leigos entrar em contacto com os locais: a barreira da língua condiciona todas as relações.<sup>243</sup>

### **5.2. A crise na vivência comunitária**

Conviver com outros leigos, em comunidade, foi uma outra dificuldade apontada por muito dos leigos interrogados, que nunca se tinham encontrado em contextos de vida comunitário e não se deram bem com falta de privacidade e de autogestão associada a um quotidiano comunitário.<sup>244</sup>

### **5.3. Falta de recursos**

A falta de recursos para realizar muitas das atividades programadas é outro problema maior. Os leigos que estavam a ensinar nas escolas da missão, apontaram por exemplo o facto de que faltavam os livros, para preparar aulas.<sup>245</sup>

### **5.4. A crise cultural**

Os leigos enfrentaram um choque cultural em conhecer culturas novas, para as quais não estavam preparados. Alguns ficaram surpreendidos com algumas das práticas culturais das povoações locais. Todos reconheceram que é muito difícil reconciliar a cultura ocidental com a cultura africana, sendo necessário para alcançar este objetivo um trabalho de décadas.<sup>246</sup>

### **5.5. Insuficiência do prazo de tempo investido na missão**

Vários leigos queixaram-se acerca do tempo da missão, que resultou demasiado curto para desfrutar adequadamente desta experiência.<sup>247</sup>

---

<sup>243</sup> Cf. as respostas dadas no anexo 2, pelo entrevistado, nr.1 (C), nr. 5(G), e nr. 8(T).

<sup>244</sup> Cf. as respostas dadas no anexo 2, pelo entrevistado, nr. 2(M), nr.7(J), e nr.9(R).

<sup>245</sup> Cf. a resposta dada no anexo2, pelo entrevistado nr.9(R).

<sup>246</sup> Cf. a resposta dada no anexo 2, pelo entrevistado, nr.4(P).

<sup>247</sup> Cf. a resposta dadas no anexo 2, pelos entrevistados nr.3 (E) e nr. 5 (G).

## **5.6. Falta de lugares concretos para exercer a sua profissão**

Há um leigo, que queixou que quando estava na missão, não havia espaço para praticar a sua profissão. Ele é Engenheiro do Ambiente e Técnico de Segurança no Trabalho, mas por causa de não haver lugares, para exercer a sua profissão, acabou por fazer trabalhos de pinturas e dar aulas aos alunos.<sup>248</sup>

## **5.7. As sugestões dadas pelos leigos, para melhorar a experiência missionária**

Para melhorar a experiência missionário, os leigos deram as seguintes sugestões,

- i) Preparação. A maioria das respostas dadas pelos leigos, insistem no facto de que os leigos deveriam ser bem preparados no conhecimento da cultura local, e também história dos países para onde vão prestar o seu serviço missionário.<sup>249</sup>
- ii) É preciso levar disponibilidade, abertura, resiliência e humildade e abertura a conhecer a cultura do povo local.<sup>250</sup>

Por parte dos missionários e das missionárias foram dadas as seguintes sugestões para que a experiência missionária seja mais marcante para os leigos:

- i) Os missionários deveriam ser disponíveis para confiar algumas atividades aos leigos, para que os leigos participem ativamente, e assim com as suas próprias qualidades possam as levar adiante com coragem.<sup>251</sup>
- ii) Preparação dos leigos. As respostas dadas pelos missionários insistiram muito no facto de que os leigos, deveriam ter uma preparação adequada<sup>252</sup>. A preparação consiste em ajudar os leigos a perceberem bem a realidade que vão encontrar, em todas as suas dimensões, assim como os aspetos espirituais e pastorais.<sup>253</sup>
- iii) Os leigos devem tomar cautela em não criar estruturas e exigências de acordo com o padrão europeu.<sup>254</sup>

---

<sup>248</sup> Cf. a resposta dada no anexo 4, pelo entrevistado nr.5 (G).

<sup>249</sup> Cf. as respostas dadas no anexo 2, pelos entrevistados nr.3(E), nr.5 (G), e nr.8(M).

<sup>250</sup> Cf. as respostas dadas no anexo 2, pelo entrevistado nr.1 (C), nr.2(M), e nr.8 (M).

<sup>251</sup> Cf. as respostas dadas no anexo 4, pelo entrevistado nr.1(S) e nr.2(H)

<sup>252</sup> Cf. as respostas dadas no anexo 4, pelos entrevistados nr.1(S), e nr. 2( H).

<sup>253</sup> Cf. a resposta dada no anexo 4, pelo entrevistado nr 1(S).

<sup>254</sup> Cf. a resposta dada no anexo 4, pelo entrevistado nr. 2(H).

## **6. Aspetos comuns dos movimentos de leigos**

### **6.1. Carisma**

Cada movimento de leigos apresentado no quadro identifica-se com o carisma, da sua congregação. No inquérito enviado a leigos de diferentes congregações sobre os motivos que os levaram a abraçar a missão em África, a maioria identificou o fator principal no carisma da própria congregação.<sup>255</sup>

### **6.2. Espírito de caridade**

Todos os movimentos de leigos que estiveram em missão em África identificaram outro motivo na vontade de viver o espírito de caridade. A suprema regra de vida dos Leigos para o Desenvolvimento, por exemplo, é a «lei da caridade e do amor supremo que o Espírito Santo escreve e imprime nos nossos corações»<sup>256</sup>. Por outro lado, mesmo os leigos que nunca se deslocaram para África, disseram que angariariam fundos para ajudar vários projetos em África, sendo igualmente motivados pelo espírito de caridade.<sup>257</sup>

### **6.3. O Espírito evangélico**

Todos os movimentos dos leigos são motivados pelo espírito evangélico. Como batizados, todos os leigos estão enviados para anunciar e testemunhar o reino de Deus, que é um reino de paz, amor, e justiça, entre os homens. Como batizados, todos os leigos estão enviados para anunciar e testemunhar o reino de Deus, que é um reino de paz, amor, e justiça, entre os homens. Sendo assim uns leigos motivando pelo este espírito evangélico, decidiram de ir para África para prestar o seu serviço missionário em África.<sup>258</sup>

## **7. As diferenças que existem entre estes movimentos de leigos**

### **7.1. A formação**

Cada movimento de leigo tem a sua própria formação. Antes de partir para a missão, os leigos devem fazer um período que pode durar de alguns meses a um ano. Os

---

<sup>255</sup> As respostas dadas no anexo 2, pelo entrevistado nr.3(E), nr.4(P),e nr. 8(M).

<sup>256</sup> Maria Inês Amaro e Catarina Batista, *Vidas de Missão: 25 anos de voluntariado dos Leigos para o Desenvolvimento* (Lisboa: Universidade Católica Editora 2012), 25.

<sup>257</sup> As respostas dadas pelos leigos missionários de São João Baptista, na entrevista por telemóvel no dia 27 de março de 2022.

<sup>258</sup> As respostas dadas no anexo 2 pelo entrevistado nr.1(C),e nr. 3(E).

Leigos para o desenvolvimento levam por exemplo um ano de formação, enquanto os leigos missionários da Consolata preparam-se ao longo de alguns meses. Os Jovens sem fronteiras levam uns seis meses antes de partir para a missão.

## **7.2. Membros**

Cada movimento de leigos, tem critérios diferentes de admitir os seus membros. Alguns movimentos só admitem os profissionais, outros admitem qualquer membro sem critério nenhum, focando exclusivamente a disponibilidade para servir a missão.

## **7.3. Jornal**

Alguns dos movimentos de leigos apresentados têm o seu próprio jornal para divulgar as atividades missionárias realizadas em África, enquanto outros movimentos não têm nenhuma publicação. Por exemplo, os leigos missionários Combonianos, tem o seu jornal que se chama *Além-Mar*, e os Dehonianos, que chama se *Cooperadores Dehonianos*.

## **7.4. Missão**

Em relação à missão, distinguir duas categorias: há movimentos cujos membros tanto podem fazer experiência missionária em Africa como prestar o seu serviço em Portugal. Há outros movimentos que, pelo contrário, são vocacionados só para prestar o seu serviço à Igreja local de Portugal.

Agora vejamos os movimentos de leigos que trabalham em África, mas ao mesmo têm alguns projetos em Portugal.

Os Leigos para o desenvolvimento realizam a sua missão somente em África, nos países lusófonos, como São Tomé e Angola. Eles desenvolvem vários projetos também em Portugal. Durante a pandemia, por exemplo, os Leigos para o desenvolvimento envolveram se na missão de Caparica- Pragal, onde, em colaboração com instituições locais, apoiaram as famílias mais carenciadas do território, com distribuição de alimentos e entregas ao domicílio<sup>259</sup>. Além disso, outros leigos prestaram o seu serviço nos lares de

---

<sup>259</sup> Boletim Informativo -Anual, Leigos para o desenvolvimento: «Missão Portugal(Parar não foi opção)». <https://pontosj.pt> › leigos.

idosos e com os jovens da Aldeia São José de Alcalar, em Portimão; da Casa de Saúde da Idanha, em Belas; e do Centro de Recuperação de Menores, em Portalegre.<sup>260</sup>

Os leigos Missionários Combonianos, em Portugal, abriram uma nova missão em Fetais Camarate, onde, em colaboração com a Associação Despertar, criada pela Família dos Combonianos, estão empenhados em ajudar as famílias de imigrantes, que chegam a Portugal. Os leigos dão aulas de português, e ajudam a finalizar o processo de legalização dos imigrantes na sociedade portuguesa,<sup>261</sup> Estes leigos Missionários Combonianos fazem a sua experiência missionária também em África, em países como a Etiópia, e República Centro- Africana.

Os leigos Missionários da Consolata, podem fazer a sua experiência missionária em qualquer país africano, especialmente onde há missões dos missionários da Consolata. Além de África, eles estão ativos também em América latina. Em 2020, os leigos missionários da Consolata, queriam fazer uma experiência missionária entre os indígenas da Amazônia (Brasil), mas este projeto não foi realizado por causa do Covid-19. Os missionários da Consolata têm uma fundação (Allamano),<sup>262</sup> em Portugal cujos membros, leigos fazem o trabalho de acolher os refugiados vindos de África, Asia, e recentemente, de Ucrânia. Além disso outra missão que os leigos os Missionários da Consolata, estão a fazer em Portugal, é projeto de Costura para apoiar os mais vulneráveis, que esta realizado no Bairro de Zambujal, que é localizado na periferia de Lisboa. Esta missão tem sido, um grande ajuda para as pessoas, que estão a tirar este curso de Costura. Mas também a quantia recebida depois de vender os produtos de costura, é também enviado para financiar os estudos, dos estudantes em moçambique e cabo verde.<sup>263</sup>

Por fim, vejamos os movimentos de leigos, que são vocacionados ao serviço da Igreja particular de Portugal e não saem do país.

É este o caso do Movimento Apostólico de Schoenstatt, do Apostolado da Misericórdia, dos leigos Filhos da caridade, da Associação Maria Rainha dos Corações, dos leigos Maristas, e dos leigos do Preciosíssimo Sangue. Estes movimentos, servem a

---

<sup>260</sup> Boletim Informativo-Anual, leigos para o desenvolvimento: «A Pandemia que nos fez Travar a fundo» <https://pontos.pt/leigos>

<sup>261</sup> Leigos Missionários Combonianos, «Uma Nova Missão em Portugal, acedido a 26 de março de 2022, <https://leigos.missionarios.combonianos.blogspot.com>

<sup>262</sup> José Allamano é o fundador dos Missionários da Consolata. Nasceu em 21 de janeiro de 1851, em Castelnuovo (Itália). Fundou o Instituto Missionários da Consolata em 29 de janeiro de 1901.

<sup>263</sup> Juliana Batista, «Projeto de Costura, apoia os mais vulneráveis em Portugal e além-fronteiras», acedido a 2 de abril de 2022, <https://www.consolata.pt>.

Igreja particular em muitos aspetos, como na catequese, no acompanhamento musical da liturgia, e na formação cristã. Outros fazem angariação dos fundos para apoiar as missões, sem que os próprios leigos tomem a iniciativa de ir para a terra da missão. Os leigos Maristas, por exemplo, normalmente angariam fundos, para ajudar os estudantes que estão em ambiente desfavorecido, especialmente nos países mais pobres. A mesma coisa acontece com os leigos de São Baptista, que se empenham em angariar os fundos para financiar os estudos dos jovens nas missões de Nampula, Lapala, Ribaué e Gilé, em Moçambique.<sup>264</sup>

### **7.5. Projetos**

Há movimentos de leigos que realizam projetos de longa duração. É este o caso, por exemplo, dos leigos para o desenvolvimento. Por outro lado, há movimentos de leigos, que têm projetos de curta duração, de um mês. Reste o caso dos leigos Capuchinos, que tiveram um projeto de curta duração para a construção de uma capela em Timor.

### **7.6. Parceria**

Alguns dos movimentos de leigos apresentados têm parceira com diferentes organizações e são bem reconhecidos a nível nacional. Estas parceiras ajudam e viabilizam as atividades, desenvolvidas. Os Leigos para o desenvolvimento têm por exemplo parceiras com o a União Europeia, Fundo Asilo Migração Integração, República Portuguesa e pelo Instituto Camões da Cooperação e da língua. Igualmente, o voluntariado Passionista, tem uma parceira com Rosto Solidário, que apoia diferentes projetos, realizados pelos voluntariados em terra de missão.

---

<sup>264</sup> Cf. o testemunho dado pelo coordenador dos leigos de São João Baptista, na entrevista via zoom no dia 20 de março de 2022.

## CONCLUSÃO GERAL

Em conclusão deste trabalho, é oportuno recapitular os passos feitos para responder à questão central nele abordada: “que tipo de envolvimento têm os leigos das Congregações religiosas masculinas na atividade de missionação em África hoje e como aí se chegou, enquanto resultado das mudanças trazidas pelo II Concílio do Vaticano?”

No Capítulo 1 apresentei os documentos saídos do II Concílio do Vaticano em que é exposto o ensino da Igreja sobre o apostolado dos leigos: a *Lumen Gentium*, a *Gaudium et Spes* e o decreto *Apostolicam Actuositatem*; e a encíclica de João Paulo II *Christifideles Laici*. Procurei mostrar como estes textos promovem uma autêntica renovação do apostolado dos leigos. No mesmo capítulo discuti a questão do desenvolvimento e da independência dos povos em África, na perspetiva do pensamento social católico. Para aprofundar estes dois assuntos, apresentei uma leitura das encíclicas do pós-concílio, em que é afirmado claramente que estes dois elementos fazem parte da missão da Igreja, no seu trabalho de promoção humana. Também discuti a questão de teologia africana, ilustrando as suas várias fases e realçando lugar da teologia africana na Igreja Universal.

No Capítulo 2 procurei reconstruir alguns momentos mais significativos da relação entre Igreja Católica em Portugal e a missionação em África. Apresentei o Acordo Missionário de 1940 como um elemento importante que influenciou muito as atividades religiosas das Congregações no espaço colonial ultramarino, de modo particular em África. Analisei, a seguir, a encíclica *Fidei Donum* de 1957, mostrando a sua influência na promoção da missionação em África, realçando em particular o caso da Ação Católica Portuguesa, que foi influenciada muito pela mensagem desta encíclica. Por outro lado, apresentei o impacto do II Concílio do Vaticano e o seu papel em relação a uma nova visão da missão, numa perspetiva mais universal e descomprometido de uma mentalidade imperial e nacionalista nos territórios coloniais portugueses em África. Analisei o impacto da independência dos países africanos, em particular o caso de Moçambique, em 1975, nas atividades da missionação portuguesa. No mesmo capítulo apresentei a reação das Congregações diante destas mudanças políticas. Em conclusão do capítulo, discuti os desafios da missionação hoje em África.

No Capítulo 3 apresentei o papel dos movimentos de leigos na missão em África. Ilustrei a sua identidade geral, a sua associação às Congregações religiosas, impulsionadoras destes movimentos de leigos, analisei as atividades realizadas pelos

leigos em África, e por fim as diferenças e as semelhanças que existem entre os vários movimentos de leigos.

Após apresentar o esquema do meu trabalho, irei agora ilustrar os pontos fortes de cada capítulo.

No Capítulo 1 as conclusões fundamentais que podemos tirar são seguintes:

A figura dos leigos foi valorizada pelos documentos do II Concílio do Vaticano, que promoveram uma renovação profunda do apostolado dos leigos, ao valorizar o batismo como um elemento-chave que confere o acesso a todos os crentes à participação plena na vida e missão da Igreja. Por outro lado, a noção de Povo de Deus surgiu como uma nova expressão, funcional ao desmantelamento da noção tradicional de Igreja como pirâmide, com o Papa e a hierarquia em cima e o povo de Deus no fundo, com os leigos como membros passivos, autorizados apenas a receberem as instruções dos seus pastores. Com esta nova expressão de Povo de Deus, todos os fiéis batizados têm direito de interrogar, interpretar, participar nos diferentes assuntos relativos à missão evangelizadora da Igreja. Por outro lado, esta expressão recorda à Igreja que está ao serviço de toda a humanidade. Isto é também atualmente evidente com o processo sinodal em curso, que será concluído em 2023, para o qual o Papa Francisco convidou todo o Povo de Deus, envolvendo todos neste processo e garantindo assim que as vozes dos fiéis leigos sejam ouvidas.

A Igreja está em solidariedade com os últimos. Isso torna-se evidente a partir das questões da independência política e do desenvolvimento económico e social dos povos mais pobres. Estes dois assuntos foram abordados em modo particular em relação aos países africanos. A Igreja católica, na sua prudência tem sido protagonista na condenação de todas as formas de exploração e neocolonialismo dos países em desenvolvimento. A Igreja procura assim ser fiel aos ensinamentos do seu Mestre Cristo, que estava sempre a condenar todas as formas de exploração e a mostrar a sua solidariedade com excluídos. Isso é evidente a partir dos Evangelhos, (por exemplo Mt.10, 34 e Lc.4, 18-20). Sendo assim, a Igreja do pós-Concílio colocou-se na linha da frente na defesa do direito dos povos em vias de desenvolvimento no seu processo de independência económica e política. Com sublinhou o documento *Gaudium et Spes*:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as

esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história. (GS 1)

Um último elemento importante realçado neste capítulo é a valorização da teologia africana. O II Concílio do Vaticano abriu o espaço da Igreja, para que ela entrasse em contato com o mundo moderno na sua diversidade. Sendo assim, a Igreja decidiu valorizar o lugar de teologia africana, conforme sublinhado pelo papa Paulo VI na sua deslocação ao Uganda, em 1969. Isto ajudou à penetração da mensagem evangélica na mente e no coração dos africanos.

As conclusões essenciais do Capítulo 2 são as seguintes:

O Acordo Missionário criou as condições para que a Igreja Católica em Portugal pudesse exercer as suas atividades religiosas nos territórios ultramarinos. Isso contribuiu, em particular, para que as Congregações religiosas em Portugal tivessem mais espaço e condições materiais para levar em frente as suas atividades de missionação em África.

A *Fidei Donum* (1957) foi uma encíclica que produziu uma viragem enorme na missionação em África. Além desta encíclica, tiveram um forte impacto também a *Maximum illud* (1919) e a *Rerum ecclesiae* (1926), duas encíclicas que, sem abordar exclusivamente a problemática africana, valorizavam o trabalho já feito pelas muitas missões religiosas nos continentes africanos e asiático, chamando a atenção para a necessidade de formação de um clero indígena e de uma Igreja local. Concentrei-me na *Fidei Donum*, escrito no final do pontificado do papa Pio XII, que mais diretamente animou o espírito missionário entre os portugueses no período pré-conciliar, em modo particular a Acção Católica Portuguesa.

Um progresso fundamental foi o abandono da visão colonialista que via a missão evangelizadora da Igreja como indissociável da ação civilizadora de Portugal. Esta viragem deve-se antes de mais ao impacto do II Concílio do Vaticano, que levou a repudiar a visão ainda prevalente no Acordo Missionário, que sublinhava as missões como alto valor educativo, civilizador e patriótico. Com o Concílio, sublinhou-se claramente que a missionação é aquela que identifica a Igreja universal como uma comunidade chamada a testemunhar os mistérios pascais de Jesus Cristo, isto quer dizer a sua paixão, morte e ressurreição. Sendo assim, tornava-se necessário tirar a roupagem

ocidental, porque o processo de evangelização não se identifica com nenhuma cultura, mas deve incarnar-se em todas, criando assim as condições para que a mensagem evangélica penetre em qualquer realidade social e cultural.

Repensar as formas da evangelização e criar novas maneiras de anunciar a Palavra de Deus teve um grande impacto sobre as atividades de missionação portuguesa em África após independência. Assim, a maioria das Congregações começou a envolver os leigos na evangelização, nomeadamente através para mostrar às autoridades dos governos locais que a presença de Congregações religiosas masculinas não era uma presença colonial, mas uma forma de continuar a testemunhar o reino de Deus junto dos povos africanos.

Uma curta análise da situação atual dos desafios na missionação em África mostra claramente que é preciso continuar a evangelizar o continente africano.

As conclusões mais importantes do Capítulo 3 são as seguintes:

A presença dos movimentos de leigos na Igreja é o sinal vivo da presença do Espírito Santo. Os discursos dirigidos a estes movimentos pelos Papas, brevemente analisados neste capítulo, afirmam claramente que a sua presença na Igreja é fruto do próprio Espírito Santo. No entanto, todos os Papas insistem no facto que estes movimentos devem ser fiéis aos seus carismas e também manter-se em comunhão com a Igreja local e universal.

O envolvimento dos leigos em diferentes atividades de missionação em África levanta questões novas. Hoje, os movimentos de leigos que partem de Portugal participam plenamente nas atividades de missão em África, enquanto antigamente as atividades de missionação eram realizadas apenas pelos religiosos em missão. O próprio envolvimento dos leigos oriundos das Igrejas locais é uma questão em aberto, que merece investigação e análise próprias pelas Congregações religiosas masculinas.

Também o enfoque da missão hoje é diferente do que foi no passado. Os leigos que participam na missão são aqueles que estão a saborear os frutos do Concílio, que enfatizou que a Igreja não deveria fechar-se em si mesma, mas sair ao encontro do ser humano na sua realidade existencial. Esta atitude da Igreja em saída está testemunhada pelos leigos vindos de Portugal, ligados às suas próprias Congregações masculinas, que vão em encontro para dispor os seus talentos ao serviço dos mais carenciados, no setor da saúde, da educação e da assistência social.

Por fim, e de modo a responder à pergunta principal que guia esta dissertação, procurei ilustrar as atividades exercidas pelos leigos concretamente nos setores da saúde, da educação, da assistência social, mostrando que a sua presença no continente africano é uma grande bênção, especialmente para aqueles setores da população que podem fruir do serviço destes leigos. De que modo o trabalho de envolvimento dos leigos na missão, através do serviço nos diferentes continentes, está a mudar a sua vida, atendendo sobretudo ao facto de serem gente jovem, em pleno processo de formação? Que consequências este envolvimento terá no futuro das Igrejas em Portugal e em África? São outras tantas questões a exigir reflexão e investigação futura por parte das Congregações religiosas masculinas envolvidas neste trabalho.

## BIBLIOGRAFIA GERAL

### 1- DOCUMENTOS DO II CONCÍLIO VATICANO

Constituição Dogmático *Lumen Gentium*. Acedido a 12 de setembro de 2021.

[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_en.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_en.html)

Constituição Dogmático *Gaudium et Spes*. Acedido a 14 de setembro de 2021.

[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_en.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_en.html)

Decreto *Apostolicam Actuositatem*. Acedido a 17 de setembro de 2021.

[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651118\\_apostolicam-actuositatem\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html)

Decreto *Unitatis Redintegratio*. Acedido a 3 de março de 2022.

[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19641121\\_unitatis-redintegratio\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html)

### II- ENCÍCLICAS PAPAIS

Papa Francisco. *Fratelli Tutti, Carta Encíclica, sobre a Fraternidade e a Amizade Social*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticano, Secretariado-Geral do Episcopado, 2020.

João Paulo II. *Slavorum Apostoli*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticano, 1985.

João Paulo II. *Sollicitudo Rei Socialis*. Prior Velho: Paulinas Editora, 1987.

João Paulo II. *Exortação Apostólica. Pós-Sinodal Christifideles laici*. Lisboa: Paulistas, 1989.

John Paulo II. *Redemptoris Missio*. Lisboa: Eds. Paulistas, 1991.

João Paulo II. *Centessimus annus*. Prior Velho : Paulinas Editora, 1991.

João XXIII. Carta encíclica *Mater et Magistra*. Lisboa: União Gráfica, 1961.

João XXIII. Carta encíclica *Pacem in Terris*. Lisboa: União Gráfica, 1963.

Pio XII. Carta Encíclica *Fidei Donum*. Petrópolis ( etc: Vozes) , 1957.

Paulo VI. Carta Encíclica *Populorum Progressio*. Prior Velho: Paulinas Editora, 1967.

Paulo VI. Exortação apostólica Pós sinodal *Evangelii Nuntiandi*. Lisboa: Secretariado-Geral do Episcopado, 1976.

### III) OUTROS DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

Martino, Renato Raffaele. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja Católica*, Pontifício Conselho «Justiça e Paz» 2004. Acedido a 10 de abril de 2022.

[https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html).

Papa Paulo VI. «Discurso aos participantes de 1ª assembleia nacional da Ação Católica Italiana». Acedido a 27 de março de 2022.

[http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19781230\\_azione-cattolica-ital.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf_jp-ii_spe_19781230_azione-cattolica-ital.html).

Papa Paulo II. « Mensagem aos participantes no congresso mundial dos movimentos eclesiais promovido pelo Pontifício Conselho para os leigos». Acedido a 27 de março de 2022.

[www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speech/1998/may/documentos/ht-jpii-spe-19980527-movimentos.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speech/1998/may/documentos/ht-jpii-spe-19980527-movimentos.html).

Papa Bento XVI. «Discurso aos Bispos de Portugal», na viagem apostólica a Portugal no 10º aniversário da beatificação de Jacinta e Francisco, pastorinhos de Fátima. Acedido a 26 de março de 2022.

[http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20100513\\_vescovi-portogallo.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20100513_vescovi-portogallo.html).

Papa Bento XVI. «Discurso aos participantes à peregrinação promovida pela Fraternidade Comunhão e Libertação». Acedido a 26 de março de 2022.

<https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/march/documentos/>

Papa Francisco. «Discurso aos participantes no IIIª Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e das novas comunidades». Acedido a 27 de março de 2022.

[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/Speeches/2014/november/documentos/papa-francesco-2014\\_1122-convegno-moviments\\_Ecclesiali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/Speeches/2014/november/documentos/papa-francesco-2014_1122-convegno-moviments_Ecclesiali.html).

Papa Francisco. «Discurso aos participantes do encontro com os moderadores de associações de fiéis, movimentos eclesiais, e novas comunidades». Acedido 27 de março de 2022.

<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-09/papa-francisco-audiencia-movimentos-ecclesiais-novas-comunidades.html>.

SÍNODO DOS BISPOS, A Justiça no Mundo. Roma, 1971. Acedido a 24 de março de 2022.

[https://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_19711130\\_giustizia\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_19711130_giustizia_po.html).

#### IV) BIBLIOGRAFIA SOBRE OS LEIGOS

Amaro, Maria Inês, e Batista Catarina. *Vidas de missão: 25 anos de Voluntariado dos Leigos para o Desenvolvimento*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2012.

Brito, Enio José da Costa. *O leigo cristão no mundo e na Igreja: Estudo teológico-pastoral sobre o pensamento de Yves Congar*. São Paulo : Loyola, 1980.

Boletim Informativo-Anual Leigos para o desenvolvimento:

.....«Missão São Tomé (Reinventar a missão)».

-----«A Missão Portugal (Parar não foi opção)».

-----«A Pandemia que nos fez travar o fundo».

Acedido a 25 de março de 2022.

<https://pontosj.pt > leigos>

Pereira, Teresa Maria Leal de Assunção Martinho. *A questão da identidade laical à Luz da “Lumen Gentium” e dos desenvolvimentos pós-conciliares*. Lisboa: Rei dos livros, 1990.

Policarpo, José da Cruz. «Leigos na Igreja e no mundo». Em *Igreja é uma paixão*, 52-76. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003.

Leigos Missionários Combonianos. «Uma Nova Missão em Portugal». Acedido a 26 de março de 2022.

<https://leigosmissionarioscombonianos.blogs.sapo.pt>

Turbanti, Giovanni. «A autonomia dos leigos da Lumen à Gaudium et spes». Em *Os leigos depois do Concílio: A identidade e a missão dos cristãos*, editado por Cettina Militello, 12-51. Prior Velho: Paulinas Editora, 2012.

Torres, Fernando Alberto Abreu. *A missão dos leigos na Igreja: O Renovamento Carismático Católico*. Braga: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia, 2015. Acedido a 20 de fevereiro de 2022.

<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/19894/1/>

## V) BIBLIOGRAFIA SOBRE ÁFRICA E TEOLOGIA AFRICANA

Antunes, Diamantino Guapo. *Os Missionários da Consolata em Moçambique 75 anos de evangelização ao serviço da Igreja local (1925-2000)*. Roma: Edizioni Missioni Consolata, 2000.

Baur, John. *2000 anos de Cristianismo em África: Uma história da Igreja Africana*. Lisboa: Paulinas Editoras, 2002.

Falcão, Manuel. «Missões Africanas ordem do dia». Boletim de Informação Pastoral nº1 (1959) :33-40.

[https://www.snpcultura.org/d\\_manuel\\_falcao\\_um\\_bispo\\_da\\_cultura.html](https://www.snpcultura.org/d_manuel_falcao_um_bispo_da_cultura.html)

Henderson, Lawrence W. *A Igreja em Angola*. Lisboa: Editorial Além-Mar, 1990.

Tanga, Lino. *O impacto da Concordata e do Acordo Missionário em Angola ( 1940-1975)*.Lisboa: Universidade Católica Portuguesa 2012. Acedido a 10 de fevereiro de 2022.

<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/19894/1/>

Mana, Kâ. *Christ d'Afrique. Enjeux éthiques de la foi africaine en Jésus-Christ*. Paris Karthala, 1994.

Mulamba, Paulino Mulamb'a. *O itinerário da inculturação no pensamento teológico Africano: Avilação e Perspectivas*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2007. Acedido a 3 de março de 2022.

<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/19894/1/>

Messias, Lázaro. *Para uma Teologia Africana. Missionação e Inculturação na África Lusófona*. Lisboa: Edição de Livros e Revistas, 2008 .

Nunes, José. «As sucessivas teologias da missão e a Nova Evangelização em África», Em CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA MISSIONAÇÃO DE CULTURAS, Actas, 4 vol. IV, 477-487. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 1993.

Pedro, Albano. «A Ação Missionária», *Portugal em África*, n.º2 Vol. XXI (1964): 22-34.

<http://memoria-africa.ua.pt > Catalog>

Rato, Raul Fernando Miguéis Moreira. *A Igreja e o Terceiro Mundo*. Maia: Castoliva Editora, 1986.

## VI) BIBLIOGRAFIA SOBRE A IGREJA E AS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS EM PORTUGAL

Anuário Católico de Portugal 2016. Lisboa: Secretariado-Geral do Episcopado. Acedido a 9 de abril de 2022.

<http://www.anuariocatolicoportugal.net/>

Antunes, Manuel Luís Marinho. «Movimentos no pós-concílio : Anotações Sociológicas», Em *Communio Revista Internacional Católica* VIII, n.º1 (março 1991): 21-31. Acedido a 15 de abril de 2022.

<http://www.revistacommunio.com>

Carriquiry, Guzman. «Los movimientos eclesiales en el contexto religioso y cultural actual». Em *Los movimientos eclesiales en la solitudine pastoral de los bispos*, Ciudad Del Vaticano, 2000.

Fontes, Paulo F. Oliveira. «A Ação Católica Portuguesa e a problemática missionária (1940-1974)». Em CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, *Missionação portuguesa e encontro de culturas. Crisandade portuguesa até ao Século XV Evangelização interna, ilhas atlânticas e África Ocidental*, vol. I 412-451. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 1993.

Franco, António Sousa. *Concordata Santa Sé- Portugal*. 18 de maio 2004 e 7 de maio 1940. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Instituto Superior de Direito Canónico, 2005.

Fontes, Paulo F. Oliveira. «Movimentos eclesiais contemporâneos (séculos XIX-XX)». Em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Dir. de Carlos M. Azevedo. Vol. 4, 460-469. Lisboa: Círculo de leitores, 2001.

Gonçalves, Nuno da Silva. «A dimensão missionária do Catolicismo português». Em *História Religiosa de Portugal* Vol. 3, 353-397. Círculo de leitores, 2002.

Lima, José da Silva. «Actualidade da questão missionária. O exemplo da emigração europeia», Em CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, *Missionação Portuguesa e encontro de culturas, Actas: Missionação Problemática Geral e Sociedade Contemporânea* Vol. IV, 254-267. Braga : Universidade Católica, 1993.

Ninhos, Cláudia. *A História do Instituto Missionária da Consolata*. Manuscrito no prelo.

Mulamba, Mulamba Paulino. *O fenómeno dos “novos movimentos de apostolado” fundados em Cabinda perante os novos desafios da inculturação. Uma abordagem teológico- pastoral*. Universidade Católica Portuguesa, 2015. Acedido a 19 de março 2022.  
<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/19894/1/>

Neiva, Adélio Torres Neiva. «Acordo Missionário». Em Azevedo, Carlos Moreira, dir. *Dicionário de história religiosa de Portugal*, 19-20 Lisboa: Círculo de leitores, 2000.

Pinho, José Eduardo Borges. «Força e Fraqueza dos movimentos na Igreja Força e Fraqueza dos movimentos na Igreja», Em *Communio, Revista Internacional Católica VIII*», n.º1 (março 1991): 46-55.

<http://www.revistacommunio.com/>

Policarpo, José da Cruz. «Critérios de eclesial idade para as associações laicais»  
Em *Communio, Revista Internacional Católica VIII*, n° 1 (março 1991):32-37.

<http://www.revistacommunio.com/>

## **ANEXO 1: INQUÉRITO**

1. *Qual é a sua idade atual?*
2. *Em que período realizou a sua missão em África e em que país fez esta experiência missionária?*
3. *Descreva as razões que a motivaram a fazer esta experiência missionária em África.*
4. *Com que idade começou a pensar em fazer uma experiência missionária em África?*
5. *Quais foram as reações dos seus familiares mais próximos quando lhes disse que ia fazer uma experiência missionária em África?*
6. *Quais eram as preocupações e as expectativas que tinha antes de partir para a missão?*
7. *Quais foram os desafios com que se deparou em terra da missão e em que país fez esta experiência missionária?*
8. *Descreva as reações da população local perante a sua presença e as suas atividades em terra de missão*
9. *Quais atividades gostou mais de realizar quando estava em terra de missão?*
10. *De que sentiu a falta e o que deveria ser melhorado para que esta experiência missionária seja mais produtiva?*
11. *Qual foi a reação da Igreja local perante as atividades que fez naquela terra?*
12. *O que sugeria aos voluntários que partem para as terras de missão, tendo em conta as dificuldades atuais? O que devem levar quando estiverem no terreno?*

**ANEXO 2 : RESPOSTAS AO INQUÉRITO**  
**ENTREVISTADO nr.1 ( C )** <sup>265</sup>

1) *Qual é a sua idade atual?*

49 anos.

2) *Em que período realizou a sua missão em África ?*

Eu fiz apenas pequenas missões. Estive na Guiné-Bissau – em agosto de 1997. visitei a missão de Surumu em agosto de 1999, pois seria a missão que eu e o meu marido iríamos por dois anos, no ano seguinte. Infelizmente, devido a problemas meus de saúde, não podemos fazê-lo. Estivemos em Moçambique em agosto de 2002. Eu mais a cuidar do meu filho de 8 meses, mas o meu marido ajudou na eletrificação de um dormitório da escola de Mapinhane.

3) *Descreva as razões que a motivaram a fazer esta experiência missionária em África.*

Não é só a experiência missionária, mas o desejo de viver segundo Cristo, em comunidade. Como disse, embora tenha ido um mês para a Guiné, estava a programar os meus dois anos de laicado no Brasil, juntos dos povos indígenas. Estive em Portugal a liderar um Movimento de Apoio e Defesa dos Povos Indígenas do Roraima, para tentar chamar a atenção do nosso país, sobre a dificuldade de autoafirmação destes povos. Mostra-lhes que outros estão a ver que os seus direitos lhes estão a ser negados era para mim uma motivação fortíssima, alimentada pelo desejo de justiça e igualdade. Também aqui o Pe. Frazão<sup>266</sup> foi um testemunho fantástico, quando numa partilha disse que no Roraima, não se podia estar em cima do muro, inevitavelmente se caía para o lado da defesa dos Índios. A ir para a Guiné, a minha primeira experiência de missão, fui levada pelo sonho de conhecer a atividade missionária na primeira pessoa e em comunidade. Eramos 12, como os apóstolos. Zangávamo-nos, discutíamos, mas percebíamos que viver em comunidade é isto. Foi muito rico.

4) *Com que idade começou a pensar em fazer uma experiência missionária em África?*

---

<sup>265</sup> Por razões de privacidade, os leigos entrevistados são assinalados apenas pela inicial do nome.

<sup>266</sup> É um Padre Missionário da Consolata, que trabalhou há muito tempo em Roraima (Brasil).

Na minha comunidade, – Linhó, celebravam sempre os missionários da Consolata e, desde sempre, quando cantávamos as músicas de envio (sempre gostei de cantar) percebia que era aquilo que gostaria de fazer. Sentia algo, não sei explicar bem o quê. Acho que as viagens de verão feitas com os meus pais, pela Europa, quando era mais nova, para conhecer novas realidades (na altura Portugal era bem diferente da Europa central) sempre me motivou a encontrar-me com outros povos, a perceber como vivem...

5) *Quais foram as reações dos seus familiares mais próximos quando lhes disse que ia fazer uma experiência missionária em África?*

Ficaram contentes, ainda para mais perceberam que estava bem acompanhada. Mesmo quando planeava ir dois anos, quer pelo meu dador de trabalho, quer pelo do meu marido, o pedido foi muito bem acolhido.

6) *Quais eram as preocupações e as expectativas que tinha antes de partir para a missão?*

Nem sei bem. Expectativas – poder viver nesta nova realidade, sem ferir a cultura local. Claro que da primeira vez, a preocupação da malária era muito grande.

7) *Quais foram os desafios com que se deparou em terra e em que país fez esta experiência missionária?*

Penso muito na Guiné. Aqui um grande desafio foi a língua, pois em Empada, onde estive, não se falava português. Depois custou-me muito o facto de pedirem-nos as roupas, os brincos... era tão estranho. Isso incomodou-me. Outro desafio era sempre de perceber se estava a fazer o melhor, se estava a ser uma verdadeira testemunha.

8) *Descreva as reações da população local perante a sua presença e as suas atividades em terra de missão?*

As reações foram muito boas, pois estávamos com as Irmãs da Consolata que conheciam muito bem a realidade.

9) *Quais atividades gostou mais de realizar quando estava em terra de missão?*

Na Guiné estive a ajudar na reconstrução de uma escola, a pintar a escola. Trabalhámos com os professores de matemática, fizemos um curso de catequistas e começamos a projetar com os professores a construção de uma biblioteca. Era algo que iríamos continuar no ano seguinte, mas o início da guerra impediu isso.

10) De que sentiu a falta e o que deveria ser melhorado para que esta experiência missionária seja mais produtiva?

Não consigo mesmo dizer, pois acho que nada é perfeito e estamos sempre em caminho. Tudo o que vivemos foi muito importante, mas foi muito trabalhado antes. Tivemos um ano de preparação intensa, sobretudo interior e de relação.

*11) Qual foi a reação da Igreja local perante as atividades que fez naquela terra?*

Tudo foi feito em articulação. Visitámos padres, irmãs e outras comunidades. Assim como o bispo.

*12) O que sugeria aos voluntários que partem para as terras de missão, tendo em conta as dificuldades atuais? O que devem levar ou fazer quando estiverem no terreno?*

Acho que, acima de tudo, ao partir deve-se ir disponível a escutar, a conhecer, disponível para dialogar com os outros. Só assim, poderemos perceber bem o melhor a fazer. E, por isso, não achar que nós é que sabemos, que nós é que podemos, que nós é que conseguimos. A oração é fundamental para que consigamos fazer o que Deus quer e, se a fizermos em comunidade, melhor ainda. Conhecer os nossos limites e os de quem está connosco é fundamental para se ser uma verdadeira testemunha. Prepararmo-nos interiormente e na relação com quem vamos viver é fundamental. Tudo o resto vem por acréscimo.

## ENTREVISTADO NR.2 (M)

1) *Qual é a sua idade atual?*

52 anos.

2) *Em que período realizou a sua missão em África ?*

Em São Tomé e Príncipe entre 1996/97.

3) *Descreva as razões que o motivaram a fazer esta experiência missionário em África.*

Sempre quis partir para países com desenvolvimento económico e social diferente do meu e fazer aí voluntariado, que já fazia em Portugal.

4) *Com que idade começou a pensar em fazer uma experiência missionária em África?*

Desde muito nova, com dez, -onze anos já eu pensava em partir para países mais pobres.

5) *O que a motivou para entrar aos leigos para o desenvolvimento ?*

Enquanto estudava em Coimbra, conheci, a partir do CUMN, os Leigos, e para mim, católica, fazia todo o sentido o seu ideário.

6) *Quais foram as reações dos seus familiares mais próximos quando lhe disse que ia fazer uma experiência missionária em África?*

Acharam muito natural, já que desde sempre eu falara em partir para África (quando mais nova, também falava na Índia). Quiseram perceber quem eram os Leigos e apoiaram a decisão de partir.

7) *Quais eram as preocupações e as expetativas que tinha antes de partir para à missão?*

As principais preocupações prenderam-se com questões de saúde, como seria se adoecesse. Em relação às expetativas, depois de fazer a formação, pensava muito se conseguiria chegar às populações com quem iria trabalhar, tinha algum receio que isso não fosse possível, mas estava bastante confiante.

8) *Quais foram os desafios com que se deparou na terra da missão e em que país fez esta experiência missionária?*

Um dos desafios foi mais pessoal, a questão da alimentação. Outro foi profissional, sendo professora, tive de me reinventar e adaptar-me às condições que tinha, assim como à realidade dos meus alunos. Um outro desafio foi a vida em comunidade, aprender a viver em comunidade e o que é o bem comum, em detrimento do bem individual. Mas foi um crescimento integral da minha pessoa.

*9) Descreva as reações da população local perante a sua presença e as suas atividades na terra da missão.*

Fui muito bem recebida, tanto pela comunidade onde vivia, no bairro, como pelos meus alunos, encarregados de educação, as populações com quem desenvolvia outras atividades. Acima de tudo, houve colaboração e cooperação em todas as atividades. Aprendi muito e sei que também ensinei e partilhei esse conhecimento.

*10) Quais atividades gostou mais de realizar, quando estava em terra de missão ?*

Gostei de tudo, mas foi muito gratificante dar aulas (no fundo a minha atividade diária) e trabalhar com as crianças das roças, que apresentavam outros desafios.

*11) De que sentiu a falta e o que deveria ser melhorado para que esta experiência missionária seja mais produtiva?*

Na altura em que fiz missão, o que mais precisei foi de material para trabalhar com os alunos. Não senti necessidade de mais nada no meu quotidiano, mas sei que se fosse agora, com a internet e outros meios digitais, a missão seria mais produtiva em relação ao meu trabalho com os alunos.

*12) Qual foi a reação da Igreja local perante as atividades que fez naquela terra?*

Muito boa. Tínhamos uma ótima relação com a Igreja e as diferentes comunidades religiosas. Fazíamos retiros e ajudávamos na catequese e nas eucaristias celebradas nas roças.

*13) O que sugeriria aos voluntários que partem nestes últimos tempos para essas terras das missões, tendo em conta as dificuldades atuais? O que devem levar ou fazer quando estiverem no terreno?*

Quem parte agora para missão tem outros desafios que não se apresentavam na altura em que fiz missão. Agora, com a internet, está-se mais perto do que deixamos em Portugal, e talvez seja esse o desafio maior, não deixar que a internet nos afaste da

realidade em que vivemos em missão e da missão em si. Quanto ao cerne da missão, é estar com a comunidade em que vivemos e com quem vivemos, continua a fazer sentido não pensarmos que somos mais importantes ou melhores e que sabemos tudo. Levar, pois, disponibilidade, abertura, resiliência e humildade. Em relação a algo mais prático e material, levar medicamentos específicos para situações mais comuns em países tropicais será importante.

**ENTREVISTADO nr.3 (E )<sup>267</sup>**

1) *Qual é a sua idade atual?*

31anos.

2) *Em que período realizou a sua missão em África ( o país onde que fez esta experiência missionário?*

Entre 2016 e 2018, no mês de agosto.

3) *Descreva as razões que o motivaram a fazer esta experiência missionária em África.*

- i) Ajudar os outros.
- ii) Testemunhar o evangelho.

4) *Com que idade começou a pensar em fazer uma experiência missionária em África.*

Aos 15 anos.

5) *O que o motivou a entrar nos leigos missionários Dehonianos ?*

- i) A espiritualidade dos Dehonianos.
- ii) As obras de misericórdia realizadas pelos Missionários Dehonianos, em África.
- iii) A proximidade com os Dehonianos, por razões trabalharam na minha paróquia.

6) *Quais foram as reações dos seus familiares mais próximos quando lhes disse que ia fazer uma experiência missionária em África?*

- i) Apoiaram-me com todo o coração.

7) *Quais eram as preocupações e as expetativas que tinha antes de partir para a missão?*

As preocupações:

- i) doenças.

As expetativas:

- ii) encontrar um povo acolhedor.

---

<sup>267</sup> Entrevista feita por via zoom.

8) *Quais foram os desafios com que se deparou em terra de missão ?*

- i) Não havia energia.
- ii) Falta de água potável para o povo local.
- iii) Falta de alimentação. A maior das famílias, dizia que comia uma refeição por dia.

9) *Descreva as reações da população local perante a sua presença e as suas atividades em terra da missão?*

Como já disse, as reações das pessoas eram de agradecimento total.

10) *Quais atividades gostou mais de realizar, quando estava em terra de missão ?*

- i) apoiar as crianças.
- ii) de dar aulas de inglês.
- iii) de dar formação cristã na paróquia.
- iv) de ensinar a catequese.

11) *De que sentiu a falta e o que deveria ser melhorado para que esta experiência missionária seja mais produtiva?*

Deveria haver mais tempo para os leigos fazerem esta experiência missionária. Períodos curtos de um mês, não são suficientes para a desfrutar. Estadias mais longas seriam mais produtivas na vida dos leigos

12) *Qual foi a reação da Igreja local perante as suas atividades naquela terra?*

- i) Foi de acolhimento total.
- ii) Encontrei grande espírito de abertura entre o clero local

13) *O que sugeriria aos voluntários que partem para as terras de missão, tendo em conta as dificuldades atuais? O que devem levar ou fazer quando estiverem no terreno?*

Os leigos têm de se preparar bem, antes de partir para a missão, em todos aspetos. Devem estudar a cultura, e a história dos países para onde vão prestar o seu serviço missionário.

**ENTREVISTADO nr. 4 (P.)<sup>268</sup>**

1) *Qual é a sua idade atual?*

49 anos.

2) *Em que período realizou a sua missão na Tanzânia*

Em 2002.

3) *Descreva as razões que o motivaram a fazer esta experiência missionário na Tanzânia.*

Senti a necessidade de realizar as obras de caridade, num ambiente diferente.

Fui motivado pela mensagem evangélica.

4) *Com que idade começou a pensar em fazer uma experiência missionária na Tanzânia?*

Aos 32 anos.

5) *Porque decidiu de juntar-se os leigos missionários da Consolata e não leigos de outras congregações?*

Motivou-me:

o testemunho dos missionários da Consolata que trabalhavam na minha paróquia

a necessidade de ajuda, quem sofre.

o carisma dos missionários da Consolata.

6) *Quais foram as reações dos seus familiares mais próximos quando lhe disse que ia fazer uma experiência missionária na Tanzânia?*

Ficaram preocupados.

7) *Quais eram as preocupações e as expectativas que tinha antes de partir para a missão?*

Preocupações:

---

<sup>268</sup> Entrevista feita por via zoom.

i) a dificuldade da língua(neste caso a língua local que é swahili<sup>269</sup>).

ii) doenças (malaria).

iii) os problemas de inculturação.

Expetativas;

i) Tinha várias expetativas relativas aos projetos. Algumas foram cumpridas, outras não por razões financeiras.

8) *Quais foram os desafios com que se deparou na Tanzânia?*

O problema da inculturação: (reconciliar a cultura local com a cultura ocidental).

9) *Descreva as reações da população local perante a sua presença e as suas atividades na Tanzânia?*

As pessoas ficaram surpreendidas, porque estavam acostumados a missionários que são padres.

O acolhimento foi muito positivo.

Fomos recebidos muito bem.

10) *Quais atividades gostou mais de realizar, quando estava na Tanzânia?*

Dar catequese.

Estar com as pessoas.

11) *De que sentiu a falta e o que deveria ser melhorado para que esta experiência missionária seja mais produtiva?*

Foi um momento marcante na minha vida.

As pessoas eram muitas simpáticas.

12) *Qual foi a reação da Igreja local perante as atividades que fez naquela terra?*

A reação foi muito positiva.

---

<sup>269</sup> É a língua oficial, da Tanzânia.

13) *O que sugeriria aos voluntários que partem para as terras de missão, tendo em conta as dificuldades atuais? O que devem levar ou fazer quando estiverem no terreno?*

O leigo deveria ir com a alma.

Se não te mudar, não vale pena a ir.

Aceitar a mudança de mentalidade.

Cultivar o espírito de abertura em relação ao povo local.

## ENTREVISTADO nr.5(G)

1) *Qual é a sua idade atual?*

45 anos

2) *Em que período realizou a sua missão em África?*

1997 – Guiné-Bissau – agosto, um mês.

2005 – Moçambique – agosto, um mês.

Em agosto de 2002 estava previsto partir para a Guiné-Bissau para uma experiência de dois anos. Contudo, uma gravidez inesperada da minha esposa, adiou esses planos.

3) *Descreva as razões que o motivaram a fazer esta experiência missionária em África.*

Foi o culminar de uma caminhada de formação com os missionários da Consolata. Sendo o IMC uma congregação Ad Gentes e estando eu ligado aos grupos juvenis e depois ao laicado missionário, foi algo de natural que aconteceu e que faz parte da identidade de ser Leigo Missionário da Consolata.

4) *Com que idade começou a pensar em fazer uma experiência missionária em África?*

Conheço os Missionários da Consolata deste pequeno, porque eram os padres da minha comunidade. Entrei nos Jovens Missionários da Consolata em 1991 e ao longo dos anos fui aprofundando o conhecimento e a identificação com a missão. Com o grupo de formação para o laicado em 1995 essa expectativa de fazer uma experiência missionária e foi alimentada e foi crescendo ao longo do processo formativo. A ida à missão, em 1997, foi o culminar do processo formativo e do discernimento vocacional que estava a fazer. A ida à missão cimentou o meu desejo de ser Leigo Missionário da Consolata.

5) *Quais foram as reações dos seus familiares mais próximos quando lhes disse que ia fazer uma experiência missionária em África?*

Os meus pais acompanharam a minha caminhada, pelo que não foi uma surpresa para eles, até porque era uma experiência de curta duração.

Quando em 2002 resolvemos partir para a Guiné-Bissau por dois anos, aí houve uma maior apreensão da parte deles, mas foram sempre compreensivos, porque era algo já muitas vezes falado.

Também os colegas e amigos partilharam com gosto este desejo.

6) *Quais eram as preocupações e as expectativas que tinha antes de partir para a missão?*

A principal preocupação na ida para a Guiné-Bissau, em especial quando decidimos fazer uma experiência de dois anos, foi relativa às questões de saúde, e às poucas ou inexistentes estruturas de saúde do país, tendo em conta que já conheci a realidade quando lá estive em 1997.

A expectativa era concretizar em primeira pessoa o ser missionário Ad Gentes.

7) *Quais foram os desafios com que se deparou na terra da missão ?*

Apesar disso um dos desafios é sempre a língua em especial quando estamos em missões do interior.

Depois é perceber onde podemos colocar as nossas competências técnicas ao serviço da missão. Eu sou Eng.º do Ambiente e Técnico de Segurança no Trabalho, pelo que não é algo de aplicação direta na missão, como por exemplo o são as competências de um profissional da saúde ou de um professor. Na Guiné-Bissau estive a planear e a fazer obras de saneamento na missão, além de pinturas e aulas de apoio a professores. Em Moçambique estive a apoiar trabalhos diversos na missão.

8) *Descreva as reações das pessoas locais perante a sua presença e as atividades que estava a fazer na terra da missão?*

Nós vamos sempre para uma missão que está inserida numa comunidade local, cujo trabalho já é conhecido. No entanto existe sempre uma curiosidade por parte dos locais em conhecer os novos missionários e o que os traz ali. Fomos sempre bem recebidos.

9) *Quais atividades gostou mais de realizar quando estava em terra da missão?*

Todas aquelas que foram úteis para a missão ou para a comunidade local.

10) *De que sentiu a falta e o que deveria ser melhorado para que esta experiência missionária seja mais produtiva?*

Em experiências de curta duração, de 1 mês a sensação no final é sempre a mesma, ou seja, seria necessário mais tempo.

11) *Qual foi a reação da Igreja local perante as atividades que fez naquela terra?*

Talvez me repita um pouco, mas facilita o facto de ter ido para uma missão que está inserida numa comunidade local. Numa experiência de curta duração, não fazemos nada, apenas nos inserimos e vemos e aprendemos.

12) *O que sugeriria os outros voluntários que partem nestes para as terras de missão, tendo em conta as dificuldades atuais? O que devem levar ou fazer quando estiverem no terreno?*

Neste momento faço parte da equipa que prepara voluntários para projetos de curta duração do IMC( Instituto Missionário da Consolata). O que diria sempre a alguém que quer fazer uma experiência missionária é inserir-se num grupo deste tipo e que faça uma preparação prévia à partida, para perceber a cultura, os costumes, as dificuldades, e o que poderá levar à missão onde se irá inserir. É preciso também ter consciência que um mês não dá para grande coisa e que vamos receber mais do que dar ou fazer a diferença. É necessário respeitar quem está na missão e conhece as comunidades locais e não julgar. Nestes tempos de pandemia, ter os pés bem assentes no chão e saber das possíveis consequências de adoecer no local e das frágeis estruturas de saúde existentes em muitos dos países de missão.

### **ENTREVISTADO nr.6 (M)**

1) *Qual é a sua idade atual?*

52 anos.

2) *Em que período realizou a sua missão em África?*

Entre 1999 e 2000.

3) *Descreva razões que motivaram para fazer esta experiência missionário em África.*

Dar testemunho de ser cristão, doar um período da minha vida, e ajudar.

4) *Com que idade começou a pensar em fazer uma experiência missionária em África?*

22 anos.

5) *O que o motivou a entrar na rede dos leigos para o desenvolvimento ?*

Uma ONG bem estruturada, forte formação pessoal e cristã, credibilidade

6) *Quais foram as reações dos seus familiares mais próximos quando lhe disse que ia fazer uma experiência missionária em África?*

Ficaram assustados, mas não se opuseram.

7) *Quais eram as preocupações e expectativas que tinha antes de partir para a missão?*

Como seria viver em comunidade.

8) *Quais foram os desafios com que se deparou em terra da missão?*

Cultura diferente, sentir que avançava menos do que gostaria, entraves logísticos.

9) *Descreva as reações da população local pessoas locais perante a sua presença e as atividades que estava a fazer na terra de missão?*

Acolhedoras.

10) *Quais eram as atividades que gostou mais de realizar quando estava em terra de missão ?*

Estar nas comunidades locais.

*11) De que sentiu a falta e o que deveria ser melhorado para que esta experiência missionária seja mais produtiva? São as coisas que precisou e viu que deveriam ser melhoradas para que esta experiência missionária fosse mais produtiva?*

Maior integração na vida das populações.

*12) Qual foi a reação da Igreja local perante as atividades que fez naquela terra?*

Muito acolhedora.

*13) O que sugeriria aos voluntários que partem nestes para as terras de missão, tendo em conta as dificuldades atuais? O que devem levar ou fazer quando estiverem no terreno?*

Ter um espírito aberto à diversidade. Não ser demasiado crítico. Esforçar-se por criar um espírito de comunidade com os colegas e com as populações.

## **ENTREVISTADO nr.7 (J.)**

1) *Qual é a sua idade atual?*

50 anos.

2) *Em que período realizou a sua missão em África?*

Estive em Angola, de novembro de 2006 a dezembro de 2007.

3) *Descreva as razões que o motivaram a fazer esta experiência missionária em África.*

Senti que precisava de mais alguma coisa para a minha vida, que o que tinha não era suficiente.

4) *Com que idade começou a pensar em fazer uma experiência missionária em África.*

33-34 anos.

5) *O que o motivou a entrar na rede dos Leigos para o desenvolvimento?*

Conhecia várias pessoas (amigos e família) que já tinham estado nos Leigos e sabia que era uma organização de confiança e que respondia àquilo de que eu andava à procura.

6) *Quais foram as reações dos seus familiares mais próximos quando lhe disse que ia fazer uma experiência missionária em África?*

A família mais próxima (pais irmãos, tios) não percebeu muito bem, não reagiu muito bem.

7) *Quais eram as preocupações e as expectativas que tinha antes de partir para a missão?*

O que me preocupava mais era talvez a vida em comunidade, com base em tudo aquilo que nos tinha sido passado na formação.

8) *Quais foram os desafios com que se deparou em terra de missão ?*

Acho que a vida em comunidade foi o principal desafio. De resto não me lembro de sentir assim grandes desafios.

9) *Descreva as reações da população local perante a sua presença e as suas atividades em terra de missão?*

Nós fomos muito bem recebidos, porque fomos substituir outra comunidade e trabalhámos com os Padres do bairro onde estávamos. Já estávamos bem enquadrados.

10) *Quais atividades gostou mais de realizar, quando estava em terra de missão ?*

Aquilo que me preencheu mais foram os cursos de Formação Humana que demos na paróquia. Também gostei do acompanhamento ao grupo de Mamãs (trabalho mais pastoral).

11) *De que sentiu a falta e o que deveria ser melhorado para que esta experiência missionária seja mais produtiva?*

Acho que a experiência missionária não é para ser “produtiva”. Acho que temos que ir estar e ir desenvolvendo algum trabalho. Se ele está bem enquadrado as coisas depois acabam por acontecer naturalmente. No nosso caso, íamos sem grandes projetos específicos porque a missão tinha estado numa fase de transição. Mas havia pouca gente (os Padres e nós) e muita coisa a fazer e de repente não tínhamos sequer um dia livre em simultâneo para os quatro membros de comunidade.

12) *Qual foi a reação da Igreja local perante as atividades que fez naquela terra?*

Boa, como disse já, nos conheciam através da comunidade anterior e por isso já havia uma ligação.

13) *O que sugeriria os outros voluntários que partem nestes últimos tempos para essas terras das missões, tendo em conta as dificuldades atuais? O que devem levar ou fazer quando estiverem no terreno?*

Que se deixem ir, sem medo. Não sei bem explicar isto, mas recomendo-lhes que aproveitem bem a experiência de estar em missão, desliguem um pouco do que ficou em casa. Depois dos Leigos, continuei em países “de missão” até hoje e das coisas mais importantes ainda é estar, desligar de casa e entregar-se ao sítio e às pessoas onde estamos. Este exemplo traz muitas vezes mais frutos do que fazer muita coisa.

## ENTREVISTADO nr.8 (T.)

1) *Qual é a sua idade atual?*

41anos.

2) *Em que período realizou a sua missão em África?*

Quênia, agosto de 2002.

Guiné-Bissau, agosto de 2008.

Costa do Marfim, agosto de 2013.

3) *Descreva as razões que o motivaram a fazer esta experiência missionária em África.*

**Quênia:** Na altura tinha 22 anos e esta experiência missionária foi parte da celebração dos 100 anos de presença dos missionários da Consolata no Quênia. Havia uma forte identificação com o trabalho dos missionários da Consolata e esta experiência foi a oportunidade de colocar em prática toda a formação teórica que tinha recebido nos anos anteriores.

**Guiné-Bissau:** O principal objetivo desta experiência missionária foi realizar um documentário sobre as condições de pobreza extrema da aldeia de Empada, onde trabalham as missionárias da Consolata. O documentário pode ser visto [aqui](#). Paralelamente foram lecionadas aulas de Português aos professores da escola da aldeia.

**Costa do Marfim:** Esta experiência missionária teve como principal propósito perceber como se pode fazer missão através do desenho de observação do real. O desenho foi o meio para entrar em contacto com as pessoas da aldeia de Marandallah. O diário de viagem deu origem a um livro que pode ser visto [aqui](#).

4) *Com que idade começou a pensar em fazer uma experiência missionária em África?*

Tinha 17 anos quando conheci os missionários da Consolata. Os testemunhos que davam do trabalho feito nas missões, conjugado com a boa formação humana e cristã que davam aos seus jovens, entusiasmou-me, levando-me a querer conhecer mais e envolver-me mais.

5) *Quais foram as reações dos seus familiares mais próximos quando lhes disse que ia fazer uma experiência missionária em África?*

Os meus pais sempre apoiaram a minha proximidade com os missionários da Consolata. Ficaram um pouco preocupados quando fui ao Quênia, mas penso que sabiam que seria uma experiência importante para a minha formação humana e cristã.

6) *Quais eram as preocupações e as expectativas que tinha antes de partir para a missão?*

Preocupações: malária.

Expectativas: partilhar uma felicidade muito grande de ser cristão, abrir horizontes.

7) *Quais foram os desafios com que se deparou em terra de missão ?*

Em Quênia, condições higiénicas.

Na Guiné-Bissau, o maior desafio foi ter de vir embora. Foi muito boa a experiência missionária com as irmãs da Consolata, plena de fé e ação.

Na Costa do Marfim, a língua.

8) *Descreva as reações da população local perante a sua presença e as suas atividades que na terra da missão?*

No início era sobretudo de espanto. Tocavam-me nos braços e queriam muito falar comigo. Com o tempo eu passava a ser mais uma pessoa na aldeia, o que transformou para sempre a minha perceção geográfica da humanidade. Eu podia ter nascido ali.

9) *Quais atividades gostou mais de realizar quando estava em terra de missão?*

Destaco a experiência na Costa do Marfim pois foi onde o desenho fez parte do ser missionário. Era um meio de interagir com as pessoas, um meio de conversa, de desbloquear barreiras, de criação ligações.

10) *De que sentiu a falta e o que deveria ser melhorado para que esta experiência missionária seja mais produtiva?*

Na missão, quanto mais forte for a comunidade de fé, melhor é a experiência. Quando a comunidade missionária tem o equilíbrio certo entre a oração e a ação, o benefício para a comunidade, e para quem partilha com ela algum tempo da sua vida, é muito valioso.

11) *Qual foi a reação da Igreja local perante as atividades que fez naquela terra?*

A igreja local recebeu muito bem todas as atividades. Foram especialmente importantes as aulas de Português a professores e o novo meio de interação com as pessoas a partir do desenho, que despertou muito interesse e possibilitou conversas com pessoas mais distantes.

12) *O que sugeriria os outros voluntários que partem para as terras de missão, tendo em conta as dificuldades atuais? O que devem levar ou fazer quando estiverem no terreno?*

Penso que o mais importante é ter clara a motivação da partida, ou seja, que o encontro com o outro num território tão desconhecido é fruto de uma identificação plena com o ser cristão. Que é isso que suporta as principais dificuldades encontradas. Depois, lembrar que é muito importante saber esvaziar o copo cultural europeu para conseguir receber os ensinamentos de uma cultura diferente. Perante situações mais difíceis, é também importante não julgar. Finalmente, a última sugestão é conseguir estar disponível para as pessoas.

## ENTREVISTADO nr.9(R.)

1) Qual é a sua idade atual?

56 anos.

2) *Em que período realizou a sua missão em África?*

De novembro de 1999 a dezembro de 2001, em Lichinga, província do Niassa, Moçambique.

3) *Descreva as razões que o motivaram a fazer esta experiência missionário em África.*

O espírito de justiça e solidariedade, de participação cívica e o voluntariado como expressão, os valores cristãos de interajuda. O querer conhecer e aprender com outras culturas para o meu crescimento e um maior sentido de vida.

Contribuir para promover um desenvolvimento integral das pessoas, por via das competências, dos valores e de um relacionamento interpessoal mais justo.

4) *Com que idade começou a pensar em fazer uma experiência missionária em África.*

Aos 18 anos.

5) *O que a motivou a entrar na rede dos Leigos para o desenvolvimento ?*

Partilhar dos mesmos valores cristãos, ser uma organização católica de leigos, ter uma proposta concreta e estruturada ao nível da colaboração num projeto, o acompanhamento da organização aos voluntários, a vivência comunitária com outras pessoas voluntárias e a espiritualidade.

A formação e todas as suas etapas (conteúdos, vivência espiritual e comunitária) dada pela organização e a sua responsabilização pelos futuros voluntários também foram determinantes para a escolha desta associação.

6) *Quais foram as reações dos seus familiares mais próximos quando lhe disse que ia fazer uma experiência missionária em África.*

Alguns disseram que estava louca e outros incentivaram e perceberam o porquê da experiência.

7) *Quais eram as preocupações e as expectativas que tinha antes de partir para a missão?*

Preocupações, mas que não geravam desânimo, só preparação interior para aquilo que se tivesse que enfrentar no terreno – como não ter eventualmente alimentos suficientes e não ter cuidados de saúde adequados em caso de acidente ou doença.

Expetativas – de aprender e conhecer pessoas marcantes, de poder ajudar com algumas competências. De poder dar um contributo útil às pessoas e ao projeto.

8) *Quais foram os desafios com que se deparou em terra de missão ?*

Maiores desafios ao nível da vivência comunitária entre os voluntários, no convívio e gestão relacional e de casa para que cada um se sentisse bem e pudesse ter as suas necessidades asseguradas. Contribuir para o equilíbrio de forma que cada um fosse um, mas também contribuir para a vivência comunitária.

Também ao nível da docência foi desafiante, porque eram muitos alunos por turma (60 alunos em aulas de Português de 11<sup>a</sup>) e não tinham livros. A minha opção foi resumir a matéria por capítulos para dar como apontamentos aos alunos e permitir assim que as aulas não fossem para fazer ditados da matéria, mas sim para ler e discutir.

9) *Descreva as reações da população local perante a sua presença e as suas atividades em terra de missão.*

Na maior parte das vezes a reação era positiva, porque éramos voluntários a trabalhar muito e a dar-mo-nos com todas as pessoas e a tratar todos de igual modo e de forma justa e humana. As pessoas reconheciam-nos como pessoas de confiança que tudo faziam para salvar a vida de alguém ou para que os alunos melhor aprendessem. As pessoas respeitavam-nos pelo nosso testemunho, algumas por sermos também católicos com eles, e outros pelo facto de, mesmo sendo católicos, nos darmos e trabalharmos com todas as pessoas de outras religiões para conseguirmos proporcionar uma vida melhor a todos.

Num ou noutra episódio ouviu-se algum comentário ou procedimento xenófobo, mas foi sempre tudo relativizado, porque não era personalizado, não era dirigido nós em particular, mas sim por sermos brancos e portugueses, o que podia ser ressentido como um relembrar da presença colonialista, no entanto isso nunca teve qualquer impacto no nosso dia a dia. E nós percebíamos que as pessoas tinham razões por sentir assim pela história que viveram anteriormente.

10) *Quais atividades gostou mais de realizar quando estava em terra de missão?*

Uma maratona contra a lepra, por ser esta doença uma realidade que achava que já nem existia e por permitir sensibilizar as pessoas a identificarem os sintomas e a tratarem-se e por ser feito com todas as forças vivas da província – Igreja Católica, outras religiões, autoridades administrativas, autoridades tradicionais.

A docência, pelo desafio de falta de recursos, mas muita motivação, disponibilidade e vontade de colocar os alunos a refletirem até sobre a vida.

A pastoral juvenil permitiu-me conhecer melhor os jovens e ajudar no reforço de valores e a vida na Paróquia, em diferentes ministérios. Também a vivência da espiritualidade de uma forma mais participada.

A formação humana na escola é igualmente de valorizar, porque apareciam mesmo as pessoas interessadas e isto era também muito positivo para a formação dos alunos.

11) *De que sentiu a falta e o que deveria ser melhorado para que esta experiência missionária seja mais produtiva?*

Não precisámos de nada essencial, no entanto teria ajudado às vezes haver sempre eletricidade ou pelo menos mais frequentemente. Teria sido útil houver um gerador para podermos utilizar mais o frigorífico e a luz para trabalhar e não termos que nos organizar para ir carregar computadores noutros locais. A maioria das vezes, à noite estávamos com velas, por outro lado isso também nos permitiu experienciar mais o lado da simplicidade de vida que as outras pessoas viviam na sua realidade e nós os voluntários só vivíamos por um ou dois anos.

12) *Qual foi a reação da Igreja local perante as suas atividades que fez naquela terra?*

Foi muito positiva, porque tudo foi feito em colaboração e com o conhecimento da Igreja, sendo os leigos parte da equipa missionária.

13) *O que sugeriria aos voluntários que partem para as terras de missão, tendo em conta as dificuldades atuais? O que devem levar ou fazer quando estiverem no terreno?*

Atualmente há mais desafios ao nível das vivências comunitárias, porque o recurso a mais tecnologias é muito tentador para os voluntários. Elas são levadas a eventualmente não estar a 100% lá, porque estão a seguir as suas redes sociais, estão também a comunicar muito mais do que há uns anos atrás, em que nem havia uma

tecnologia tão acessível diferenciada. Recomendo-lhes não levarem tecnologias extra e assim partilhem os recursos em casa e nos projetos.

Reforçaria o que já “escutam” na formação;

Para viverem focados lá, nos seus projetos e nas pessoas com quem se vão relacionar no trabalho, nas amizades e no cuidado à sua comunidade de voluntários.

Para não terem a tentação de quererem captar tudo em registo fotográfico porque se não deixam de estar, passam a ser observadores e não atores.

Para se entregarem com todos os esforços aos seus projetos de forma que estes possam evoluir e ser cada vez mais impactantes na vida das pessoas em cada missão.

Para escutarem as pessoas, as suas preocupações, os seus sonhos. Para quererem compreender melhor a cultura e a realidade das pessoas para julgarem menos.

Para se envolverem e participarem em várias dimensões da vida do dia-a-dia. Para se tornarem próximos das pessoas.

Para partilharem também a sua vida e para a viverem de forma simples. Para colaborarem com todos e darem testemunho cristão.

Para serem humildes a fim de poderem aprender com tudo, mesmo nas dificuldades e na diferença, para se poder fazer um verdadeiro acompanhamento individual e do projeto pela sede.

## **ENTREVISTADO nr. 10 (G)**

1) Qual a sua idade atual?

45 anos

2) Em que período realizou a sua missão em África (o país onde fez esta experiência missionário)

De 2011 a 2016 na República Centro Africana.

3) Escreva razões que motivaram para fazer esta experiência missionário em África.

Após uma experiência de 7 meses a trabalhar em África com uma organização humanitária, ficou o “apelo” de continuar em África, mas de forma diferente.

4) Em que idade começou a pensar em fazer uma experiência missionária em África.

Desde muito jovem, 16 – 18 anos.

5) O que é que lhe motivou para entrar aos leigos missionários Combonianos ?

Conhecer os Leigos Missionários Combonianos foi conhecer e entrar para a minha segunda família. O carisma comboniano fazia, e faz, todo o sentido. “Salvar África com África” é a única forma que entendo o fazer missão.

6) Quais foram as reações dos seus familiares mais próximos quando lhe disse que ia fazer uma experiência missionária em África.

Os mais próximos conhecendo o que sentia desde jovem apoiaram incondicionalmente.

7) Quais eram as preocupações e expectativas que tinha antes de partir para a missão?

A maior preocupação era a língua expectativas não tinha, estava disponível para “dar e receber”

8) Quais foram os desafios com que se deparou na terra da missão (no país onde se realizou esta experiência missionária ?

Nos primeiros meses foi a dificuldade de comunicação, o ter de aprender outra língua; foi a dificuldade em contactar com a minha família; em ter acesso a notícias do exterior (não havia internet e rede de telemóvel só algumas horas e em determinados lugares)... Depois veio a guerra e a insegurança nas deslocações, a dificuldade em adquirir bens essenciais.

9) Explica as reações de pessoas locais perante a sua presença e as atividades que estava a fazer na terra da missão?

Os leigos missionários são uma presença na região desde há vários anos, como tal a população está habituada “caras novas” cada dois ou três anos e sempre fomos bem recebidos.

O que fiz, foi dar continuidade às atividades da pastoral social da paróquia na área da saúde, sempre em ligação com o Centro de Saúde local, não fui fazer nada de novo.

10) Quais foram as atividades de que gostou de realizar, quando estava na terra da missão?

Gostei das campanhas de sensibilização para a saúde, que fazíamos periodicamente junto do povo pigmeu, nos acampamentos dispersos na floresta. Gostei de trabalhar em proximidade com os serviços de saúde, inclusive a nível distrital. Acima de tudo gostei de estar com o povo!

11) Quais são as coisas que precisou e viu que deveriam ser melhoradas para que esta experiência missionária fosse mais produtiva?

Para uma maior proximidade, com os mais distantes do centro e os que mais precisam, faltam estradas e meios de transporte...

12) Qual foi a reação da Igreja local perante as atividades que fez naquela terra?

Tudo o que fazíamos era com o conhecimento e consentimento da Igreja. Sempre trabalhei em comunidade apostólica e o nosso programa anual era elaborado de acordo com as necessidades manifestadas pela população.

13) O que sugeria os outros voluntários que partem nestes últimos tempos para essas terras das missões, tendo em conta as dificuldades atuais? O que devem levar ou fazer quando estiverem no terreno?

Devem levar Jesus, só com Ele é possível fazer missão. Devem partir sem a expectativa de que vão fazer ou mudar muita coisa. Devem partir disponíveis para estar e escutar, levando o coração receptivo a dar e receber, na certeza de que recebemos sempre mais do que damos.

14) Você pode enviar-me as fotografias onde realizou a sua experiência em África.

### **ANEXO 3: INQUÉRITO**

1. *Quanto tempo esteve em terra de missão?*
2. *Ilustre o impacto das atividades dos leigos missionários na vida do povo.*
3. *Qual foi a reação da Igreja local, diante das atividades que foram realizadas pelos leigos em terra de missão?*
4. *Você acha que vale a pena os leigos continuarem a prestar o seu serviço em África?*
5. *Ao seu ver, o que deve ser mudado ou melhorado para que esta experiência da missão seja marcante na vida dos leigos?*

**ANEXO 4: RESPOSTAS AO INQUÉRITO**  
**ENTREVISTADO nr. 1 (S)<sup>270</sup>**

1) *Quanto tempo esteve na terra da missão?*

Estive catorze anos em várias missões. Durante sete anos trabalhei com leigos. Ao todo foram dez leigos (sem contar os filhos!).

2) *Ilustre o impacto das atividades dos leigos missionários na vida do povo.*

Os leigos que trabalharam comigo tinham atividades no âmbito da educação e formação. Assim eles estavam muito mais próximos das pessoas com quem tinham contacto quase todos os dias, nas escolinhas com as crianças, na escola secundária e no internato com os jovens e os professores, no curso de agropecuária com os jovens e adultos. Além disso, alguns trabalhavam também na maternidade e no infantário. Certamente tiveram grande impacto na educação de muitos jovens e crianças que graças a eles usufruíram de melhores condições de aprendizagem e melhor cuidados no campo da saúde.

3) *Qual foi a reação da Igreja local, diante das atividades que foram realizadas pelos leigos em terra de missão?*

De facto, todos os leigos que trabalharam comigo também participavam das atividades pastorais e isso era muito bem visto e aceite pelas pessoas. Facilmente se integravam nas suas comunidades e apoiavam-nas em muitos aspetos, desde o ensinar a tocar viola, passando pela catequese, até mesmo em ajudar a preparar a liturgia da palavra. Pareceu-me sempre que o facto de partilhar a vida espiritual com a comunidade, fazia com que o relacionamento dos leigos com as pessoas locais fosse de maior confiança, levando a que olhassem para eles como exemplos de vida.

4) *Você acha que vale a pena os leigos continuarem a prestar o seu serviço em África?*

Certamente. É uma boa e única experiência para qualquer pessoa. Para o leigo, ajuda a ver o mundo com outros olhos e com maior profundidade, mas também para as pessoas da missão, porque eles se tornam referência e exemplo de alguém que é

---

<sup>270</sup> Também aqui por razões de privacidade, os missionários e missionárias, entrevistados/as que estiveram com os leigos na terra de missão, são assinalados/as, pela do inicial nome.

diferente, mas que pode partilhar tantos momentos da sua vida, mesmo aqueles difíceis. Também para os missionários eles podem ser aquela mão amiga que às vezes falta.

5) Ao seu ver, o que deve ser mudado ou melhorado para que esta experiência da missão seja marcante na vida dos leigos?

Penso que duas coisas são muito importantes, e aqui refiro-me aos leigos que vão ficar um tempo longo: a preparação dos leigos e a preparação dos missionários.

A preparação do leigo é importante e deve ser feita pelos missionários com um acompanhamento regular que os ajude a perceber e enfrentar melhor a realidade que vão encontrar em todas as dimensões da vida e aqui acho também importante a dimensão espiritual e pastoral.

Por outro lado, acho muito importante que os missionários que acolhem os leigos sejam capazes de ver neles não apenas uma ajuda para realizarem o que necessitam, mas tenham a coragem de confiar-lhes as atividades que eles podem, com as suas próprias qualidades, levar adiante reconhecendo que têm o direito de agir, de errar e de aprender tal como o próprio missionário.

## ENTREVISTADO nr.2(H.)

1) *Quanto tempo esteve em terra de missão ?*

1999 – Guiné -Bissau.

2012 – Cabo Verde.

2019 – São Tomé.

2) *Ilustre o impacto das atividades dos leigos missionários na vida do povo?*

- Não se pretendia criar nada do zero, mas reforçar aspetos já existentes.
- Impacto escolar e educacional: reforço escolar; qualificação dos professores.
- Temáticas de justiça e paz, política, educação sexual e familiar.
- Desmistificar a realidade vivida na Europa.
- Partilha da fé.

3) *Qual foi a reação da Igreja local, diante das atividades que foram realizadas pelos leigos em terra de missão?*

- Foram bem acolhidas. Trouxeram uma compreensão mais ampla da missão, que deve ser vivida por todos.
- Iluminou o papel e lugar dos leigos.

4) *Você acha que vale a pena para os leigos continuarem a prestar o seu serviço em África*

- Vale a pena qualquer experiência que permita à Igreja, leigos e clero, entender aspetos como: partir, evangelizar, acolher, respeitar, conhecer, promover. Isto é saudável para a nossa fé. Em qualquer parte do mundo.
- É saudável sair da nossa terra para conhecermos melhor os outros, nos conhecermos melhor e nos comprometermos mais

5) *Ao seu ver, o que deve ser mudado ou melhorado para que esta experiência da missão seja marcante na vida dos leigos?*

- Deve ser dada uma preparação adequada.

- Deve ser promovida a participação ativa na missão que já acontece no terreno.

Deve haver cuidado para não criar estruturas e necessidades de acordo com o nosso olhar de europeus.

- Deve ser praticada uma releitura da experiência.

- Deve haver compromisso na minha comunidade /sociedade.

### ENTREVISTADO nr.3(L)

1) *Quanto tempo esteve em terra de missão?*

Eu fiquei com os leigos missionários, durante dois meses em Maua<sup>271</sup>

2) *Ilustre o impacto das atividades dos leigos missionários na vida do povo?*

Os leigos italianos que vinham da diocese de Milão ajudaram muito na evangelização do povo. Durante estes dois meses, ensinaram aos responsáveis do grupo dos jovens a fazer o encontro do tempo de verão, com jogos, pintura, pequenas construções, alguns teatros. Ensinaram a língua italiana; e ajudaram a pintar o centro catequético de Mwandotoesse e a fazer a manutenção dos carros. Socorreram várias mulheres grávidas que não tinham como ir ao hospital. Ofereceram às crianças cadernos, uniforme e sapatos.

3) *Qual foi a reação da Igreja local, diante das atividades que foram realizadas pelos leigos em terra de missão?*

A atitude da Igreja foi de júbilo e agradecimento, pela mão vinha de fora. Porque os leigos foram um instrumento de ajuda, para o desenvolvimento do povo. Sendo condicionados por causa do não conhecimento da língua portuguesa, eles procuraram comunicar através dos gestos. Isto impulsionou a diocese a convidá-los de novo. Com a pandemia a coisa ficou parada.

4) *Ao seu ver, o que deve ser mudado ou melhorado para que esta experiência da missão seja marcante na vida dos leigos?*

Eu não digo que os leigos têm algo a mudar, o que se pode mudar é, que eles não podem permanecer só nas paróquias onde os missionários da Consolata trabalham. Em parte, têm razão, porque são os da Consolata que os convida e os acolhe. Tratando-se de uma igreja local, eu diria que aí onde são enviados devem contemplar a igreja local, isto é, nas paróquias onde os padres diocesanos e as irmãs diocesanas trabalham. Então esses leigos deveriam também dar uma mão para que a pastoral da criança, dos jovens e tudo mais, esteja no mesmo nível.

---

<sup>271</sup> Uma região localizada, em Moçambique.

## ANEXO 5: FOTOGRAFIAS E PROJETOS DOS LEIGOS DA BOA NOVA NA MISSÃO EM MOÇAMBIQUE

- i) Formação cristã de lideranças femininas em Ocua .



- ii) Curso de Catequistas na Paróquia Maria Auxiliadora em Maputo



iii) Projeto Gotas de Vida- Construção de uma Cisterna em Pemba



IV) A construção completa da Cisterna em Pemba



## **ANEXO 6: FOTOGRAFIA E PROJETO DOS LEIGOS COMBONIANOS NA REPÚBLICA CENTRO AFRICANA**

i) Centro de Reabilitação- Dati

Ndoyé

